

BH/UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO POPULAR

**A Produção de Sentidos no Cotidiano de um Projeto Alternativo de
Educação**

LUCIANA MATIAS CAVALCANTE
FORTALEZA-CEARÁ

2002

BH/UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO POPULAR

A Produção de Sentidos no Cotidiano de um Projeto Alternativo de
Educação

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM
EDUCAÇÃO COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE

LUCIANA MATIAS CAVALCANTE
FORTALEZA-CEARÁ

2002

AGRADECIMENTOS

BH/UFC

Quero expressar meus agradecimentos a todos que contribuíram, direta ou indiretamente para a realização deste estudo, especialmente:

Maria Nobre Damasceno – Orientadora,

Alunos, professores, coordenadores e funcionários do projeto Reconquistar,

Aos integrantes do grupo de pesquisa “Entre o Sonho e a Realidade – Educação e Perspectiva de Trabalho para os Jovens Face à Reestruturação Produtiva”,

Eliane Dayse Furtado,

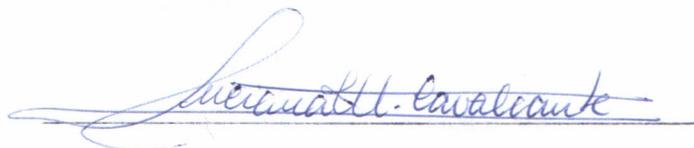
Sandra H. Petit,

Kelma Matos,

Aos meus familiares, especialmente, Afrânio Bezerra de Souza, companheiro e amigo.

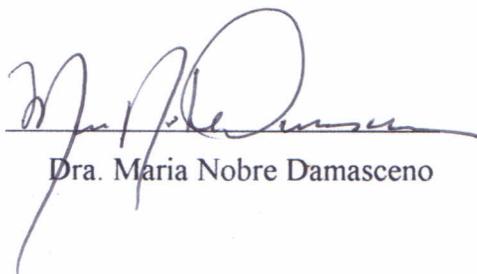
Esta dissertação foi submetida, como parte integrante dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Mestre em Educação, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados, na Biblioteca Central da Referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta dissertação é permitida desde que seja feita de conformidade com as normas de ética científica.



Luciana Matias Cavalcante

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29 de abril de 2002



Dra. Maria Nobre Damasceno

Dra. Eliane Dayse P. Furtado

Dra. Kelma Socorro L. de Matos

PRINCIPAIS SIGLAS

- AEC – Associação das Escolas católicas
- CEARAH PERIFERIA – Centro de Estudos, Articulação e Referência sobre Assentamentos Humanos
- CEB'S – Comunidades Eclesiais de Bases
- CEPLAR – Campanha de Educação Popular
- CNER – Campanha Nacional de Educação Rural
- CUT – Central Única dos Trabalhadores
- DED – Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social
- FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador
- FMI – Fundo Monetário Internacional
- LDBEN – Lei, Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC – Ministério de Educação e Cultura
- MOBRAL – Movimento brasileiro de Alfabetização
- MST – Movimento dos Sem Terra
- ONG – Organização Não Governamental
- PEA – População economicamente Ativa
- PEQ – Plano Estadual de Qualificação
- PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular
- PNA – Plano Nacional de Alfabetização
- PO – Pastoral Operária
- SINE – Sistema Nacional de Emprego
- UFC – Universidade Federal do Ceará

ÍNDICE

RESUMO

RÉSUMÉ

PARTE I – RESGATE HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO INVESTIGADO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO I – O lócus de investigação – um resgate histórico da experiência	15
- Resgatando os primeiros passos	17
- O momento atual	19
2. O Perfil dos participantes dessa investigação – participação e integração nas atividades do Reconquistar	21
- O perfil do aluno na voz dos educadores	24
- O perfil do educador	27
CAPÍTULO II	32
1. Abordagem Metodológica	32
- Procedimentos de investigação	35

PARTE II – O CONTEXTO HISTÓRICO E AS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO POPULAR

CAPÍTULO III	41
1. Educação Popular – um tema em debate	41
2. Outros encontros com a Educação Popular	48
3. O papel da Igreja Católica e sua concepção educacional	58
- A mística – outro modo de fazer Igreja e Escola ?	64

PARTE III – CULTURA, FORMAÇÃO E TRABALHO – AS REPRESENTAÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR E SEUS DIRECIONAMENTOS CURRICULARES

CAPÍTULO IV	67
1. A experiência do Reconquistar	67

2. Os encontros e desencontros entre as concepções e as práticas – lançando um olhar acerca das propostas políticas, de escolarização e profissionalização articuladas no processo formativo	71
3. Os Conteúdos	73
- Opções docentes diante de atitudes e perspectivas do capital cultural do aluno	73
- Aceitação e rejeição aos conteúdos trabalhados	75
- Disciplinas de conteúdos especiais – Habilidade de Gestão e Informática: entre a formação crítica e as novas tecnologias	78
- Habilidade de Gestão	78
- A Informática	81
4. Os fazeres cotidianos e as concepções pedagógicas	88
- As concepções progressistas de educação mediadas pela experiência	88
- O respeito e valorização aos saberes dos educandos	88
- A ênfase na formação crítica	93
- A reflexão crítica sobre a prática	96
- Autonomia e participação dos educandos	97
- O diálogo e amizade como caminho para o entendimento	98
- A educação como meio de intervenção na sociedade	102
- A busca pela interdisciplinaridade	103
5. Avaliação	107
- Novas propostas para velhos significados	107
- Como esses sujeitos compreendem sua prática avaliativa	110
- Uma avaliação que alcance a vida do sujeito	111
- Uma avaliação flexível pautada pelo diálogo	111
- Uma avaliação que faz o aluno se interessar por outros aspectos, não só o conteúdo	111
- Contribuições do Reconquistar presente nos depoimentos	112
- Elevação da auto-estima	112
- Volta à escola	114
- Formação política	115
CAPÍTULO V	119
1. O currículo como categoria central na compreensão do processo formativo	119

2. O saber popular e o conhecimento curricular – as intervenções de uma contracultura	124
CAPÍTULO VI	132
1. O significado do trabalho na perspectiva dos participantes do Reconquistar	132
2. O cotidiano do trabalhador e seus projetos de vida	136
- Projetos de vida e profissão	138
- As necessidades impulsionam a busca por trabalho	141
- Divisão social do trabalho	143
- Educação e trabalho	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
ANEXOS	160

RESUMO

O presente trabalho discute os direcionamentos da Educação Popular, os fazeres e concepções pedagógicas dessa proposta educativa, assim como os confrontos impulsionados pelos saberes que permeiam esse ambiente. A discussão proposta neste estudo é feita a partir de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, desenvolvida numa experiência de educação organizada pela sociedade civil – o Projeto de Capacitação Profissional do Grande Jangurussu / Reconquistar – que objetiva contribuir para a superação das condições de pobreza e desemprego, assim como enfatizar em sua proposta educativa a formação crítica. Os resultados finais apontam para a opção por desenvolver uma prática educativa, levando em consideração as concepções de Educação Popular que vão além das questões instrumentais, procurando desenvolver valores diferentes daqueles enfatizados pela cultura dominante, quando, por exemplo, prioriza a solidariedade em vez da competição, o respeito à natureza que se contrapõe à noção capitalista de apropriação material, o diálogo e respeito ao outro que supera o individualismo, a participação em vez do autoritarismo, enfim um cotidiano onde o currículo oculto e vivido reflete o compromisso com a luta contra-hegemônica na busca de transformação das relações vividas em nossa sociedade. Estes direcionamentos que caracterizam as ações do projeto Reconquistar vão de encontro às perspectivas dos alunos que diante das necessidades imediatas de sobrevivência buscam a partir da profissionalização e escolarização superar sua condição social, constituindo-se no estímulo primeiro para a participação, modelando os desejos e anseios desses sujeitos diante da educação formal.

RÉSUMÉ

Ce travail discute l'Education Populaire à partir des actions et conceptions pédagogiques qui pénètrent les pratiques développées par les participants d'une expérience éducative non gouvernementale dont les activités ont commencé en 1998 dans la région du *Grande Jangurussu* - o Projeto de Capacitação Profissional do Grande Jangurussu / Reconquistar (le Projet de Capacitation Professionnelle du *Grande Jangurussu* / Reconquérir) avec le but de contribuer à surmonter des conditions de pauvreté, chômage et mettre en relief dans sa propositions éducative et formation critique. La discussion proposée dans cette étude est faite à partir d'une recherche qualitative du type ethnographique, où les résultats finaux indiquent une option de développer des valeurs différentes de celles qui ont été mises en relief par la culture dominante, quand, par exemple, elle a comme priorité la solidarité à la place de la compétition, le respect à l'autre qui essaie de surmonter l'individualisme, la participaion à la place de l'autoritarisme, enfin, un cotidien où le curriculum caché et vécu reflet le compromis avec la lute contre-hégémonique à la recherche d'une transformation des relations vécues dans notre société. Ces directionnements qui caractérisent les actions du projet Reconquistar (Reconquérir) s'opposent aux perspectives des élèves que, face aux nécessités immédiates de survivance, cherchent à partir de la professionalisation et scolarisation à surmonter leur condition sociale, qui constitue dans la stimulation première pour la particiation, qui modèle les désirs de ces sujets devant l'éducation formelle.

*Sonhos, Lutas e Conquistas**Emanuel Evangelista¹*

*Como é bom lutar sonhando
Na certeza de vencer
Vendo o amor prevalecer
Quando à luta está somando
Criando e recriando
Sem fugir, sem recuar
Sabendo amar e sonhar
Com a força da unidade
Conquistando a liberdade
Para um sonho realizar*

*Sonha eu, sonha você
Sonha o poeta que canta
Nosso sonho desencanta
Faz a história acontecer
Faz um grito enfiar
Para uma nação acordar
Sonhar sem medo e lutar
Reconquistar nossa história
Sentindo o gosto da vitória
Por amor lutar e sonhar*

*P.O, nosso berço santo
Aonde o sonho (re)sonha
Aonde a luta apaixona
A cada passo, em cada canto
Tem a história dos sonhos tantos
Os sonhos dos lutadores
De Joaquim, Santo e Dolores
Os sonhadores de nossa história
Do compromisso à memória
O que nos faz sonhadores.*

¹ Membro da Pastoral Operária e presidente da Associação Santo Dias, poeta repentista que escreveu o poema acima para representar o Reconquistar.

Parte I

**Resgate Histórico e Caracterização do Universo
Investigado**

INTRODUÇÃO

Diante dos novos contornos por que passa a sociedade contemporânea, principalmente pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, numa redefinição das estruturas econômicas e políticas impulsionada pela lógica neoliberal, pela globalização, a ampliação do mercado não mais nacional, mas agora mundial, por conseguinte transformações sociais que direcionam para novas formas de interação, novas formas de vida, acrescentando ao contexto uma crise de valores, de idéias, de organização cotidiana. Todos esses parâmetros direcionam para mudanças também significativas nos debates epistemológicos cerceados por essa realidade.

Em meio a essa acentuada transformação por que vem passando a sociedade pós-moderna, destaca-se a ênfase na racionalidade instrumental para suprir o embate competitivo gerado pela corrida científica e tecnológica, diante também da busca de redefinições na identidade do homem pós-moderno, que deve pautar-se pelo capitalismo e, acima de tudo, capaz de integrar-se nessa nova lógica econômica.

Essa nova ênfase racional, direcionada para a instrumentalização vem sendo contestada em sua supremacia por outras formas de apreensão da realidade que destacam a produção cultural dos mais diversos segmentos sociais, as subjetividades e contra-representações, as necessidades e desejos sociais que se contrapõe àqueles propagados pelo capital.

A partir dessa compreensão, este estudo se desdobra em dois eixos básicos: *as representações² da Educação Popular e a Formação*, ancorados em estudos culturais, por ser esta premissa a substância predominante na educação, seu conteúdo e justificativa. Essas dimensões caracterizam os direcionamentos presentes na pesquisa, no embate teórico e ainda nas conclusões aqui apresentadas.

² Entendida a partir das idéias discutidas por Berger e Luckmann (1985), onde as representações sociais estão ligadas às relações sociais e a organização de processos simbólicos, tomando-as como princípios que direcionam tomadas de posição, levando em consideração o olhar subjetivo e objetivo acerca da realidade, as experiências advindas do cotidiano e do mundo instituído. Neste sentido, como os sujeitos compreendem a Educação Popular e desenvolvem suas práticas situando-as num conjunto de direcionamentos pedagógicos.

O objetivo deste trabalho é contribuir nos estudos referentes à Educação Popular desenvolvida fora do aparato estatal, enfatizando aspectos culturais que permeiam as relações nesse ambiente, descrevendo seus caminhos e fazeres pedagógicos, a partir de uma pesquisa etnográfica em um projeto educacional que está sendo desenvolvido na região do Grande Jangurussu³ – Projeto Especial de Capacitação Profissional do Grande Jangurussu / Reconquistar⁴. Assim, também busca contribuir na reflexão que constantemente se faz nesse espaço educativo acerca das práticas pedagógicas e organização desse projeto.

Essa experiência alternativa de educação é considerada por seus integrantes como inovadora no Estado do Ceará por estar organizada em três dimensões, que são: o Ensino Profissionalizante, o Ensino Fundamental e a Gestão, disciplina voltada para formação política, e principalmente pelo caráter popular que atribuem aos seus direcionamentos pedagógicos. Dessa forma, os sujeitos que participam dessa iniciativa educacional são preparados tecnicamente para uma profissão, conseguem dar continuidade a sua escolarização no que concerne ao Ensino Fundamental e, numa disciplina específica, discutem questões referentes a cidadania e a formação política.

Este estudo está organizado em três partes distintas, mas complementares, que surgem na sistematização das idéias aqui apresentadas. Inicialmente, percorre-se os trilhos da caracterização, apresentando um resgate histórico da experiência, seus primeiros direcionamentos e aspectos ligados a sua situação atual. Acrescenta-se ainda, um perfil dos educandos e educadores que representa, em certa medida, o olhar docente acerca do mundo do educando, o mundo da vida, que constitui também certo diagnóstico dos espaços sociais ali presentes, das suas dificuldades socioeconômicas, enfim de sua cultura.

³ O Grande Jangurussu possui aproximadamente 80 mil habitantes, distribuídos em 26 ocupações de terra com 5.557 famílias, 5 grandes bairros com 8.400 famílias, 7 mutirões habitacionais com 778 famílias e 6 conjuntos habitacionais com 6.200 famílias.

⁴ Esse projeto é organizado pela Pastoral Operária em parceria com a Cáritas Regional Brasileira, a CUT (Central Única de Trabalhadores), DIEESE, Projeto Reconstrução – SP, Escola Técnica Federal do Ceará, Sistema Nacional de Emprego (SINE-Ce).

Ainda, essa primeira parte da reflexão direciona o leitor pelos caminhos metodológicos percorridos na pesquisa de campo, caracterizando os encontros com os sujeitos, descrevendo assim, as opções teórico-metodológicas que fundamentam os procedimentos de investigação. Nesse capítulo faz-se, também, uma caracterização dos instrumentos utilizados na coleta de dados durante o processo de aplicação desses subsídios.

A segunda parte organiza-se em dois momentos, constituintes essenciais da reflexão acerca dos direcionamentos da Educação Popular e das práticas que caracterizam o processo formativo da experiência educacional aqui estudada. Nas primeiras considerações retrata-se os percursos sócio-históricos na construção das concepções de Educação Popular no período de 60 a 80, num contexto onde as lutas políticas na busca da democracia eram mais acirradas por estarem cerceadas pela opressão do regime militar e por uma economia instável influenciada pela guerra fria que predominava no mundo internacional; a ampliação dessas concepções que se fazem em meados dos anos 90, tanto pelo crescimento dos Movimentos Sociais, pelas lutas pontuais de grupos que vivem situação de opressão não só econômicas, mas que passam a representar um espaço também de atuação para a Educação Popular, buscando aspectos que possam explicar as crises por que passa esses setores, reflexo da crise social frente ao modelo político neoliberal e todo contexto de redefinição das bases epistemológicas.

Seguindo essa discussão um pequeno esboço teórico sobre o papel educativo da Igreja Católica, procura demonstrar os laços ideológicos da experiência de educação aqui discutida com a Pastoral Operária⁵, movimento organizado e fundamentado na Teologia da Libertação e que impulsiona as concepções políticas e, portanto, os objetivos das atividades desenvolvidas no Reconquistar.

A terceira e última parte deste estudo refere-se ao processo formativo, enfatizando os momentos pedagógicos e as concepções de educação ali vivenciadas. Para essa abordagem prioriza-se os estudos desenvolvidos pela teoria crítica acerca da organização e desenvolvimento do currículo, contando com a contribuição de alguns estudos, principalmente àqueles desenvolvidos por Paulo Freire, nas reflexões impulsionadas pelos direcionamentos

⁵ Uma Pastoral Social da Arquidiocese de Fortaleza – área III.

pedagógicos dos educadores; Habermas e Thompson, no que concerne as discussões acerca da produção cultural e saberes construídos nas experiências; Giroux, Silva, MacLaren e outros ao enfatizar o currículo numa perspectiva da política cultural.

Acrescidos a este estudo curricular desenvolve-se em última instância uma reflexão acerca dos sentidos do trabalho, as necessidades vividas nesse universo próprio da sobrevivência humana, principalmente na tentativa de entender o regresso ao espaço escolar, a busca pela profissionalização e as intenções curriculares nesta perspectiva.

O que caracteriza a ênfase atribuída ao trabalho é a tentativa de compreender, na voz dos interlocutores, que significados possui o trabalho em suas vidas, explicitado muitas vezes em atitudes de negação por ressaltar seu caráter opressivo, “aprisionado” à sobrevivência e, por vezes, ressaltados em atitudes de afirmação, expressa em aspectos ligados a dignidade e a realização pessoal; refletir também acerca da divisão social do trabalho (raça, sexo, idade, aparência, situação socioeconômica) e as dificuldades enfrentadas para sua inserção nesse mercado, por fim, entender qual a relação que estabelecem entre educação e trabalho.

CAPÍTULO I

1. O lócus de investigação – um resgate histórico da experiência

O projeto Reconquistar iniciou suas atividades em novembro de 1998. Basicamente, foi nesse período que a experiência tomou corpo, mas a sua construção nasceu de debates em seminários feitos anteriormente, organizados pela Associação Santo Dias-ONG através da Pastoral Operária que reuniu vários agentes sociais no 1º Fórum sobre o desemprego no Grande Jangurussu.

As discussões tinham por base uma pesquisa realizada por essa pastoral com o apoio da organização não governamental – Cearah Periferia⁶ – no ano de 1997, que caracterizou a região do Grande Jangurussu apontando indicadores alarmantes: a maioria da população economicamente ativa (PEA) tinha em média 3 anos de escolaridade e não tinha qualificação profissional. A pesquisa mostrou também que nessa região 17% da PEA encontrava-se no mercado formal, 49% no mercado informal e 34% estava desempregada, sem nenhuma renda.

Assim, desse Fórum foi tirada uma comissão que preparou o Seminário: “Educação e Formação Profissional”, realizado em dezembro de 1997. Neste encontro participaram representantes de várias entidades, entre elas: Reconstrução – ONG/SP, Cáritas Brasileira Regional Ceará, Associação das Escolas Católicas – AEC/CE, Central Única dos Trabalhadores – CUT/CE, Universidade Federal do Ceará - UFC, Unitrabalho, Cearah Periferia, Sistema Nacional de Emprego – SINE/Ce, Pastorais Sociais, Associações Comunitárias e moradores da região do Grande Jangurussu. Desse e de outros seminários surgiu o esboço de um Projeto Profissionalizante que integrasse educação, profissão e cidadania – o Projeto Especial de Capacitação Profissional do Grande Jangurussu / Reconquistar. Um dos educadores desse projeto participou de sua elaboração e relata:

O Projeto Reconquistar, eu participei assim, do início, das primeiras movimentações que se fazia aqui, que era no Palmeiras, visitas nas casas e a partir daí um seminário que foi realizado juntamente com alguns moradores

⁶ Organização Não Governamental que prioriza em sua atuação o problema habitacional da população menos favorecida. Trabalha também com a formação de pesquisadores populares.

e se viu a necessidade de se trabalhar a questão do mundo do trabalho, né, principalmente, porque a maioria das pessoas aqui do Grande Jangurussu não tinha emprego, né, e a maioria das pessoas também eram analfabetas e com isso houve essa tentativa de ter um trabalho onde em primeiro lugar era a educação de quem não sabia ler nem escrever.

Essa experiência educacional foi financiada, inicialmente, pelo Plano Estadual de Qualificação – PEQ/CE via recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador, contando ainda com recursos da Província de Bolzano⁷ na Itália, por intermédio da Pastoral Operária, que financiou mais diretamente o material permanente dos cursos. Também recebeu ajuda financeira do *Deutscher Entwicklungsdienst* - DED (Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social), bem como contribuições de amigos.

Essa proposta de educação é considerada por seus membros como diferenciada por caracterizar-se principalmente pelo aspecto popular e por ter nascido da iniciativa de uma organização não governamental (ONG) – Associação Santo Dias, vinculada indiretamente a Igreja Católica pela participação da Pastoral Operária e que, também se apresenta como uma iniciativa de resistência à exclusão e de formação política. Uma das educadoras entrevistadas caracteriza bem essa proposta educacional:

A diferença está exatamente por atender a um público que é excluído, pra mim essa é uma das coisas fundamentais, é que são pessoas que tavam fora da escola, fora de faixa, não tavam estudando mais, não tinham perspectiva de vida. Então, atinge a estas pessoas, acho que isso é fundamental, uma das coisas que me prende no projeto é essa (...) trabalhar a proposta política de conscientização é uma diferença entre as outras propostas que existem por aí até mesmo de outras associações, entidades que também tentam fazer um trabalho alternativo, mas que é... Há uma diferença porque aqui se trabalha também a consciência política, crítica, acho muito importante e diferencia também porque você faz essa ligação entre o profissional, cursos profissionalizantes ao ensino fundamental, o espaço que eles vão adquirindo aqui na própria comunidade, né, de amizade, de conhecimento, de ser responsável pela escola e pelo projeto, muitas diferenças.

Entre as características dessa experiência educacional podemos destacar o fato de ser construída fora do espaço público e de fazer opção pelos excluídos: homens e mulheres, jovens e/ou adultos fora do mercado de trabalho, com escolaridade incompleta e em situação

⁷ Província ligada a Igreja Católica

social de risco (sem escolarização, sem renda fixa, morando em áreas de risco, etc.), mulheres desempregadas e mães solteiras, deficientes físicos, membros de famílias numerosas nessas mesmas condições socioeconômicas⁸.

- Resgatando os primeiros passos⁹:

Os educadores participaram do período de inscrição e seguindo os critérios apresentados na proposta político-pedagógica a coordenação selecionou o público a fim de preencher 6 turmas com, no máximo, 35 alunos cada: 3 turmas de Corte e Costura, sendo 1 para cada turno, e 3 turmas de Elétrica Residencial, organizadas da mesma forma.

Durante o primeiro mês, mais direcionado para uma sondagem pedagógica, nota-se que uma parte significativa dos alunos ainda não tinha sido alfabetizada e, por isso não conseguiam acompanhar os trabalhos nas turmas da Suplência¹⁰. Esse problema foi discutido no coletivo (professores e coordenação) que decidiu pela criação de turmas de Suplência I, equivalente a 1ª fase do ensino fundamental, para atender a essa demanda. Assim, o projeto inicia com essa organização: os alunos estavam distribuídos por cursos técnicos sem observar critérios de escolaridade, mas no ensino fundamental essa questão seria considerada e novas turmas seriam criadas com objetivo mais direto de alfabetizar e desenvolver atividades voltadas para a Suplência I.

Foram realizados encontros para discutir a proposta pedagógica, fundamentada em abordagens desenvolvidas por Paulo Freire em seus estudos (dialógica) e na interdisciplinaridade, onde o conhecimento técnico deve caminhar em sintonia com o conhecimento humano (Habilidade Básica) facilitando a aprendizagem, e também, para organizar a grade curricular oficial em módulos.

⁸ Dados obtidos no projeto político-pedagógico do Reconquistar, apresentado ao PEQ/2000.

⁹ Devo registrar aqui que participei do Reconquistar como educadora por um período de dois anos e como coordenadora pedagógica apenas por um semestre. Na época em que lecionava nessa escola só funcionavam dois cursos profissionalizantes ligados a Gestão e a Suplência I e II, equivalente a 1ª e 2ª fase do ensino fundamental, respectivamente.

¹⁰ A Suplência é uma nomeação que se faz aos níveis do Ensino Fundamental, seguindo orientações do EJA – Educação de Jovens e Adultos. Suplência I – Ensino Fundamental I (1ª à 4ª série); Suplência II – Ensino Fundamental II (5ª à 8ª série).

Como a proposta era trabalhar a interdisciplinaridade a partir dos direcionamentos teóricos de Paulo Freire, numa metodologia direcionada por temas geradores, foi preciso que os educadores de cada curso sentassem sistematicamente para discutir os conteúdos relevantes a cada módulo.

Dessa forma, partindo da proposta do curso técnico, a Suplência organiza sua grade curricular. Por exemplo, na turma de Corte e Costura era proposta discutir a escolha dos tecidos para os cortes mais apropriados, então a Suplência podia explorar as origens de cada tecido, sua fabricação, a qualidade e respeito ao meio ambiente, podia trabalhar na Matemática a compra e venda de tecidos, na História os processos históricos da roupa, sua função social e trazer uma reflexão crítica sobre a dificuldade que muitos têm em se integrar à sociedade por conta da roupa que usa, enfim é um tema que vai gerando outros temas e que é capaz de integrar as disciplinas.

As necessidades iam surgindo e novas atitudes eram pensadas na tentativa de solucioná-las. De certa forma, essas intervenções significavam uma redefinição na organização da experiência. Ao longo do curso, por exemplo, os educadores perceberam que as aulas ficavam soltas porque os alunos não tinham consigo um material de registro, apesar de terem recebido caderno, caneta, etc. A partir dessa constatação resolveram montar a primeira apostila direcionada a Suplência e, para isso, utilizaram as próprias produções dos alunos, letras de músicas, textos produzidos pelos educadores, textos de outros autores, chegaram a escrever poemas, a parafrasear músicas e construíram coletivamente mais um subsídio.

Na construção desse material cada subgrupo de educadores reuniu separadamente, ou seja, os técnicos da Elétrica fizeram a apostila do seu curso, as educadoras da Costura a sua, a Suplência elaborou a apostila para atender as suas necessidades, a Gestão também e assim sucessivamente. Só houve uma preocupação, levar em consideração o planejamento interdisciplinar.

No entanto, nos primeiros meses de trabalho desse projeto, percebeu-se que os depoimentos de alguns educadores, principalmente os técnicos, sobre os problemas enfrentados eram quase

sempre ligados ao reconhecimento das potencialidades dos alunos, não possuíam boas expectativas com relação ao seu desempenho, principalmente pelas dificuldades que traziam no que concerne a leitura e escrita, bem como no desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, entretanto os primeiros resultados foram bons e os motivou na continuidade dessa proposta.

Nesse contexto, apesar dos técnicos e professores da educação básica procurarem sempre organizar suas atividades dentro da mesma linha de interesse, a interdisciplinaridade entre a formação técnica e as outras habilidades nem sempre acontecia, principalmente pela dificuldade de integração, pela dificuldade de disponibilizar tempo para os encontros pedagógicos.

Nessa trajetória inicial os organizadores procuravam reconhecimento no Conselho Estadual de Educação para possibilitar a legitimidade de sua certificação e, antes da conclusão da primeira turma essa aprovação foi alcançada. Durante esse período, também surgiram outras disciplinas – Espanhol e Informática. A importância da descrição deste processo é para que se tenha uma idéia que a proposta de educação desse projeto foi construída cotidianamente, pois apesar de ter sido elaborado um projeto político-pedagógico inicial, este foi sendo readaptado a cada nova dificuldade ou boa sugestão que aparecia. A proposta do Reconquistar continua até hoje em processo de construção coletiva.

- O momento atual:

No decorrer dos anos que se seguiram o Reconquistar passou por muitas mudanças, entre elas convêm citar a ampliação dos cursos¹¹, no entanto, a mudança mais significativa foi de ordem estrutural¹². No segundo semestre de 2001 a Pastoral Operária decidiu se afastar e trabalhar mais diretamente com as cooperativas de trabalho, montadas pelas ex-alunas do projeto, já que

¹¹ Agricultura Orgânica (Farmácia Viva). Artesanato. Massoterapia. Corte e Costura. Instalação Elétrica, Instalação e Manutenção de Micro. Eletricidade de Autos e Refrigeração

¹² Os educadores decidiram em assembléia assumir mais diretamente o projeto e montar uma espécie de cooperativa de trabalho solidário entre eles. Organizaram 3 dias de encontro para elaborar uma nova proposta para a estrutura da escola, onde ficou decidido a formação de quatro grandes núcleos de trabalho.

antes escolhia internamente os membros da coordenação e acompanhava de perto sua atuação, participando diretamente das decisões.

Assim, os educadores se subdividiram em equipe de *finanças e projetos*, equipe *pedagógica* e equipe de *secretaria e comunicação*. O primeiro grupo tem como função elaborar e enviar projetos a fim de alcançar financiamento, o segundo fica responsável pela formação dos educadores, organizar os planejamentos que acontecem mensalmente e outras atividades voltadas para questões pedagógicas, já o terceiro grupo trabalha com questões mais burocráticas na organização da secretaria e com a divulgação da experiência.

De cada um desses três grupos foi escolhido um membro para compor a coordenação que deverá se configurar, de certa forma, numa gestão coletiva, visto que esses membros escolhidos têm como função discutir os problemas em seus grupos e recolher críticas e sugestões, levando-as para o pequeno grupo responsável pela execução. No depoimento de um dos educadores:

Pois bem, com essa transição e dificuldades nós aqui fizemos o que, dividimos em três equipes, equipe pedagógica, equipe de projetos e finanças e de comunicação e isso a equipe de projetos tá fazendo projetos, já encaminhamos alguns projetos, já tivemos alguns contatos, alguns disseram que no momento não tem condição, mas também não disseram não, né, mas que haveria possibilidade no próximo ano, porque realmente os projetos que vão lá pra fora nunca é pra... final do ano é difícil, sempre é na perspectiva do próximo ano e a equipe já vem se sentando, sentamos já três vezes, né, então é assim, ninguém falta a essa reunião.

O quarto grupo é formado por alunos, representantes de turma, escolhidos em eleição direta. Sua função é participar das atividades do projeto mais diretamente e participar também das decisões tomadas no coletivo. Atualmente, como o projeto está sem financiamento os educadores fazem um trabalho voluntário, boa parte dos funcionários não está mais atuando e infelizmente uma pequena parcela dos alunos está freqüentando, visto que muitos já concluíram e ainda não foi aberta inscrição para os cursos. Dessa forma, este quarto grupo ainda não participa ativamente das atividades.

Por assim dizer, compreende-se a necessidade do homem em participar de ambientes que permitam a interação, que valorize suas descobertas, sua necessidade também de estar sempre investigando o meio onde está inserido, pensando e refletindo sobre suas ações, suas concepções, seus valores. Por isso, é importante também refletir sobre os múltiplos saberes que são construídos em torno dessa experiência, na esperança de contribuir com os estudos ligados a Educação Popular e com os trabalhos desenvolvidos nesse ambiente.

No contexto aqui caracterizado, que retrata o cotidiano de trabalho desenvolvido no Reconquistar, torna-se relevante para este estudo a tentativa de identificar as influências da proposta educacional dessa iniciativa na vida dessas pessoas, suas dificuldades e conquistas nesse processo de volta à escola e/ou ao mundo do trabalho, levando em consideração que os sujeitos, em seus espaços sociais, constroem em torno de si um universo cultural, “re-significando” esses espaços e ao mesmo tempo sendo influenciados em seu mundo particular, visto que os sentidos que atribuem a vida e ao mundo a sua volta são construídos fundamentalmente nos processos de interação social.

2. O Perfil dos participantes dessa investigação – participação e integração nas atividades do Reconquistar:

Nesse recorte a ênfase recai em alguns aspectos que irão compor uma caracterização mais específica do Reconquistar. Trata-se de delinear um perfil socioeconômico, político e cultural dos sujeitos investigados, elegendo principalmente alunos e educadores.

Dessa forma, essa parte do trabalho apresenta-se de forma mais descritiva e está organizada em três momentos, a saber: *caracterização mais ampla* que direciona para uma visão mais inicial da experiência, visto que os argumentos referem-se aos primeiros anos de seu funcionamento; *caracterização discente*, partindo dos depoimentos dos educadores; por fim, uma *caracterização docente*, organizada por informações apresentadas, também, por esses educadores em questionário aplicado durante pesquisa de campo.

A importância dessa reflexão vai além de uma simples caracterização, pois lança pistas para a compreensão do trabalho pedagógico desenvolvido no espaço aqui investigado, por considerar relevante o olhar que os educadores possuem acerca do universo social, cultural e político de seus alunos, participantes dessa pesquisa, bem como apresentem informações acerca de suas experiências profissionais, enfatizando aspectos ligados ao seu trabalho no Reconquistar.

Nas primeiras atividades desenvolvidas no Reconquistar percebe-se um grupo muito específico de alunos e ao mesmo tempo bem diverso. Específico no que diz respeito à situação socioeconômica e diverso no que concerne a idade, sexo, nível de escolarização, enfim, uma diversidade que poderia significar problema em algumas escolas, mas que acabou se constituindo num grupo repleto de experiências e saberes, capaz de deixar as aulas mais interessantes e ricas.

Eram pessoas desempregadas, vítimas da exclusão social, que estavam sobrevivendo com “bicos” como dizemos aqui no Ceará: senhoras, jovens, senhores já com idade avançada, pais de família, mulheres que traziam seus filhos para a sala de aula por não ter com quem deixá-los, o que acabou impulsionando a criação de uma pequena creche dentro do próprio projeto.

Inicialmente, a participação era muito reduzida, muitos se recusavam a falar, a discutir os temas propostos. Entretanto, as sondagens organizadas pelos professores acerca das perspectivas com relação ao curso revelavam um interesse comum: o ingresso no mercado de trabalho.

Aos poucos, observou-se a construção de laços fortes de amizade entre professores e alunos, bem como demonstravam bom entrosamento entre si. Os textos construídos em sala de aula, as aulas de campo, as manifestações em praça pública ou em frente à Secretaria de Ação Social na briga por mais recursos para manter o projeto funcionando, as primeiras roupas costuradas ou os primeiros projetos de eletricidade, as feirinhas com produtos dos cursos que atraía a comunidade, as reuniões do coletivo, os debates e assembléias, todas essas atividades

caracterizam essa proposta de educação. Assim, depois do primeiro módulo¹³ as pessoas já se sentiam mais à vontade para expressar suas idéias, discutiam, falavam, questionavam.

Muitos alunos e alunas, nas avaliações que eram feitas no coletivo, demonstravam em seus depoimentos uma expectativa muito forte com relação ao curso, relacionando-o a sua inserção no mercado de trabalho e, portanto, as suas necessidades mais diretas de sobrevivência:

Eu quero ter uma profissão no futuro e por isso estou fazendo o curso de eletricista. Vou arrumar um bom emprego depois que eu terminar o curso e, então, poder ajudar minha família que precisa muito (Aluno da Suplência I).

Estou aprendendo essa profissão para ter alguma renda. Agora estamos vivendo do dinheiro que meu marido recebeu quando foi demitido. Estamos economizando muito para não faltar pelo menos a comida (Aluna da Suplência II).

Esses depoimentos e outros que eram escutados diariamente em sala de aula, nos corredores ou em outros espaços da escola, despertaram em toda a equipe de trabalho o medo de que essas pessoas estivessem esperando demais do projeto, estivessem confiando nesse processo como salvador de sua situação de exclusão social. Os educadores e coordenação preocupavam-se também com a idéia de estarem desenvolvendo uma espécie de assistencialismo, de estarem contribuindo para que essas pessoas não se percebessem como capazes de intervir em sua situação, comprometendo assim a proposta político-pedagógica de formação crítica.

Essa problemática impulsionou nos educadores e coordenadores atitudes de reflexão acerca do papel da escolarização na vida do trabalhador, suas potencialidades e limites. No decorrer do processo educativo foram tentando trabalhar essas expectativas, enfatizando que a conclusão dos cursos no Reconquistar seria apenas mais uma ferramenta que poderia impulsionar a entrada ou retorno dessas pessoas ao mundo do trabalho, mas que tudo dependeria de sua capacidade de intervir na realidade, de se integrar na luta maior na busca por sua cidadania e, ao final dos módulos, já se podia perceber nos argumentos uma reflexão mais crítica acerca de sua realidade:

As manifestações do povo é uma luta né? A gente tá aqui participando duma luta. A gente também tá querendo buscar os mesmos objetivos, e a mesma

¹³ Os cursos eram divididos em módulos, que duravam de três a quatro meses.

proposta que aquela pessoa, que aquelas pessoas que vão a rua protestar estão querendo né? Então a gente sabe que é uma coisa certa, a gente tem que, que lutar pra conseguir. É isso, não ficar só esperando, correr atrás (aluna da Suplência II).

A integração dos alunos nas atividades ligadas a manifestações populares não se deu facilmente, visto que apresentavam inicialmente, maior resistência, mas que ao longo do processo foi sendo superada. Percebe-se que os alunos que já tinham alguma participação em outros movimentos dentro da comunidade interessavam-se mais por essas atividades. Entretanto, nas manifestações organizadas para garantir recursos para o projeto o nível de interesse crescia um pouco, talvez porque apontavam para uma causa mais “palpável”, que inferia diretamente em sua realidade.

Mesmo constatando que a participação discente nas manifestações populares, abraçadas pelo projeto, havia crescido, as avaliações do grupo – alunos, professores e coordenação – enfatizavam ainda a necessidade de um maior engajamento e acrescentavam como ponto importante a urgência de maior participação docente nessas atividades, que serviria inclusive como incentivo para o aluno.

Dessas turmas, ao final do curso, duas cooperativas de trabalho solidário foram organizadas: uma de pães, bolos e salgados e outra de corte e costura. Outros alunos estão tentando concluir o Ensino Médio, integraram-se de alguma forma no mercado formal ou trabalham por conta própria. Alguns desses alunos, hoje, participam do projeto como colaboradores, tanto na função docente ou como auxiliar de secretaria, atuando voluntariamente ou mesmo sendo remunerados.

- O perfil do aluno na voz dos educadores:

No decorrer da pesquisa de campo aplicou-se junto aos educadores um questionário com o objetivo de conhecer um pouco de sua história profissional, bem como da sua participação no projeto, suas concepções, interesses e perspectivas e, principalmente, traçar um perfil de seus alunos. Esse instrumento está organizado em duas partes. A primeira refere-se especificamente as características dos educandos, cujo conteúdo será apresentado neste item.

O primeiro grupo de educadores, que trabalha com a Suplência II, foi uníssono ao descrever seus alunos, principalmente quando tratavam de seus problemas socioeconômicos e caracterizaram o grupo como participativo, solidário, curioso, engajados no projeto, mas com muitas dificuldades de garantir boas condições de sobrevivência. Traziam uma baixa auto-estima, mas estavam conseguindo superar o pessimismo e se enchiam de sonhos com relação ao futuro. Em seus depoimentos evidenciam que...

...são legais e participativos em todos os assuntos do projeto, são também inquietos, pois estão sempre buscando informações sobre tudo que acontece fora e principalmente, dentro do projeto. São cheios de problemas, mas gostam das aulas, têm um poder impressionante, logo se adaptaram ao método porque tem uma sede muito grande de aprender e partilhar seus conhecimentos, gostam das aulas práticas, gostam das aulas de campo, gostam de estudar, são solidários, buscam um futuro melhor e estão começando a se engajar na Farmácia Viva. Têm alguns problemas sérios de conseguir sobreviver economicamente, porém ainda têm esperanças e se preocupam em ampliar seus conhecimentos. Conseguimos criar laços neste ano, somos amigos (educadores da Suplência II).

Os educadores da Suplência I não descrevem diferente seus alunos, mas acrescentam algumas características específicas dessa turma como o fato de serem todas mulheres, com exceção de um aluno, e de viverem em ocupações de terra:

São pessoas carentes que moram em ocupações de terra, mulheres discriminadas, pobres, negras, lutadoras pela sobrevivência, pessoas com dons e habilidades, pessoas que se animam e entram nas fileiras das lutas sociais, trabalhadoras do setor informal, jovens desempregados que se agarram na escola como tábuas de salvação (educadores da Suplência I).

O terceiro grupo, formado por educadores da Informática, também apresenta uma realidade mais diversa porque seus alunos são jovens e não estão diretamente responsáveis pelo sustento da família, mesmo que sua situação socioeconômica já os tenha intimado a buscarem alguma forma de renda. A fala a seguir retrata características próprias da juventude como a alegria e agitação...

...quando chegam no projeto a maioria não se acha capaz, são excluídos e marginalizados, mas na verdade são pessoas cheias de potencial é só despertar. São adolescentes carentes, alguns já tiveram experiências com drogas, têm dificuldades de aprendizagem, porém são alegres e ativos no fazer, gostaram e participaram ativamente da oficina de arte, em especial as de teatro e capoeira (educadores da Informática).

Outro aspecto abordado pelo questionário, aplicado junto aos educadores, refere-se as contribuições do Reconquistar na vida de seus alunos. Nesse espaço relataram principalmente o fato de oportunizar a aquisição de uma profissão, mas acrescentaram o resgate da auto-estima, a aproximação com o trabalho solidário, ressaltando também o potencial do “encontro” – a amizade, as trocas de experiência, enfim um espaço onde é possível reconquistar a esperança de uma vida mais digna. Explicitam que...

...está resgatando a auto-estima, propiciando um debate sobre a conjuntura atual, dando a chance de que aprendam uma profissão para que, se não conseguirem emprego formal sejam capazes de fazer algo e até mesmo um trabalho solidário, contribui na formação crítica desses alunos, proporciona espaço para o saber, para a amizade e troca de experiências, renova as esperanças de trabalho, discute questões sociais e de cooperativismo (educadores).

Dentro desse espaço, ainda avaliaram a formação desenvolvida pelo projeto. A maioria dos depoimentos considera boa, mas fazem algumas críticas. Um dos educadores cita o fato de não oportunizar momentos para estágio como uma falha e acredita que essa atividade é importante, bem como considera que o ensino fundamental deveria ser organizado em tempo mais longo. Assim... *está boa, mas poderia ser melhor se lhes fossem dada a oportunidade de estágio e maior tempo para o ensino fundamental* (educador da Suplência II).

Outra crítica também relevante refere-se ao fato de grande parte desses alunos possuírem uma qualidade de vida inferior as necessidades básicas de qualquer indivíduo e que acaba interferindo em seu desempenho, principalmente quando a questão da sobrevivência dificulta sua frequência nas aulas, mas acrescenta ainda que procuram sempre desenvolver as atividades a partir dessa realidade. Em suas palavras: *a formação é lenta devido a qualidade de vida dos educandos, mas eficaz porque é feita a partir da realidade deles* (educadora da Suplência I).

Dentre os depoimentos, um dos educadores ainda ressalta como positiva a formação crítica e acredita que esse aluno-trabalhador, ao ingressar no mundo de trabalho capitalista será capaz de questionar as relações desenvolvidas nessa sociedade. Dessa forma argumenta... *que hoje tem condição de ingressar no mercado de trabalho com uma consciência melhor, são capazes de questionar as injustiças de nossa sociedade* (educador de Informática).

Ainda sobre a formação oferecida pelo Reconquistar, foram questionados sobre o interesse dos educandos pelas diferentes habilidades. Os dados indicaram que os alunos demonstram maior dedicação às aulas de Informática e Habilidades Específicas (ensino profissional) que apareceram empatadas em primeiro lugar; em segundo lugar apareceram as Habilidades Básicas (ensino fundamental) e Gestão (formação crítica). Esse grau de interesse por atividades mais práticas em detrimento das aulas mais teóricas foram confirmadas também nas entrevistas realizadas com alguns alunos, bem como o interesse pela participação nas ações populares (passeatas, manifestações) que, segundo os educadores, ocupam o último lugar na escala de interesse da maioria de seus alunos.

- O perfil do educador:

A segunda parte do questionário, aplicado com sete educadores do Projeto Reconquistar, busca informações acerca de sua formação profissional, as experiências ligadas à educação, aspectos ligados a sua atuação nesse projeto, bem como abre espaço para explicitações acerca de suas concepções de Educação, Educação Popular e da temática Trabalho.

Quanto à formação, cinco educadores apresentaram nível superior em Pedagogia, entretanto três destes educadores ainda estão cursando a faculdade. Os outros declararam que sua formação é em nível médio. Contudo, as experiências são variadas, vão desde atividades em escolas públicas e privadas até atividades voltadas para os movimentos populares, principalmente com atuações ligadas a Igreja Católica, ponto comum em todos os relatos.

Assim, consta-se que três educadores lecionam em outras escolas, desses, dois em escola pública, precisamente no Tempo de Avançar¹⁴. Os outros educadores relataram que, atualmente, só estão trabalhando no Reconquistar.

Dentro desse contexto, no que se refere a sua participação no Reconquistar, apenas três educadores estão atuando desde o início e costumam participar de todo o processo

¹⁴ Programa de educação adotado pelo MEC e efetivado por muitas escolas públicas que se destina a um público, considerado fora de faixa, jovens ou adultos que retornam a escola para concluir o ensino fundamental ou médio.

(seminários, análise de pesquisa, elaboração de projetos, inscrição, aulas, participação nos movimentos políticos – passeatas, reivindicações, dentre outros). Assim, quatro educadores, apesar de conhecer a proposta desde sua elaboração, começaram a atuar no Reconquistar recentemente e participam mais dos seminários para formação docente, das atividades ligadas a sua sala de aula, bem como das atuações políticas organizadas pelo projeto.

Entretanto, todos demonstraram conhecer bem a proposta de educação desenvolvida pelo Reconquistar e descrevem alguns de seus aspectos, enfatizando...

...que tem a finalidade de trabalhar com o excluído e possibilitar sua volta à sociedade. É uma proposta que integra profissão, cidadania e ensino fundamental, utiliza a proposta de Paulo Freire, trabalha também a saúde mental do trabalhador e a socioeconomia solidária (educadores).

Ainda, para esses educadores essa proposta de educação difere de outras, principalmente porque integra educação, profissão e cidadania, bem como existe maior abertura para sua participação, tanto na construção dos objetivos como na hora das decisões mais políticas. Acrescentam que... *é um espaço onde os alunos participam, questionam, tem como proposta trabalhar a auto-estima, o trabalho em conjunto dos educadores, há mais participação (educadores).*

A possibilidade de acolhimento aos excluídos, os educadores populares, a metodologia, a interdisciplinaridade, a adaptação à realidade do sujeito, as aulas de Gestão, a formação contínua dos educadores, a construção coletiva, a responsabilidade assumida por educadores e alunos, o resgate da auto-estima, a oportunidade que homens e mulheres têm de refazer as suas vidas no tocante a profissão e educação, são alguns dos pontos considerados positivos na atuação do projeto Reconquistar.

Contudo, algumas críticas são feitas acerca de questões que parecem estar dificultando o andamento das atividades do projeto. Assim, consideram como aspecto negativo: *os momentos de encontros gerais que são muito poucos, pouco material construído a partir da experiência, falta de recursos, a correria atrás de verbas e a falta de tempo para se dedicar mais (educadores).*

Outro aspecto relevante é que ao solicitar que estes educadores escrevessem sua concepção de Educação apresentaram-na como um processo contínuo, permanente e, como numa voz uníssona, descreveram esse processo como um momento de troca, criação, comunicação e cultura. Esses depoimentos apontam que esses educadores compreendem a educação, como um processo coletivo, onde todos os sujeitos, ali envolvidos, são atuantes diretos em sua concretização.

A diferença que estabeleceram entre Educação e Educação Popular, assim como no próprio termo, refere-se, principalmente, ao adjetivo popular, ou seja, a opção pelos pobres, concepção presente na Teologia da Libertação e que reduz a atuação da Educação Popular a um grupo específico da sociedade¹⁵. Enfatizam também alguns direcionamentos dessa proposta de educação como a valorização da cultura que não é legitimada pela sociedade, construída na experiência, na *práxis social* e aspectos ligados as relações de poder ali vivenciada, onde o professor desce *o pedestal* que a cultura escolar lhe confere, como único detentor do saber, e passa a aprender também, assim como os alunos passam a ensinar, numa troca. Argumentam ainda que essa educação se diferencia das demais porque...

...está no meio do povo, é a partilha de conhecimentos, trás de volta às raízes; aquela que é feita a partir da vida dos educandos e educadores, que preserva os valores culturais, que resgata o ser humano, um espaço rico para a aprendizagem que não discrimina, onde todos ensinam e todos aprendem (educadores).

Por último, ao descrever o Trabalho relacionaram o tema a *dignidade, a tudo que construímos na sociedade*, sempre descrevendo como *algo mais que desenvolver tarefas, que está relacionado às idéias e ideais e a transformação da sociedade* (educadores).

Um dos pontos que baliza a discussão apresentada neste estudo é a característica atribuída a educação que desenvolvem nesse ambiente e que identificam como um diferencial – o caráter popular. Dessa forma, os educadores evidenciam em seus depoimentos que este aspecto torna a experiência bastante significativa, visto que procuram trabalhar com pessoas que tenham ou já tiveram experiência nessa linha...

¹⁵ Essa concepção propagada nas décadas passadas (60-80), amplia-se hoje, enfatizando que sua atuação estende-se à todos os espaços sociais ou grupos que nas mais diversas ocasiões encontrem-se em situações de opressão.

...me sinto à vontade nesse sentido, né, por ser pessoas... o critério de escolha, vamos dizer assim, quem participa do projeto? São educadores, dentro de uma linha popular, educação popular, a coordenação também são pessoas engajadas na comunidade, pessoas que já tem experiências nessa educação popular, então a gente se sente bem à vontade (educadora da Suplência II).

Ao serem questionados acerca desse “diferencial” descreveram alguns aspectos cruciais na prática de um educador popular. Seus depoimentos enfatizaram a abertura desse educador para a realidade dos educados e a proximidade que sua prática deve ter com o que se trabalha em sala de aula, principalmente no *como se trabalha*. Assim, esse educador deve *ser crítico, estar presente... o envolvimento do educador na vida dos educandos, o compromisso, o eterno planejar, estar sempre escutando o grupo* (educadores).

Inicialmente, a escolha desses educadores foi feita através de indicações tanto da Pastoral Operária como através dos parceiros, mas o critério mais enfatizado referia-se as experiências ligadas aos Movimentos Sociais ou atuações em experiências de Educação Popular. Esses pretendentes apresentaram currículo que eram escolhidos pela coordenação.

Entretanto, alguns educadores, principalmente para trabalhar na área técnica, muitas vezes por não ter outra opção, não satisfaziam esse pré-requisito. Era uma dificuldade para os membros da coordenação encontrar, por exemplo, um técnico de Refrigeração ou de Instalação e Manutenção de Micro, cursos que já aconteceram no Reconquistar, quanto mais exigir nessa seleção que estes tivessem experiência com Educação Popular ou em atividades ligadas aos Movimentos Sociais. Um dos depoimentos da coordenação evidenciam essa dificuldade:

Inclusive quando estava em sala de aula não tive nem um problema com os técnicos que eu trabalhava que era o técnico da Eletricidade e Corte e costura, a gente sempre trabalhou junto, até porque a gente tenta no máximo trazer pessoas, mesmo sendo os técnicos que tem trabalho de movimento, ou seja de luta, que seja engajado em algum movimento, alguma ONG, alguma Associação... exatamente pra não dar esse trabalho. Só que nós temos alguns que estão nos dando esse trabalho por não aceitar isso daí, por não ter essa experiência... (coordenação).

Tanto esses depoimentos escritos nos questionários como suas declarações explicitadas nas entrevistas apontam para uma visão de SOCIEDADE comum aos adeptos da esquerda

política, que desenham a realidade a partir dos desequilíbrios sociais, da exploração do homem pelo próprio homem e expressam sua esperança e luta pela transformação social, evidenciando sua concepção de HOMEM como sujeito de seu tempo, capaz de produzir mudanças significativas ao seu redor.

Em suma, constata-se ser objetivo maior da pedagogia desenvolvida no Reconquistar a construção do sujeito político, histórico e atuante dentro de sua realidade, capaz de fazer uma leitura crítica do mundo a sua volta, de exercer o direito à cidadania e transformar o mundo social no qual está inserido. Em sua proposta político-pedagógica fica explícita a idéia de que o objetivo desse trabalho de conscientização política, ao qual se propõe, possibilitaria que o trabalhador criasse mecanismos de resistência à exploração, principalmente na busca por seus direitos.

CAPÍTULO II

1. Abordagem Metodológica

Mergulhar no cotidiano dessa experiência de educação, no mundo das relações vivenciadas nesse espaço é, antes de tudo, convocar-se, enquanto pesquisadora a assumir uma postura de observadora das ações diárias desenvolvidas nesse ambiente e mais especificamente nos momentos pedagógicos próprios da sala de aula, seguida de atitudes que valorizem a comunicação entre investigadora e investigado, incentivando a explicitação dos sujeitos sobre suas ações a fim de interpretar a compreensão que estes atores sociais têm de sua realidade. Por todas essas características é que este estudo desenvolve-se tomando por base uma metodologia do tipo etnográfica que irá permitir essa inserção no ambiente proposto. Entretanto, cabe ressaltar o aspecto participativo que caracteriza esta investigação dada minha experiência como educadora nesse espaço em momentos anteriores, mas significativos na construção deste estudo.

Assim, esta investigação organiza-se tendo por eixo de reflexão as relações desenvolvidas no âmbito educacional, os aspectos culturais próprios dessas relações, onde se reafirma o objetivo de tentar compreender a reconstrução do “eu” político, autônomo, crítico proposto nos movimentos e práxis diárias nos espaços de Educação Popular.

Esse processo interativo torna-se desafio a investigação pela sua dinamicidade, pela multiplicidade de mundos que interagem, pela diversidade de trocas, transformando-se numa complexa rede de relações. Dar conta desse movimento requer do observador um despertar-se de si, para lançar um olhar desprovido de estereótipos, de (pre)conceitos a estes atores sociais nas suas múltiplas ações e relações, pautado sempre pelo “estranhamento” de suas observações iniciais na busca de aprofundá-las.

Contando com contribuições de Habermas (1988), através de categorias como: *mundo vivido e mundo sistêmico*, presidido pela ação comunicativa e racionalidade instrumental, respectivamente, busca-se refletir acerca das relações cotidianas no espaço do projeto

Reconquistar, que tenta reunir aspectos ligados a formação técnica, a escolaridade e a formação crítica, na tentativa de compor um estudo acerca do modo como esse projeto está sendo desenvolvido, os fins da escolarização a partir das razões dos sujeitos e suas interações diárias.

Segundo esse autor, *mundo vivido* refere-se, basicamente, ao cotidiano, às relações entre sujeitos e destes com o mundo, suas experimentações e construções de novos saberes (saber-fazer), onde compartilham de visões bastante semelhantes, dentro de uma cultura que lhes é comum; mundo sistêmico estende-se às sistematizações dos saberes, uma interferência do sistema por meio da técnica, sendo presidido pela racionalidade instrumental presente, inclusive, nos elementos de controle da conduta social.

Assim, a realidade social não se reduz ao que é construído no mundo sistêmico, mas estende-se as experiências, ao mundo vivido. Dessa forma, Habermas tenta compreender a sociedade a partir dessas duas dimensões: a racionalidade instrumental própria do sistema e a ação social enquanto comunicação, interação humana.

O interagir na busca do entendimento, torna-se importante na realização das finalidades propostas pela Educação Popular, pois se apresenta como uma ação entre sujeitos que procuram estar coordenadas de modo a complementarem-se em suas especificidades para, assim, transformarem-se em comunicação, sem negar, entretanto, que essas relações são permeadas por confrontos, visto que as diversidades culturais devem ser consideradas, podendo ainda apresentar-se como positivas para o crescimento do grupo.

Para Habermas, a ação comunicativa configura-se como essencial aos processos interativos por colocar a linguagem no centro da dinâmica social, com o argumento de que é possível utilizá-la intersubjetivamente para se chegar a um acordo a respeito de fins e meios sociais e, por isso, o ambiente escolar constitui-se num espaço eminentemente propício para se estabelecer esse processo de interação.

O caráter valorativo dos atos de comunicação lingüística como processo ideal de acordos é questionado em função de algumas restrições: quando se percebe, por exemplo, que os meios

R154 2630

BH/UFC



lingüísticos podem ser utilizados para produzir conseqüências induzidas ou pré-intencionadas, e que nem toda interação, mediatizada lingüisticamente, acontece a partir de situações democráticas.

Nesse sentido, é preciso enfatizar que as interações possuem sua dialeticidade, estando em constante movimento, principalmente ao considerarmos as diversidades de interesses, de idéias, enfim a complexidade desses processos. Assim, perceber que os momentos de entendimento e parceria ou de confronto e resistência fazem parte da dinâmica própria das interações acrescenta ao pensamento de Habermas um aspecto relevante – as lutas subjetivas.

Para Habermas, a linguagem, em seu modo original de uso, deveria ser empregada com o objetivo de estabelecer entendimento entre os sujeitos, ou seja, desenvolvendo situações reais de comunicação, concebidas na argumentação verdadeira, na reflexão coletiva e consensual, como resistência ao agir estratégico que, muitas vezes, reduz a linguagem, em seu papel interacional, a processos de inculcação ideológica retirando-a do seu objetivo maior que é oferecer patamares democráticos.

Nesse contexto, o cotidiano desse estudante-trabalhador é perpassado por aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, representados nos processos interativos e compreendidos, quer por momentos de ação comunicativa, quer por ação estratégica que, sem dúvida devem ser considerados por auxiliarem na compreensão das múltiplas facetas do real, que propõe ao investigador procedimentos distintos nas diversas situações a ele apresentadas. Assim, o processo de investigação adquire condições de maior proximidade com as diferentes realidades.

Importa, também, refletir acerca da sensibilidade¹⁶ dos sujeitos no espaço escolar, pois o ser humano não deve ser considerado de modo fragmentado, mas em sua totalidade, principalmente porque a proposta deste estudo busca, também, explorar os anseios, as expectativas em relação ao futuro, as necessidades individuais e coletivas das pessoas

¹⁶ A categoria sensibilidade ajuda a compreender as representações dos saberes nas dimensões estéticas permitindo trabalhar a razão de forma mais totalizadora.

envolvidas no processo, que se configuram em formas de resistências *em movimento de desconstrução, de crítica dessa racionalidade (dominadora) e, passam para construção de novos campos expressivos, novos modos de conhecer* [grifo do autor] (Linhares, 1995:109).

Como o foco de estudo dessa pesquisa nasceu, basicamente, de uma experiência pessoal, como educadora em espaços de Educação Popular é que se justifica a delimitação do objeto de investigação a este ambiente, especificamente o Projeto Reconquistar, caracterizando essa proposta como um estudo de caso, direcionado, também, pela idéia de que por ser um espaço de maior participação de comunidades e formação de grupos que dão suporte à práxis social, base de uma cultura de resistência, possibilitariam uma manifestação mais espontânea dos saberes.

Os estudantes, sujeitos protagonistas da investigação, caracterizam-se por fazerem parte do mundo do trabalho, por buscarem nesta escola saída para sua situação de exclusão e dividirem seu tempo entre o estudo e a labuta diária (em sua maioria subempregos, “bicos”), delineando um perfil de educação voltada para jovens e adultos.

As questões pertinentes neste estudo fundamentam-se em duas categorias temáticas mais amplas – *educação popular e formação*, presentes nas reflexões anteriores e que abaixo se desdobrarão em temas importantes da investigação que poderão contribuir no desvelamento das especificidades presentes nos processos interacionais. É importante enfatizar que essas categorias desdobraram-se, ao longo da pesquisa, em temáticas que serviram de apoio às entrevistas de explicitação.

Essas temáticas foram organizadas tomando por base as observações e os resultados dos questionários aplicados na primeira fase da pesquisa e foram detalhadas no diário de campo. Para que fique mais claro, todo o procedimento utilizado na pesquisa de campo será caracterizado a seguir.

- Procedimentos de investigação

A pesquisa de campo foi organizada em três etapas, estando a primeira destinada a uma sondagem inicial, estudos da documentação, do material utilizado nos cursos e aplicação de questionário descritivo junto a alguns educadores selecionados¹⁷ para participar de todo o processo. A segunda etapa destinou-se a observações nas salas de aula e em outras atividades realizadas em outros espaços (passeios, aulas de campo, etc) e, por fim, a terceira etapa, onde foram organizadas entrevistas de explicitação, individuais e grupais, com alunos, professores e coordenação.

Inicialmente, foram selecionadas três turmas que atendessem aos seguintes critérios: apresentassem aspectos diversos com relação a idade, sexo e escolaridade. Assim, participou dessa pesquisa uma turma de Suplência II, composta por jovens e adultos com sexo variado, uma turma de Suplência I que se caracterizava pela presença marcante das mulheres, pois somente um integrante era do sexo masculino, e, por fim, uma turma de jovens que estava participando do curso de Informática. A intenção dessa organização era privilegiar as diversidades, característica da clientela dessa experiência educativa.

O estudo da documentação, primeira atividade da pesquisa de campo, foi realizado junto ao projeto político-pedagógico da experiência, às apostilas dos cursos, às fichas utilizadas para selecionar sua clientela, aos relatórios dos educadores descrevendo e avaliando os módulos passados e relatórios dos encontros de formação docente, avaliação e assembleias que tratavam, principalmente de um levantamento dos avanços e dificuldades enfrentadas, bem como organizavam planos de ação buscando superar esses problemas.

Todo esse material foi organizado numa síntese que enfatiza os objetivos do projeto, sua metodologia e concepção teórica acerca dos processos educativos e sua efetivação, abordando aspectos positivos e negativos descritos pelos sujeitos em seus relatos. As apostilas, construídas pelos educadores, foram lidas e descritas, observando principalmente as opções

¹⁷ Essa seleção acompanhou critérios referentes a tempo de atuação no projeto, elegendo um grupo mais antigo e outro de menor tempo de participação, também quanto as habilidades que desenvolvem: dois que trabalham com Habilidade Específica, dois que trabalham com Habilidade Básica, dois trabalhando com a Gestão e, ainda, um educador da Informática e um membro da coordenação.

temáticas apresentadas ali e sua organização, tendo como finalidade identificar as possíveis relações com as concepções metodológicas.

O segundo momento refere-se a construção do diário de campo que contém observações das três turmas, Suplência I, Suplência II e Informática, tanto nas aulas de Habilidade Básica e Gestão como nas Habilidades Específicas (ensino profissional). Desse material foi possível organizar um roteiro de entrevistas que propõe, principalmente, desvelar os fundamentos de determinadas ações, registradas nesse diário e discutir outros aspectos.

O Roteiro de entrevista¹⁸ com educadores e alunos do Reconquistar procura discutir o *processo formativo* a partir do cotidiano pedagógico vivido nesse espaço, contrapondo sempre com as propostas político-pedagógicas apresentadas na documentação e o *significado do trabalho* para esses sujeitos, as relações que estabelecem entre educação e trabalho, a divisão social do trabalho, seus planos e perspectivas futuras.

Esse roteiro de entrevistas organiza-se a partir dos eixos citados acima que se desdobram nas seguintes especificidades: *Processo Formativo* – abordando aspectos ligados aos conteúdos trabalhados (como acontece a escolha ou direcionamento, qual a importância que se dá a eles, como avalia o grau de aceitação desses conteúdos, aprendizagem, habilidades e atitudes); o significado e interesse pelo projeto; a organização da proposta educativa dessa experiência; as formas de participação; as reações dos alunos quanto ao processo pedagógico e as relações que vivenciam nesse espaço (atitudes de aceitação ou resistência); a avaliação (como acontecem, respostas dos sujeitos que vivenciam esse processo). *O significado do Trabalho* – visão que possuem acerca do trabalho e formação profissional; as relações que estabelecem entre educação e trabalho; percepções e manifestações acerca da divisão social do trabalho.

Para organizar melhor os momentos das entrevistas lançou-se mão de procedimentos voltados para uma metodologia mais dinâmica e que proporcionasse uma maior participação a partir do confronto de idéias presentes no grupo – as discussões grupais. Estes momentos foram direcionados para os educandos, mas contou-se com o apoio de alguns educadores que

¹⁸ Esse roteiro será apresentado na íntegra nos anexos.

chegaram também a participar. Para possibilitar maior explicitação de algumas questões que surgiram nessas discussões grupais foram, também, realizadas entrevistas individuais, tanto com alunos como com educadores.

As discussões nos grupos tinham por objetivo possibilitar um espaço incentivador ao fluir da subjetividade, através da mística própria das dinâmicas, possibilitando debates acerca dos temas: *O projeto Reconquistar e o Trabalho* destinado às turmas da Suplência I e II e *A Juventude e o Trabalho*, proposto a turma da Informática, na tentativa de articula-los aos sonhos e projetos de vida dos sujeitos investigados.

O primeiro encontro teve como tema – O projeto Reconquistar e o Trabalho – e foi organizado tomando como subsídio a letra da música *Fábrica*¹⁹ que depois de ser escutada direcionou as primeiras reflexões, seguidas de trabalhos de colagem acerca de subtemas²⁰ distribuídos nos pequenos grupos. A discussão fluiu melhor quando, de volta ao grupão, fizeram a exposição dos trabalhos, argumentando sobre cada idéia construída e discutida na equipe.

No segundo encontro discutimos o tema – A Juventude e o Trabalho – que foi organizado em dois momentos. Em primeira instância a discussão girou em torno da temática *juventude e seus significados*, utilizando a letra da música *Não é Sério*,²¹ que fala da juventude na sociedade atual, contribuindo para aprofundar o argumento acerca das dificuldades e desafios vividos por esse grupo. O segundo momento do encontro contou com a apresentação de um vídeo, intitulado “o que você quer muito na vida”,²² onde aparecem vários jovens relatando seus sonhos e interesses futuros, o que incentivou a explicitação acerca dos desejos e perspectivas desses estudantes. A oficina foi concluída com atividades de colagem acerca da temática central e sua apresentação.

Esses momentos de reflexão coletiva impulsionaram entrevistas individuais, onde se buscou, principalmente, incentivar a explicitação acerca de suas atitudes diárias enquanto sujeitos do

¹⁹ RUSSO, Renato. *Fábrica*. In: *Legião Urbana. Dois*. São Paulo: EMI MUSIC, 1995. CD.

²⁰ São eles: o significado do trabalho; a relação escola e trabalho; divisão social do trabalho.

²¹ Chorão. *Não é Sério*. In: *CharlieBrown Jr. Nadando com os Tubarões*. São Paulo: EMI MUSIC, 2000. CD.

²² RAIÓ (ONG). *O que você quer muito na vida*. In: *Cidadania em Construção – Sair do papel*. São Paulo, 1999.

espaço educacional do Reconquistar, bem como os fundamentos que a embasam. Essas entrevistas foram direcionadas para um universo mais reduzido de participantes, entre eles estudantes, educadores e membros da coordenação.

Após o período de coleta de dados, o material foi organizado a partir de relatórios e categorias de análises apresentadas no roteiro de entrevista, procurando sempre estabelecer relação entre as vozes dos sujeitos, seus relatos e argumentos com os aspectos observados no cotidiano da experiência.

Em última instância, desdobra-se agora a tecitura dos dados em síntese compreensiva, fundamentada em alguns autores, procurando assim ultrapassar a visão simplista do senso comum e produzir cientificamente um estudo mais aprofundado da realidade.

Parte II

O Contexto Histórico e as Concepções de Educação Popular

CAPÍTULO III

1. Educação Popular – um tema em debate

O locus dessa investigação é o espaço onde se desenvolvem propostas de Educação Popular (EP). Assim, torna-se necessário dissertar um pouco sobre esse tema na tentativa de caracterizá-lo.

Para iniciar essa reflexão, em primeiro lugar busca-se o pressuposto de que não existe uma idéia universal e cristalizada de EP, mas sua significação vem sendo construída a partir de suas implicações políticas, em cada momento histórico. Entre os anos 60-80, por exemplo, torna-se lugar comum a idéia de que a EP diferencia-se de outros tipos de educação por colocar-se à serviço do povo, permitindo que as classes subalternas elaborem e divulguem uma concepção de mundo que lhe é própria com a valorização dos saberes produzidos nas experiências cotidianas, bem como desenvolvam sua capacidade transformadora inerentes a sua condição social, delineando assim uma concepção direcionada pelo público atendido e, também, pelos objetivos dessa atuação.

Assim, nesse período a oposição que se estabelece entre educação de outros âmbitos sociais e EP tem um caráter político não somente pelo termo “popular”, mas porque essa divisão se faz em uma sociedade de classes. Nesse sentido, as relações que perpassam esses espaços são diferenciadas em função dos interesses e dos sujeitos que deles participam e sua atuação caracteriza-se pelo caráter contestador da ordem social vigente.

Dessa forma, muitos estudos delineavam a EP como aquela que é pensada e organizada pelas classes populares ou para elas, estruturada a partir dos seus interesses de classe, onde se percebe alguns princípios, dentre eles, destaca-se: a democracia, ações libertadoras e transformadoras da realidade social, relação teoria e prática e a busca da realização de um poder popular. Brandão fundamenta esta reflexão quando classifica EP como:

(...) participação de uma educação libertadora nos movimentos sociais de orientação popular e nos movimentos populares de libertação; conscientização, etc., do militante popular constituído como sujeito e classe

de condução de transformações sociais de alteração estrutural do sistema vigente (1984: 43).

Reverendo o contexto sócio-político que caracterizava esse período, destacam-se fatos anteriores de crescente relevância histórica na Europa e, mais tarde no restante do mundo - a Revolução Industrial (século XVIII) – que, na educação, trouxe também suas implicações, visto que a introdução da máquina no processo de produção passou a exigir mão de obra qualificada, trabalhadores que dominassem, pelo menos, as técnicas de leitura e escrita. Com o desenvolvimento do capitalismo e sua maior complexidade, a escolarização passou a ser encarada como forma de ascensão social. Entretanto, essa corrida pela escolarização também foi compreendida como positiva pelos intelectuais que se contrapunham ao poder hegemônico do capitalismo. Para Vanilda Paiva, *os socialistas tomaram-na como bandeira de luta, vendo nela um instrumento capaz de facilitar a conscientização das massas e a disputa do poder político...* (1973:26).

No Brasil, a difusão das idéias européias vieram um pouco mais tarde (século XIX – XX) e eram encaradas como condição para o progresso econômico do país, mas somente na segunda década do século XX desencadeia uma “febre” chamada “entusiasmo pela educação” que se preocupava mais com o aspecto quantitativo em relação à difusão do ensino, com o analfabetismo que nesse período era gritante. Esse movimento valorizava demasiadamente a educação como se esta fosse solução para todos os problemas da nação. Vanilda Paiva ressalta: *ora, se a educação do povo era o único problema nacional, seu corolário era a atribuição de todos os problemas à ignorância de nossa população* (idem:28). Claro, a autora faz uma análise crítica desses pensamentos quando afirma que o objetivo não só era de universalização da educação elementar, mas de “mascarar” a realidade das verdadeiras origens dos problemas brasileiros – a economia e as divisões sociais.

É importante lembrar o preconceito que se estabeleceu contra o analfabeto nesse contexto, colocando-o como incapaz, constringendo-o em situações diversas de sua vida cotidiana - o famoso “carimbo do polegar” que denuncia sua falta de escolarização é exemplo. Ainda hoje, existe esse receio de ser descoberto como “analfabeto” e discriminado nas mais diversas situações.

Ao Estado é dado o desafio de alfabetizar essa grande parcela de excluídos da escola e muitos programas de educação de adultos surgem, como: Movimentos de Cultura e Educação Popular, o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL, Campanha de Educação Popular - CEPLAR, Plano Nacional de Alfabetização - PNA, Campanha Nacional de Educação Rural - CNER, Sistema Paulo Freire²³ e a Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler, entre outros. Caracteriza o período a luta contra o analfabetismo, concebida como a causa primeira dos problemas nacionais, mas nas décadas que seguem essa luta é transformada em favor do ensino primário integral.

Muitas foram as concepções acerca da EP no período compreendido entre o início da Campanha por Educação, em 1947, até o golpe de 64. Apesar de ser entendida de formas diferenciadas, como por exemplo, no aspecto assistencialista, o que vem predominar é a idéia associada às transformações sócio-econômicas, políticas e culturais. No início desse período o que crescia era o incentivo a Educação de Adultos e a tônica dos discursos era a educação a serviço da democracia, mas muitas dessas experiências, principalmente as de caráter estatal, não consideravam aspectos que eram imprescindíveis na EP como seu caráter participativo e político. Nesse sentido a participação da sociedade civil nas atuações da EP foi importante no resgate dessas dimensões.

No contexto sócio-político cabe lembrar que prevalecia a euforia do pós-guerra com a vitória do liberalismo democrático e internamente, a queda do Estado Novo, a perspectiva de eleições, a volta do "espírito democrático", a efervescência do debate educacional que antecedeu a Lei 4.024 (LDBEN de 1961). São fatores históricos que ajudam a compreender a tomada da educação de adultos em um contexto de formação para a sociedade democrática.

Fatores que também auxiliam na compreensão das funções então atribuídas ao ensino de adultos a partir da década de cinquenta foram o desenvolvimento industrial, o crescimento econômico, a promessa dos "cinquenta anos em cinco" do governo JK, por ampliar ainda mais esse clima de democracia e participação. Mas, ainda no final dos anos 50 e antecipando o golpe de 64, a educação de adultos vai assumir um outro papel, o de conscientização. Porém,

²³ Esse programa exemplifica a luta de Paulo Freire, sempre através do aparato estatal, por uma educação pública gratuita. Com o golpe militar essas ricas experiências são desmontadas e seus gestores perseguidos.

essa idéia de formação crítica acabou sendo cerceada por anos de ditadura e pela proposta pedagógica reprodutivista do MOBRAL (cf. Damasceno, 1998).

Paulo Freire deve ser destacado como um dos precursores aqui no Brasil da prática que concebia EP como espaço de formação política e que poderia também ser desenvolvida em espaços estatais. Utilizou esse espaço e ainda garantiu a identidade do saber popular, transformando o popular em algo bem mais forte que simplesmente povo, mas povo organizado, mobilizado, tecendo interesses comuns, de capacitação científica e técnica sim, mas também de conscientização política, de participação, de ações autônomas e solidárias, abrindo novos espaços na sociedade.

Freire trabalha a dimensão política de forma mais direta, com métodos pedagógicos organizados a partir das concepções da EP e traz uma reflexão em torno do domínio de códigos e instrumentos culturais proporcionados pela escola que permite ao sujeito alçar vôos mais longos e altos e questionar sua realidade através de uma leitura mais clara do seu universo social. Compreendia que esse sujeito singular que fazia essa “nova escola” produzia saber, um “saber-fazer” que precisava ser sistematizado, mas que antes precisava ser valorizado:

...depois que a entendo como mobilização, depois que a entendo como organização popular para exercício do poder que necessariamente se vai conquistando, depois que entendo essa organização também do poder... compreendo o saber que é sistematizado do interior de um “saber-fazer” próximo aos grupos populares. Então... se descobre que a educação popular tem graus diferentes, ela tem formas diferentes (1989:19).

Nesse contexto a EP é compreendida como o esforço de mobilização, de produção e organização do saber do povo, um saber que é antes inadequado para a sociedade e ora se refaz como poder de um grupo. Essa educação além de propor a valorização desse saber busca discuti-lo e acrescentá-lo, entendendo que os saberes construídos nas experiências e práticas sociais são importantes na medida em que direcionam para novos conhecimentos que possibilitem um diagnóstico da realidade social e ações transformadoras.

Durante esse período, a própria economia passa a exigir do Estado maior acesso das classes trabalhadoras à escola, pressionado pelo desenvolvimento urbano industrial, o processo de redemocratização da sociedade que, em decorrência da segunda guerra mundial exigia uma “nova ordem democrática”, assim como pela necessidade urgente de formar novos eleitores, pois o modelo populista que se instalara alcançava seu apogeu (cf. Damasceno, 1998).

No período de autoritarismo militar as lutas dos trabalhadores pela educação básica são contidas, visto que o Estado mantém o controle da sociedade civil e, de modo especial, sobre os movimentos sócio-políticos. Por isso, parcela da Igreja Católica direcionada pela Teologia da Libertação²⁴, que manteve certa autonomia dentro dessa conjuntura, passa a ser o caminho de mobilização desses trabalhadores. Ainda, as experiências de educação de jovens e adultos, antes organizados pelo Estado, são desarticuladas (cf. Paiva, 1973).

Por compreender que a disputa entre Igreja Católica e Estado pelo poder é bastante antiga e advém do surgimento da burguesia que elevou o poder da sociedade civil, quer dizer, parcela dessa sociedade, é que enxergamos com clareza a dissociação atual entre essa Igreja²⁵ e o Estado, assim essa instância primeira quando se colocou ao lado dos trabalhadores na luta por educação não o fez à toa, veio fortalecer a idéia de que a EP teria que acontecer fora do Estado, livrando-se assim das dominações ideológicas e físicas desse sistema e tentando obstruir seu poder. A escola comunitária surge nessa conjuntura, em oposição ao Estado autoritário e repressor (cf. Damasceno, 1998).

Assim, nesse período, quando se pensava em EP como educação para os menos favorecidos, para os excluídos, deixou-se de lado o aparato estatal e as escolas comunitárias passaram a

²⁴ Essa perspectiva teológica está baseada na práxis da libertação e redimensiona a fé cristã para a luta contra a exploração e pobreza que assola a população. Inspirou uma parcela da Igreja Católica gerando uma espécie de separação nas concepções acerca de sua atuação na realidade socioeconômica da população, antes extremamente assistencialista, que passa a trabalhar a partir da conscientização.

²⁵ Cabe aqui enfatizar que parcela da Igreja Católica, pautada pela Teologia da Libertação, vem ao longo de certo período da História, principalmente em nossos dias, travando uma luta silenciosa (quase sempre) com o Estado em torno de sua política de proteção ao sistema capitalista e, conseqüentemente, às camadas mais abastadas economicamente de nossa sociedade. Essa luta ideológica pode ser visualizada no apoio que essa Igreja vem oferecendo aos movimentos de organização popular ou, muitas vezes, constituindo-se como organizadora desses grupos.

assumir esse papel, articuladas quer pela Igreja Católica, através das Comunidades Eclesiais de Base - CEB's, quer por partidos de esquerda, sindicatos, sociedade civil, entre outros.

Durante muito tempo houve uma desvinculação resistente, por parte de intelectuais que estudavam esse tema, em compreender que a EP não poderia estar ligada à educação estatal, ou seja, de que esse tipo de educação só é possível fora do âmbito do Estado. Baseados em estudos como os de Althusser (1970) e outros autores que discutem a teoria reprodutivista, que caracteriza a escola como aparelho ideológico do Estado e, portanto, vem atender aos interesses das classes dominantes, encontra-se justificativa para essa oposição quanto a sua atuação e realização de uma educação voltada para o povo.

As idéias de Althusser que identificam a escola como um instrumento de inculcação ideológica, atuando em favor da legitimação do sistema capitalista abre um leque de análises sobre esse aparato estatal e seu distanciamento dos interesses das classes populares. Vem justificar ainda mais a necessidade de uma escola pensada realmente para a superação da opressão vivida por muitos.

Entretanto, observamos que o papel ideológico da escola é imanente a sua essência, pois atua das mais diferentes formas, nas mais diversas situações. No espaço de EP investigado pode-se perceber aspectos que podem ser considerados libertadores, como outros que configuram uma pedagogia reprodutivista do conhecimento, por exemplo, sua organização, em muitos casos referendados por uma concepção tradicional de educação: os tempos e espaços regulados, as avaliações que terminam ainda, e apenas selecionando, concepções que em muitos momentos se distanciam das práticas. Uma conscientização e prática transformadora que comunguem, muitas vezes, com o que concebemos, todos devem concordar, não é algo que surge repentinamente, mas que é construída por cada sujeito, em cada íntimo, num encontro dialético de voltas e avanços, no movimento próprio da realidade cotidiana.

Vanilda Paiva (1980), vem identificar alguns problemas e implicações destas idéias quando discute que o fato de se considerar a EP como aquela que se passa fora do sistema formal de ensino, ou seja, aquela que ocorre dentro dos movimentos sociais, organizada pela sociedade

civil, não impede de ver que a EP não se restringe a ela, *mas engloba toda a educação que se destina às classes populares* (p.80).

A autora faz um alerta acerca desses limites presentes nas concepções da EP (década de 80), que acabam tomando conta principalmente daqueles que estão mais diretamente envolvidos nas lutas sociais: o Estado tem obrigação de oferecer ao povo uma educação de qualidade no que se refere a organização da escola e tudo que se trabalha nesse espaço, oferecendo realmente um ambiente voltado aos interesses de seus integrantes e, portanto, temos ao invés de negar esse direito formar cordões de luta para ampliar esse espaço.

Ressalta ainda que a teoria reprodutivista é importante na compreensão das relações sociais, principalmente daquelas desenvolvidas no espaço escolar, mas é preciso que se amplie essa discussão no sentido de compreender até que ponto as classes trabalhadoras estariam sendo “contaminadas” pela ideologia dominante sem que dessem conta dessas contradições e desenvolvessem o senso crítico no sentido de resistir e retirar da escola aquilo que lhe permita superar sua exclusão. Mesmo porque a reprodução das desigualdades não é privilégio só da escola, mas de toda sociedade de classes e negar esse espaço, colocando-se fora dele, seria garantir ainda mais essa divisão classista.

A importância dessas colocações, diante das concepções de EP, discutidas nesse período (década de 80) se faz pelo incentivo a superação de certos limites presentes nos conceitos, que restringiam os espaços de atuação da EP. Entretanto, os estudos sobre essa temática hoje, não consideram que toda educação oferecida as classes populares, inclusive a educação estatal, seja EP, mas esse espaço pode também ser “palco” para essas experiências se considerados os princípios dessa perspectiva educacional, tampouco que a EP esteja endereçada somente as classes menos favorecidas, principalmente por considerar a importância dos caminhos metodológicos dessa educação, os princípios que regem essas práticas pedagógicas e por perceber que não são somente os pobres que sofrem situações de opressão, mas outros grupos como as mulheres, que independente da classe socioeconômica a que pertencem podem sofrer opressão em questões relacionadas a gênero, por exemplo.

Em resumo, percebe-se hoje, principalmente no seio das experiências de EP, uma crise diante dessas concepções, pois muitos não reconhecem essas mudanças como legítimas, não compreendem que as atuações da EP estão diretamente ligadas aos caminhos metodológicos que desenvolve, constituindo-se nas perspectivas e interesses daqueles que fazem o público dessa experiência, com o objetivo de superação das formas de opressão por que passam esses sujeitos, não somente os pobres de nossa sociedade, mas qualquer pessoa que se encontre em situação de opressão.

2. Outros encontros com a Educação Popular:

Ao longo das décadas 60-80 a EP seguia as linhas de uma educação voltada para o desenvolvimento da consciência social que reforçava a atuação de muitos Movimentos Populares nas lutas por mudanças, seja na política mais direta ou nas frentes de atuação do Estado, como já caracterizamos no início deste capítulo.

Mas, como se comportam atualmente, em pleno século vinte e um, principalmente se considerarmos que as mudanças nas conjunturas sócio-políticas foram significativas diante da assunção das concepções neoliberais e as ações de nossos governantes frente à globalização da economia.

Segundo Gohn (2001), as atuações na EP via terceiro setor, atualmente, revelam mudanças em seus paradigmas, visto que os objetivos são redelineados e um conjunto de novos parâmetros vai constituir “nova identidade” a essa esfera social, principalmente com a participação do Estado que vai além de questões referentes a financiamento, mas interfere mais diretamente nos processos vividos no cotidiano dessas experiências, principalmente na sistematização e burocratização das atividades ali gestadas.

A autora refaz o caminho de estudiosos que avaliaram o andamento da EP, desenhando as mudanças estruturais nos objetivos e em suas opções metodológicas, ressaltando que antes eram direcionados para atuações políticas de contraposição as ações governamentais, dentro dessa hegemonia política da classe que detêm o poder, passando depois a priorizar a cultura

popular, seus saberes e representações, que de certa forma eram tidos como valor único a ser considerado, evitando assim, o salto necessário para sua reelaboração. Entretanto, hoje, esses objetivos foram redefinidos. Nas palavras dessa autora:

No novo paradigma – não há algo a ser criado, a partir da animação de um agente externo – o educador ou o facilitador – em termos de uma politização que desperte o educando para suas condições concretas de vida, em termos da pobreza e suas causas, de interesse de classe explorada e oprimida, de direitos sociais básicos que lhes estão sendo negados pelas elites e outros. No novo paradigma – há algo a ser repassado – de forma competente, com conteúdo, e que deve gerar uma reação nos indivíduos de forma que ele confronte o recebido com o que possui, de sua experiência anterior e visão de mundo, e o reelabore (idem:01).

Outra característica da EP dos anos 60-80, destaca Gohn, desenhava-se pela importância que era dada a relação educador-educando dentro do processo educativo, ressaltando o aspecto democrático e horizontalizado em que essa relação deveria pautar-se. Os novos direcionamentos, reconhecidos a partir da década de 90, enfatizam esse processo como dialógico e, portanto, repleto de confrontos, tensões, acordos, onde se reconhece a impossibilidade de construção de um processo educacional que esteja imune a qualquer relação de poder, em consequência dos diferentes papéis assumidos (educador, educando, entre outros). O destaque aqui é feito aos *processos de reelaboração e reinterpretação que ocorre na relação – é a partir deles que surgem os novos conhecimentos* (idem:02).

A autora ainda discute que o método dialógico era também utilizado nas décadas 60-80, mas que caminhava mais em torno dos saberes que os educandos traziam de experiências passadas sem considerar, entretanto, a necessidade dos processos de reelaboração desses saberes. A abordagem acerca dos processos interativos, na década atual, rediscute sua utilização considerando os momentos de convivialidade, permeados pelo diálogo, como um jogo de interesses, que caminha entre o conflito e a acomodação e que, por isso gera novos saberes.

Acrescenta ainda:

Assim, a pedagogia estará baseada no diálogo e na construção cooperativa de conhecimentos. Isto significa que a construção de valores passa a ter prioridade, numa perspectiva ética que busca gerar uma nova individualidade, tendo como suposto que essa nova individualidade contribua para que as pessoas se tornem mais preparadas para enfrentar a realidade em que vivem (idem:02).

Esse destaque atribuído ao diálogo era antes o cerne dos processos pedagógicos desenvolvidos nos espaços de EP, deixando de lado outros aspectos que também eram importantes no processo educativo como, por exemplo, o lado afetivo. Esses aspectos estão sendo mais valorizados e podem ser observados nos tipos de projetos e cursos que conseguem mais financiamento, ou seja, àqueles voltados para as mulheres e questões de gênero, por exemplo, também voltado para a arte e o esporte, entre outros.

Ainda segundo a autora, a mudança estrutural que diz respeito aos financiamentos e direcionamentos que a EP, desenvolvida pelo terceiro setor, vem tomando, se fez principalmente pela parceria estabelecida com o Estado, que contribui para reverter a identidade dessas iniciativas educacionais que antes possuíam um caráter mais contestador das ações políticas desse órgão e agora assume o papel de parceiro e cliente das políticas públicas.

Diante das políticas neoliberais que direcionam a sociedade brasileira, observa-se um crescimento maior do terceiro setor frente à política de distanciamento do Estado das obrigações sociais. Esse crescimento das ONGs veio para responder, principalmente, as exigências do Banco Mundial que empresta recursos ao país sob a condição de que parte dessa verba seja destinada a ações sociais. Assim, como o principal problema desses últimos anos, como consequência da globalização, é o desemprego e o crescente índice de exclusão das camadas pobres de nossa sociedade, muitas ONGs passaram a desenvolver projetos de atuação mais voltados para a questão da profissionalização.

A experiência de EP discutida nesse estudo, apresenta essas características, mas toda essa discussão é bem mais complexa do que se imagina. Essa reorganização dos parâmetros de atuação da EP não acontece simplesmente como estão organizadas neste texto ou como são apresentadas pela autora em questão, mas observa-se certa resistência das organizações que estão atuando a mais tempo ou que estão atreladas a algum Movimento Social, como é o caso do Reconquistar, em tentar manter esse caráter contestador das ações governamentais, mesmo tendo que se relacionar mais diretamente com o poder público a fim de garantir os financiamentos necessários a sua sobrevivência e, que se tem consciência, esses recursos pertencem aos cidadãos/seus integrantes.

Toda essa discussão acerca da EP no contexto sócio-político que se vive hoje, sinaliza para uma crise de concepção e de definição dos parâmetros de atuação dessas iniciativas educacionais. Essa crise vem sendo percebida frente às incertezas epistemológicas que cerceiam os âmbitos teóricos na academia, no mundo científico em geral, alavancadas pelo pós-modernismo e pela complexidade das relações desenvolvidas no contexto neoliberal. Segundo Vasconcelos,

No momento em que fracassa esta intervenção ampliada do Estado (a crise do Estado de bem estar social, a derrota do socialismo real, a eminência de uma catástrofe ecológica, a possibilidade de uma destruição militar da humanidade, etc.), abre-se uma grande crise de legitimidade da racionalidade, experimentada tão radicalmente (...) mas essa crise se concentra ao nível da vida cultural pois, ao nível da economia o racionalismo continua imperando (1998: 78).

Encerramos no final do século XX uma etapa na economia, na política, e como consequência observamos transformações nas relações desenvolvidas numa sociedade, antes intitulada sociedade industrial e que agora passa a pós-industrial, pós-moderna, pós-fordista, que começa por centralizar sua economia num novo patamar – os serviços e a informação.

Essas redefinições colocam toda a sociedade numa situação de crise de identidade, num desencontro entre o homem moderno e as necessidades da pós-modernidade, dada sua complexidade, encontra-se repleto de inquietações e incertezas. De um lado observa-se o Estado utilizando termos antes revigorados pelos Movimentos Sociais, enfatizando em seus discursos a autonomia da sociedade civil e até financiando suas organizações, algo que sempre foi bandeira de luta para esses agentes – o afastamento do Estado do bem estar social e o fortalecimento da sociedade civil. Agora, as estratégias do neoliberalismo afasta esse Estado e oferece meios para o crescimento do terceiro setor.

Esse universo de eventos, pouco compreendido e que foge do controle, acaba gerando uma crise de legitimação no que antes parecia estar muito bem definido. Essa crise caminha também pela educação e, no tema tratado aqui, a Educação Popular. A insegurança, gerada por todo esse contexto que, muitas vezes, nos parece fragmentado, mas que constitui uma rede bem engendrada e de difícil visualização dos caminhos percorridos em sua tecitura, termina por descortinar uma sensação de fracasso frente às atuações dos movimentos sociais ou da EP,

que, distantes do que foi planejado, muitas vezes, leva ao caminho inicial: a identidade e legitimidade da mobilização. Vasconcelos acrescenta outras características a esses conflitos:

Apesar da crise teórica, o agir humano continuou construindo práticas de solidariedade a nível tanto das políticas públicas como dos movimentos sociais e da ação individual. O caos total não se configurou. Mas são práticas de solidariedade que já não conseguem aparecer como caminhos definitivos para superação da miséria humana. Práticas e caminhos provisórios. Tentativas fragmentadas, mas múltiplas e significativas. Discursos generalizadores de determinado modelo são logo desacreditados e ironizados (idem:82).

Esses conflitos permeiam as relações desenvolvidas pelos integrantes do Reconquistar, uns ainda atrelados às concepções mais antigas da EP, de certa forma colocando em segundo plano o conhecimento mais formal (conteúdos) e priorizando o saber do povo, a formação crítica, a luta contra o Estado e suas políticas de opressão; outros já sentindo a necessidade de direcionar o processo pedagógico para a formação mais direta, enfatizando mais os conteúdos necessários na continuidade dos estudos desses alunos e sua profissionalização, lutando pela aprovação de projetos junto ao poder público para garantir verbas e dar continuidade as atividades dessa experiência.

Então, seria hoje, com a retomada dos espaços sociais e de outros construídos pela sociedade civil, após anos de ditadura, um momento de maior luta em torno de um reajuste social, em função das crises que perpassam a sociedade capitalista nesse final de século e ainda em face de uma maior organização política dos que integram os setores menos privilegiados? Ou a estratégia de luta estaria sendo redefinida, priorizando atuações mais diretas diante das políticas governamentais, agora como cliente e, portanto legalmente capacitado para cobrar desse órgão, políticas que ampliem a ampliação das atuações populares?

Essa mudança estratégica de luta apresenta-se mais pontual, não como uma luta pela transformação estrutural da sociedade (do capitalismo para o socialismo), através de uma tomada de poder mais direta, mas de uma distribuição mais humana da renda, para fortalecer um poder que se desenvolve paulatinamente nos processos educativos da EP e dos Movimentos Sociais, que priorizam a construção de novos valores, mais éticos e mais humanos – o poder do povo, capacitado para enfrentar a sociedade, com conteúdos científicos

que surgem da valorização e superação do saber construído em sua prática, com novas concepções de mundo – a natureza, as relações, o respeito às diferenças, a solidariedade, enfim uma transformação social que não vem pela revolução armada, mas pela reorganização e reelaboração das perspectivas diante do mundo e das relações entre os homens, uma mudança que vem em longo prazo.

Pensar nessa contribuição na luta por equidade social via formação do homem, requer inicialmente que nos preocupemos com o acesso à educação de qualidade, pois ao longo do processo histórico brasileiro o tratamento dado à área da alfabetização não foi suficiente na erradicação do analfabetismo, visto que as estatísticas ainda apontam altos índices de analfabetos total e funcional entre os jovens e adultos e as atuações do terceiro setor hoje, também, não serão o bastante para transformar essa realidade, quanto mais se pensarmos no acesso ao ensino médio e superior que evidenciam uma limitação muito maior quanto a participação das classes menos favorecidas economicamente.

Nota-se, ainda, pressões de organismos internacionais como o Banco Mundial no sentido de acionar medidas que efetivem mudanças positivas no quadro estatístico educacional brasileiro, revelando, entretanto, o interesse muito mais de responder as demandas de uma economia selvagemmente competitiva, potencializando o quadro de trabalhadores para atender as exigências do novo mercado, face a sua reestruturação, ou ainda garantir um equilíbrio nas relações desenvolvidas na sociedade, que de equidade social. Segundo Tommasi et alii, ao apresentar a discussão acerca da educação nos países subdesenvolvidos na I Conferência Anual do Banco Mundial, é enfatizado que...

...A conclusão do Banco foi a de que as insuficiências do capital humano são o mais importante fator destes males e que o choque educativo que propõe seria o principal superador dos desequilíbrios dinâmicos e acelerador do crescimento econômico com igualdade e democracia (1998:58).

Dessa forma, no âmbito das políticas públicas, confrontamo-nos com iniciativas legais de reafirmação das responsabilidades do Estado com a Educação de Jovens e Adultos presentes na Lei Diretrizes e Bases atual, no entanto as condições objetivas que estão sendo oferecidas ainda não possibilitam a universalização da educação.

É importante refletir sobre os pressupostos pedagógicos que embasam as concepções de educação presentes nas propostas educacionais governamentais, pois revelam ser fundamentadas, em sua maioria, pela ideologia instrumental, cujo objetivo é fazer dos nossos jovens e adultos, trabalhadores e cidadãos mais produtivos em uma dada sociedade.

As mobilizações populares, em face dessa realidade de exclusão, se fazem também em torno da educação e diria que é de fundamental importância se pensar numa proposta educacional voltada para os interesses desses excluídos, pois os parâmetros de relação que se reconfiguram em torno desse novo mercado exige muito mais que uma formação de adequação as suas exigências, mas de enfrentamento, de ações que busquem a transformação dessas relações sócio-políticas.

Lendo *Pedagogia da Práxis* de Moacir Gadotti (1998), onde discute o caráter libertador²⁶ da educação, surge a idéia de direcionar um pouco essa reflexão em torno das funções a que se propõem as experiências de EP e suas reais atuações. Por considerar que a educação não é, por si só, uma alavanca de transformação social, mas tem papel importante e que não existe uma dicotomia pura entre educação conservadora e educação libertadora, venho concordar com Gadotti nesses ensaios. Os espaços de educação, sejam populares ou não, estão repletos de contradições, tanto por estarem inseridos numa sociedade contraditória, como por serem formados por sujeitos construídos nesse processo de relações também contraditórios.

Assim, dentro da escola pode-se perceber contradições internas pela necessidade de transmissão da cultura existente e dimensões transformadoras pelas próprias exigências do caos social de construção de uma nova cultura, sua tarefa revolucionária. Nesse contexto, pedagogia libertadora seria aquela *que não tenta esconder as contradições existentes na sociedade, mas tenta mostrá-las* (Gadotti, idem:45).

²⁶ O teórico que fundamenta essa discussão é Marx (1980) que discute o processo educativo através do conceito de omnilateralidade. não como o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas inatas, mas como a criação dessas potencialidades. Entende a educação como um processo vinculado à produção social total, portanto capaz de intervir nesse mundo de relações sociais pela formação de uma consciência de classe na busca de eliminar a dicotomia trabalho manual x trabalho intelectual.

Faz-se necessário pensar um pouco nesse novo sujeito proposto pela EP, que antes não se entendia como “sábio”, como produtor de conhecimento, esse sujeito que vive diariamente a luta constante pela sobrevivência, por condições mínimas de vida e que agora parece crescer em auto-estima quando acrescenta ao saber construído na prática um mundo novo de conhecimento, ampliando seu poder dentro desse mundo social antes tão limitado. Para McLaren, *precisamos ver as pessoas subalternas como contra-representações para articulações contra-hegemônicas, articulações de novas epistemologias, novas epistemes de resistência tanto na prática da teoria quanto na teoria da prática* (1997: 25).

Pensar nos alunos que participam do Projeto Reconquistar como esses sujeitos de possibilidades transformadoras constitui tarefa importante, tanto para educadores como para eles próprios, então, como esses trabalhadores, donas de casa, jovens estudantes ou sujeitos que a muito não freqüentavam a escola se entendem hoje, participando desse novo espaço que discursa a favor de seus interesses? Como desenhar esse homem-trabalhador que se tenta definir nesse espaço educacional? Como entender as construções subjetivas desses sujeitos frente a esse mundo específico e dinâmico que são os espaços de EP? Que relações são construídas neste espaço “aberto” a participação do povo? O que mudou na vida dessas pessoas? Como esse ambiente educativo reage ao contexto moderno de globalização, com a inserção de novas tecnologias, novas linguagens, novas filosofias, principalmente por lidar com a formação do trabalhador?

Assim, propõe-se como eixo de estudo desta pesquisa a experiência social de vida cotidiana escolar do aluno-trabalhador que participa das experiências de EP, privilegiando sua produção cultural, o processo de busca desse ‘novo’ sujeito politizado, o caráter ativo da resistência a esse aparato formal configurado na escola, as relações, enfim a teia ‘contraditória’ da educação nesta proposta.

As concepções e objetivos que permeiam a EP na proposta investigada focalizam-na como um espaço pensado para o povo e que se efetiva a partir de sua realidade, é muitas vezes entendida como uma “saída” para o sofrimento de muitos, coloca-se como responsável pela recuperação

da auto-estima²⁷ dessas pessoas e procura potencializar esses sujeitos no enfrentamento desse mundo social injusto. Seu objetivo central seria estimular uma leitura do mundo, desprovida de disfarces ideológicos e propor em seu cotidiano um espaço democrático, participativo, solidário, onde se deve vivenciar a verdadeira cidadania.

No entanto, parece problemático o nível de expectativa que se forma em torno desse espaço²⁸, ainda mais quando sua clientela encontra-se em situações de risco, depositando nessa instituição todas as suas esperanças de “salvação”. Alguns depoimentos²⁹ de alunos que vivenciam essa proposta caracterizam essa expectativa:

Pra mim é tudo que eu sempre busquei, pois meu objetivo é como todos que faz parte dele. Ver o mundo com outros olhos, aprender a respeitar o próximo é buscar nele os seus direitos de cidadão (aluna da Suplência II).

O projeto representa uma saída da crise do desemprego. Com certeza será uma solução para nós que estamos com dificuldades financeiras (aluno da Suplência I).

Também se apresenta como problema a delimitação de idéias que configuram alguns tipos de movimentos esquerdistas e que, muitas vezes, se estendem às escolas organizadas no seio dos movimentos populares, que contraditoriamente desmascaram as ideologias estatais, mas utilizam-se da violência simbólica³⁰ para lançar outros modos de pensar que, muitas vezes, são fragmentados e unilaterais, como por exemplo, aquelas idéias mais extremistas que compreendem a realidade social como uma totalidade fechada e que nada traz de positivo, apresentando somente aspectos ligados a opressão e a exploração humana.

Não se propõe aqui desenhar as relações desenvolvidas na sociedade capitalista de forma humana e justa, mas ressaltar que toda moeda tem duas faces e que, por isso, se de um lado desumaniza e materializa o homem, de outro abre caminho para libertação quando, por

²⁷ Aqui considero motivadora a intervenção do Reconquistar na renovação da auto-estima, visto observar o interesse pela volta aos estudos, na aquisição de uma profissão, de um certificado, as novas tentativas de buscar um emprego formal, os sonhos manifestados no discurso desses alunos e ações para concretização desses sonhos (continuidade dos estudos – Ensino Médio, busca de aprofundamento do curso obtido, entre outros).

²⁸ Refiro-me diretamente ao Projeto Reconquistar.

²⁹ Depoimentos apresentados em sala de aula, quando atuava como educadora, a partir de atividades em grupo.

³⁰ Violência que não está explícita, mas que configura as relações diárias dos sujeitos nas interações (categoria trabalhada por Bourdieu e Passeron, 1975). O espaço escolar é bastante propício a esse tipo de violência em razão das relações de poder próprias desse ambiente.

exemplo, contraditoriamente, estimula a aproximação do povo. Assim, é preciso deixar que os sujeitos desenvolvam suas próprias idéias que podem ser trabalhadas democraticamente pelo educador em debates e discussões, numa leitura mais próxima a sua realidade social, crítica e, por isso, mais coletiva.

Sem considerar essa liberdade imprescindível na construção da consciência crítica, cairia no mesmo erro de compreender a formação do homem como unilateral e não direcionaria sua atuação para a tentativa de desenvolver todas as suas potencialidades. À sociedade e muito menos ao trabalhador interessa este tipo de formação parcial, mas sim uma formação pautada por uma concepção ampla de educação, que valoriza todos os aspectos do indivíduo: corpo, razão, espírito, estética, ética, entre outros.

Antes de tudo, as experiências populares estão propondo a politização, tentando trabalhar a consciência crítica dos sujeitos, construindo novas idéias, dessa forma concordamos que essa escola assemelha-se as demais, pois Foucault (apud McLaren, 1997) chama a atenção sobre esse caráter da escola quando afirma que...

...a educação pode muito bem ser (...) o instrumento através do qual todo indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso. Mas nós bem sabemos que nesta distribuição, naquilo que permite e evita, ela segue as bem-trilhadas linhas de batalha do conflito social. Todo sistema educacional é um meio político de manter ou de modificar a apropriação de discurso, com o conhecimento e poder que ele carrega consigo (p.40).

Assim, como qualquer outro ambiente instituído a partir das interações e articulado através de planejamentos, com intenções definidas, as práticas da EP não podem ser compreendidas como neutras ou que não interferem no modo de pensar das pessoas ali inseridas, por isso considerá-las também um espaço político, com opções definidas de discursos a serem divulgados, de ideologias a serem propagadas nas vozes e fazeres pedagógicos ali enfatizados.

Entretanto, é preciso acrescentar que a escola popular organizada no seio da sociedade de classe deve, por essência, propor trabalhar idéias que desnudam as ideologias dominantes que oprimem e desestimulam os sujeitos em sua ação social, trabalhando idéias que representem os interesses da maioria, atuando para transformá-la.

Toda ação que tenta promover um tipo de homem, de cultura, de crença está, indiscutivelmente, praticando uma ação política. A política é o sal que torna saborosa a própria vida. Todos fazemos política diariamente, mas a escola de modo especial, visto que tem como locus de atuação o próprio homem.

As experiências de EP, seja vivenciada nos movimentos populares ou no âmbito estatal, parece nascer da politização de seus participantes, sendo construída diariamente, na formação de lideranças e de filosofias próprias do grupo que a articula. Seu caráter político é sua razão de ser e, por isso, aparece claramente. Nega sua essência se nasce de relações que se centralizam na hierarquia, dominadoras, onde o mais forte sobrepõe o outro mais fraco, mas cresce quando se tornar uma relação de parceria, relação que é fruto da organização de seus membros, das lutas e divergências, dos confrontos e acordos.

De toda essa reflexão percebemos que as relações cotidianas colocam-se como elemento de extrema importância no processo ensino-aprendizagem onde, o agir pedagógico realizado no contexto escolar pode ser concebido quer...

...como um agir sobre os outros, ao modo de uma ação estratégica de influência e de manipulação, ou entendido como um agir com os outros, ao modo de uma ação comunicativa, baseada na colaboração e cooperação entre as partes envolvidas (Boufleuer, 1997:80).

Este último pauta-se no entendimento, nas discussões, nos momentos de consensos e confrontos, nas verdadeiras práticas coletivas e dialogais, estruturadas nos interesses do grupo. Não está negando o caráter significativo e educativo dos confrontos, mas propõe um processo interacional construído numa democracia ativa.

3. O papel da Igreja Católica e sua concepção educacional

Para iniciar a reflexão acerca do papel da Igreja Católica remete-se a letra do poema apresentado no início desse estudo, principalmente por ter sido escrito para retratar o Reconquistar e, também, pelo autor, membro da Pastoral Operária (P.O) e presidente da Associação Santo Dias, ONG que organizou e implementou essa experiência.

A leitura desses versos relembra uma experiência pessoal, vivida na juventude ao participar de um Movimento ligado a Igreja Católica, a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), que motivava os jovens da cidade interiorana onde morava a se organizarem para discutir assuntos ligados à comunidade, traçar um diagnóstico dos problemas enfrentados e refletir sobre as causas, na perspectiva de solucioná-los. A ligação entre essa participação na PJMP e os versos transcritos no poema anteriormente apresentado, se encontra em seu caráter “utópico”, mas a partir de possibilidades reais de concretização – sonhar para transformar – nos sonhos de transformação social, e, também no aspecto educativo que permeiam suas entrelinhas (a organização, a libertação, fazer história, acordar diante da realidade social).

O aspecto educativo presente nas propostas de atuação da P.O ou da PJMP, ambas caracterizadas pela organização popular e por estarem ligadas a Igreja Católica, que direciona seus trabalhos à classe “pobre” e “excluída” de nossa sociedade no que concerne a economia, a cultura, a política e a outros aspectos, faz parte de uma orientação teológica que direciona a atuação de parcela dessa Igreja – a teologia da libertação.

A teologia da libertação, segundo Regidor (1996), surgiu na América Latina a partir de duas realidades históricas. A primeira foi a organização do movimento popular que teve grande incentivo com a revolução cubana em 1959, reafirmada com a revolução sandinista em 1979; e a segunda, mais ligada ao movimento operário e estudantil, principalmente, que traziam uma “inspiração cristã” e que culminou com a organização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Dessa forma, esses grupos passam a buscar no evangelho uma interpretação que fundamente suas concepções sociais e que fortaleça suas experiências, sempre entoando o “canto” dos pobres, da libertação de males capitalistas que contrapunham o cristianismo porque resultavam na fome, na miséria, na perda da dignidade, enfim uma luta contra as desigualdades sociais. Segundo Boff (1996), essa aproximação da Igreja Católica com as causas dos pobres e oprimidos foi confirmada em 1968, em Medellín (Colômbia), na II Conferência Episcopal Latino-Americana. Entretanto, enquanto teologia, essa opção pela pobreza levou dez anos para

se desenvolver e ser aceita enquanto direcionamento teórico/prático. Somente em 1971 surgiram as primeiras publicações acerca de sua sistematização.

Por tratar-se de uma experiência de educação organizada pela P.O, claro contando com a participação de outras instituições, mas que desenvolvem, também, um trabalho social voltado para libertação do “homem oprimido”, o Reconquistar compartilha das orientações teológicas enfatizadas nos parágrafos anteriores. Nesse contexto, o trabalho educativo da Igreja Católica, por meio da P.O e, conseqüentemente, através do Reconquistar constitui uma prática social, situada em uma sociedade contraditória e, portanto, espaço de conflitos. Entendemos então, que a Igreja, como qualquer outro espaço social, sofre influências do contexto social e, por isso, é também um espaço político que deve se posicionar diante das lutas travadas nessa sociedade.

Damasceno (1990), discute os fundamentos da educação católica procurando analisá-los a partir de três orientações teológicas que caracterizam a posição da Igreja na sociedade, em especial a sociedade brasileira: a teologia tradicional, a teologia moderna ou progressivista e a teologia da libertação. A primeira concepção caracteriza as atuações dessa Igreja pela aliança com as oligarquias políticas, radicalmente presas ao mundo feudal e aos fundamentos e interpretações clássicas do evangelho, direcionando as posturas cristãs para a aceitação e passividade diante da realidade social.

A teologia moderna ou progressivista, impulsionada pelo problema da modernidade que influencia no afastamento do homem da espiritualidade, da fé cristã, por estar, principalmente, fundada no ceticismo e no materialismo, volta-se para a busca da integração do homem à religiosidade, para seu retorno aos valores católicos e, por conseguinte, para a superação do espírito moderno. A autora ainda acrescenta:

...o aspecto que chama mais atenção nessa concepção solidarista de sociedade é a crença idealista na força do espírito cristão, na superação do espírito moderno. Acredita-se ser possível o entendimento entre classes sociais opostas (...) penetrados pelo espírito cristão (idem: 103).

Atualmente, percebe-se na Igreja Católica posicionamentos mais ligados a teologia moderna e a luta pela aproximação do homem às atividades religiosas, um homem que se caracteriza principalmente pela falta de tempo, diante da correria cotidiana pela sobrevivência e por condições melhores de vida, aqui incluídas principalmente questões econômicas, um homem também que nas poucas horas livres quer desfrutar dos prazeres que o mundo moderno pode lhe oferecer e, assim, esquece dos rituais católicos (celebração eucarística, sacramentos), da fé cristã e, por isso, afasta-se cada vez mais da Igreja. É a superação desse distanciamento que move a teologia moderna.

Outro aspecto também relevante nesse distanciamento do sujeitos da Igreja Católica pode ser identificado na metodologia que utiliza para propagação da fé, que muitas vezes não responde aos anseios da população levando a busca por outras esferas espirituais, principalmente as Igrejas Evangélicas, hoje em crescente desenvolvimento. Essas Igrejas centralizam suas atividades numa aproximação maior à realidade vivida por seus integrantes, divulgando “fórmulas poderosas” para a superação dos problemas enfrentados em seu cotidiano, que ficam mesmo ao nível conceptual e psicológico, através de uma mística bem mais forte e convincente (expulsando demônios, curando doenças pelo milagre, salvando almas para o reino de Deus, entre outros), quebram a distância presente nas relações entre fiéis e clero vividas pela Igreja Católica, fruto de uma cultura construída ao longo de sua história institucional, altamente hierárquica.

Para uma parte da Igreja Católica a problemática está na sociedade, nas relações desumanas de apropriação do trabalho do homem, nas condições mínimas de sobrevivência que lhe são oferecidas e, portanto, as intenções presentes nas atuações da Igreja devem estar pautadas na luta pela transformação social.

A teologia da libertação entra em pauta para responder a essa nova visão do homem nas relações sociais. Ela surge da opção pelos pobres e num momento histórico bastante difícil na América Latina, particularmente no Brasil – O Regime de Segurança Nacional – que significou a desarticulação na organização popular que estava se desenvolvendo, como uma espécie de protecionismo do capital e de todo modelo de sociedade construído em seu

benefício. Damasceno, caracteriza esse período (a partir de 1964) enfatizando as conseqüências desse momento político para os movimentos populares, inclusive àqueles organizados pela Igreja Católica:

...a ascensão ao poder dos grupos radicais de direita, com o conseqüente emprego da repressão, representou o aniquilamento de grande parte dos movimentos populares ou daqueles ligados aos mesmos, como o movimento dos jovens católicos (idem: 105-106).

Regidor organiza a trajetória histórica de construção da teologia da libertação a partir de dois momentos: 1) *gestação* (1962-1968) e *gênese* (1969-1971); 2) *difusão e crescimento* (1972-1979). A *gestação*, que se faz desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) à II Conferência Episcopal Latino-Americana (1968) onde foi discutida a descentralização do trabalho da Igreja de questões marcadas pela *secularização e pelo ateísmo* em direção as *situações de pobreza e miséria das maiorias do continente americano* (1996:18-19). Desse encontro, ainda segundo o autor, foram retirados três direcionamentos: opção pelos pobres, pelas comunidades eclesiais de base e pela libertação integral.

A partir de 1968 aparecem as primeiras produções escritas acerca dessa teologia com o teólogo Gustavo Gutiérrez, que a nomeou como *teologia da libertação*, e foi publicada apenas em 1971, daí a sua *gênese*. Ao longo de sua difusão e crescimento o autor, ainda apresenta outros encontros e conferências realizadas junto a integrantes da Igreja Católica, bem como contextualiza politicamente a América Latina mediante a repressão militar referida acima. Regidor enfatiza que essa situação trouxe muitas dores para aqueles que integravam algum tipo de movimento considerado subversivo:

A esquerda latino-americana viu-se obrigada a enfrentar profundas dificuldades (clandestinidade, enfraquecimento da militância, exílio político, prisão e torturas, milhares de desaparecidos). Isso provocou profundo impacto na Teologia da Libertação. Grande parte de sua prática e da sua elaboração teórica se articulou em torno da crítica à ideologia da segurança nacional, sobre a temática dos direitos humanos, sobre os problemas da democracia, abordando também outros temas teológicos, reinterpretados do ponto de vista dos pobres...(idem: 19-20).

No curso de sua trajetória o crescimento da teologia da libertação não foi isento de conflitos, nem mesmo dentro da própria Igreja Católica, onde muitos grupos mais tradicionais desencadearam oposição a essa teologia. Algumas críticas mais acirradas chegam a reduzir essa tendência teológica a movimentos subversivos e a redução da fé à política. A Igreja chamou a atenção para o uso não-crítico do marxismo considerando-o perigoso para o desenvolvimento de uma teologia cristã. Somente em 1986 o papa atual assina uma *Carta à Conferência Nacional dos Bispos no Brasil*, onde destaca a conveniência dessa teologia e sua opção preferencial pelos pobres da terra (cf. Regidor, 1996).

Em suma, a partir de 1968 a Igreja Católica se divide em três correntes teológicas. Uma mais conservadora, que apresenta um regime mais colonial e usufrui de regalias e privilégios, permeados por acordos com a oligarquia política dominante e que objetiva, sobretudo contribuir para a dominação por meio da fé, na luta contra o comunismo. Outra com direcionamentos mais reformistas, porém que prioriza a evangelização mais tradicional que começa e acaba na leitura e interpretação bíblica, negando a práxis voltada para a libertação social; a libertação aqui é espiritual e tem como princípio corrigir os males trazidos pela modernidade como discutimos anteriormente.

A terceira corrente claro, traz princípios libertadores, não só espirituais mais materiais, sociais, “entrega” a Igreja Católica ao povo, dada sua proximidade, e trabalha por mudanças radicais no modelo de sociedade capitalista, principal fator que contribui para o aprisionamento do espírito e do corpo humano, que gera situações de miséria e injustiça social. Uma aproximação da Igreja Católica com a política, com o povo e com sua realidade social. Gutiérrez descreve o caráter político presente na teologia da libertação:

...esse projeto de uma sociedade diferente também inclui a criação de um homem novo, cada vez mais livre de toda servidão, que o impede de ser agente de seu próprio destino na história. Isso leva a questionar as ideologias dominantes – nas quais estão presentes certos elementos religiosos – que hoje modelam o homem em nossa sociedade. No entanto, a construção de uma sociedade diferente e de um homem novo não será autêntica se não for assumida pelo próprio povo oprimido. E, para isso, deve-se partir dos próprios valores desse povo (...) somente assim se poderá realizar uma verdadeira revolução social e cultural (1981:71).

- A mística – outro modo de fazer Igreja e Escola?

A crítica levantada em torno da teologia da libertação que enfatiza seu afastamento da fé, da oração, dos rituais mais tradicionais da Igreja Católica é respondida com a construção de um “novo” modo de expressar a dimensão espiritual e garantir a originalidade dessa concepção teológica. Esse modo de construir espiritualidade é marcado pela reverência a espontaneidade e pela diversidade nas formas de expressar a fé, seja na oração, em momentos litúrgicos que são bastante simbólicos e nas leituras críticas do evangelho, sempre na perspectiva da libertação, na tentativa também de valorizar o saber popular e respeitar sua expressividade.

Todo aparato utilizado nesses momentos – as canções, as preces, os símbolos ofertados como os “chinelos do caminhante” ou os “espinhos da opressão” são levados ao altar e oferecidos ao Deus libertador – oferecidos são também as lutas dos militantes, a jornada dos mártires e o empenho na construção do “Reino de Deus”, feito aqui em nossa sociedade, uma transformação que começa nas bases, na libertação daqueles que são oprimidos. Todos esses símbolos e representações que expressam anseios de liberdade constituem a *mística* própria da teologia da libertação.

Essa reflexão acerca da teologia da libertação objetiva apresentar pistas para que se perceba seu caráter educativo e sua forma “diferente” de educar, diferente no que concerne a Igreja Católica que sempre chegou ao público de forma mais tradicional, organizada nas relações de poder, impondo formas de compreender a realidade pela ótica da cultura dominante e que, negada por essa nova teologia, que se volta para a valorização cultural e perspectiva de homens e mulheres, crianças, idosos e jovens que vivem situações de exclusão, seja pela miséria econômica, pela discriminação racial, pela repressão machista ou outras formas de justificar sua ausência nos espaços sociais.

Mesmo apresentando a Igreja como um espaço do povo, que consubstancia sua atuação a partir de uma metodologia que busca a formação de militantes e lideranças, a Igreja Católica, pautada por essa concepção teológica libertadora, também apresenta uma interação hierárquica e dividida pelo poder. Essa Igreja, enquanto instituição não está livre desses aspectos, por mais

progressista que sejam os dirigentes e seus integrantes, desenvolvem relações cerceadas pelo controle. Essa lógica é parte constituinte de uma cultura profundamente enraizada em nosso passado histórico e de difícil superação. A figura do padre representa um patamar de decisão superior àqueles divulgados entre os participantes, principalmente quando constroem suas representações a partir de uma cultura do senso comum. Entretanto, a postura ali defendida é de maior abertura e, portanto, voltada para uma integração e participação.

Apesar de enfatizar mais questões políticas do que os aspectos religiosos aqui discutidos, o trabalho desenvolvido no Reconquistar apresenta características dessa teologia, principalmente quanto aos direcionamentos teórico/metodológicos e na própria valorização da mística, do encontro, do diálogo, do engajamento na luta pela liberdade, no respeito às diferenças, no respeito ao meio ambiente, na valorização da mulher, do negro, do pobre, o respeito a outras religiões, enfim, dividem o mesmo caminho, no sentido de vislumbrar uma sociedade diferente.

Segundo Clovis Boff (1996), essas são as perspectivas da teologia da libertação a partir dos anos noventa: o grito do planeta que incentivou questões ecológicas, as lutas entre os povos e as questões raciais (índio, negro, hispânico, etc.), a emancipação feminina enfatizando questões de gênero, a globalização e o crescimento da pobreza, questões ligadas à dívida externa dos países periféricos, enfim, quase todas as temáticas também priorizadas nas atividades do Reconquistar, assim como nos Movimentos Sociais como um todo. Existe certa integração nas prioridades desses seguimentos sociais que, antes de tudo, apresentam como característica comum a participação na luta política das esferas contra-hegemônicas.

Parte III

Cultura, Formação e Trabalho – As Representações da Educação Popular e seus Direcionamentos Curriculares

CAPÍTULO IV

1. A experiência do Reconquistar:

Para iniciar a discussão acerca da experiência de educação desenvolvida no Reconquistar enfatiza-se de forma sucinta as propostas presentes em seu projeto político-pedagógico, a fim de confrontar o que foi idealizado com as ações propriamente ditas em sua efetivação, sempre amparada nas entrevistas e observações realizadas na pesquisa de campo, bem como em considerações advindas da experiência adquirida como educadora nesse ambiente. Dessa forma, a reflexão que segue será organizada em recortes etnográficos que permitirão discutir alguns momentos específicos desse processo educativo.

O projeto político-pedagógico foi elaborado a partir de indicações metodológicas do Plano Estadual de Qualificação Profissional – PEQ, quando da seleção para financiamento de propostas ligadas à formação profissional, visto que esses recursos originam-se do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, direcionado à capacitação profissional dos trabalhadores que se encontram fora do mercado ou na informalidade. Acrescido a estes aspectos a referida proposta priorizou a concepção educacional e política da Pastoral Operária e de outras instituições³¹ ligadas aos Movimentos Sociais, que participaram de Fóruns e Seminários organizados para elaborar esse projeto.

Essa proposta apresenta, em sua primeira parte, a trajetória na construção e desenvolvimento da iniciativa, onde relata a pesquisa³² desenvolvida pela Pastoral Operária com o apoio do Cearah Periferia no Grande Jangurussu, com o intuito de caracterizar essa região acerca de questões como empregabilidade e escolarização.

Partindo da realidade descrita por essa pesquisa a Pastoral Operária, por meio da Associação Santo Dias, encontrou suporte para organizar, implantar e efetivar o Projeto Reconquistar, na

³¹ Reconstrução – ONG/SP. Cáritas Brasileira Regional Ceará. Associação das Escolas Católicas – AEC/CE. Central Única dos Trabalhadores – CUT/CE. Universidade Federal do Ceará - UFC. Unitrabalho. Cearah Periferia. Sistema Nacional de Emprego – SINE/Ce. Pastorais Sociais. Associações Comunitárias e moradores da região do Grande Jangurussu.

³² Os resultados dessa pesquisa foram apresentados no primeiro capítulo desse trabalho.

perspectiva de oferecer a profissionalização integrada à Educação Básica³³, bem como a formação para a cidadania³⁴.

A organização dessas áreas de conhecimento, intituladas: Habilidade Específica para a formação profissional, Habilidade Básica para a escolarização e Habilidade de Gestão para a formação da cidadania, almeja atribuir um caráter interdisciplinar ao processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, a proposta pedagógica do referido projeto tem como principal objetivo possibilitar o acesso dos excluídos³⁵ a uma formação diferenciada, ancorados em direcionamentos pedagógicos e concepções de educação desenvolvidos por Paulo Freire, bem como, em outras experiências vividas no setor de educação popular em outros Estados.

No que se refere ao ano de 2000/2001³⁶ o Reconquistar foi organizado em oito cursos profissionalizantes integrados ao ensino fundamental. Vale ressaltar que há uma divisão desses cursos por escolaridade: Suplência I – equivalente a 1ª fase do ensino fundamental – e Suplência II – equivalente a 2ª fase.

Assim, vinculados a Suplência I estão os cursos de *Massoterapia, Corte e Costura Industrial, Instalação Elétrica Predial e Artesanato*. Na Suplência II integram-se os cursos de *Agricultura Orgânica (Farmácia Viva), Corte e Costura Industrial, Manutenção Elétrica de Veículos Automotores, Instalação e Manutenção de Micro e Acionamento de Motores e Refrigeração*.

O processo seletivo, para a ocupação das vagas oferecidas, contou com o preenchimento de uma ficha³⁷ contendo dados referentes à situação socioeconômica, faixa etária e escolaridade. Tais critérios procuravam selecionar os sujeitos que se apresentassem com maior defasagem

³³ Ensino Fundamental, equivalendo a 1ª à 8ª série do antigo 1º grau.

³⁴ Na disciplina intitulada Gestão são trabalhados temas ligados à formação da consciência crítica

³⁵ Na concepção dos integrantes do projeto Reconquistar excluídos são os jovens e adultos, deficientes físicos, mães solteiras sem escolarização, fora do mercado de trabalho formal e em situações sociais de risco.

³⁶ O projeto político-pedagógico analisado está sendo desenvolvido nesse período, mas a pesquisa de campo se fez ao longo de 2001.

³⁷ Ver em anexos.

escolar em função da idade, dando preferência às pessoas com piores condições de sobrevivência.

A dificuldade de fazer uma triagem de excluídos, dentre os excluídos, configurou-se num grande problema, visto que a capacidade do projeto não permitia o acesso de todos. Desse modo, foram inscritas cerca de 1500 pessoas e aproximadamente 340 apenas puderam ingressar, como descreve o depoimento abaixo:

Essa experiência, a gente tinha a proposta de ser, no máximo, 180 trabalhadores dessa área do Grande Jangurussu, só que a procura foi assim exagerada, em dois dias de inscrição tinha mais de 1.500 pessoas inscritas. Então, foi uma coisa assim que a gente resolveu ampliar (educadora da Suplência II).

Ainda no momento da seleção foi percebido que alguns sujeitos, que pleiteavam uma vaga em cursos ligados a suplência, tinham motivação e habilidade para cursá-los, mas a questão da escolarização não permitia, uma vez que a organização das Habilidades de forma integrada, apesar de propor a interdisciplinaridade, acabou engessando o processo.

Essa questão se dava porque, muitas vezes, o curso pretendido estava integrado a Suplência II, por exemplo, e o candidato não tinha concluído o ensino fundamental I ou, em outros casos, ligados a Suplência I e este já apresentava escolaridade suficiente para ingressar no nível II.

Esse problema, inicialmente, tinha sido superado quando se estabeleceu maior flexibilidade aos cursos, permitindo que o aluno fizesse um curso específico e uma suplência adequada a sua escolaridade, independente de sua integração. No entanto, essa abertura acabou por comprometer a organização burocrática da escola quando da produção de certificados³⁸ ou mesmo no acompanhamento do rendimento escolar.

O problema maior, entretanto, diz respeito à questão interdisciplinar que acontecia por curso, ou seja, o discente que estivesse acompanhando a suplência do curso de Corte e Costura, por

³⁸ A certificação era elaborada de forma a integrar todas as habilidades num único documento, mas o certificado referente ao curso técnico era entregue separadamente para garantir aos discentes uma maior flexibilidade ao utilizá-lo.

exemplo, mas na parte específica fosse aluno da Elétrica, estaria trabalhando conteúdos com temas geradores ligados a um curso que não era o seu.

Essa contradição parece ter velhas raízes num tipo de tradição cultural, já observada por alguns estudiosos, em que é destacada a compartimentalização da educação. Nossas escolas, quando pensadas e organizadas, acabam também comungando com essa lógica bastante tradicional e difícil de ser desconstruída que surge da divisão dos saberes.

No entanto, essa fragmentação não se dá apenas quando se trata dos conteúdos ou conhecimentos, ela inicia na organização dos cursos, no modo como esse ambiente educativo está sendo pensado. De acordo com Giroux...

...a escola adota, cada vez mais, formas de pedagogia que padronizam a instrução e a transformam em rotina. Isto fica evidente na proliferação de currículos de base instrucional e de esquemas de gerenciamento, na adoção de sistemas de aprendizagens baseados na competência e abordagens similares, tal como a aprendizagem de domínio (1987:17).

O autor, citado acima, discute essa fragmentação dos saberes quando se refere a “proletarização do magistério” e o surgimento do especialista como um “primado da racionalidade técnica e econômica” que veio fortalecer a dominação ideológica ao separar o todo em partes aparentemente heterogêneas, facilitando o gerenciamento e controle do conhecimento, a desvalorização do trabalho intelectual crítico e colaborando para a formação parcial dos sujeitos.

O professor capacitado para trabalhar com todas as áreas do conhecimento – professor polivalente - ficou há algumas décadas atrás, pelo menos no que se refere ao ensino fundamental II, onde os conteúdos vão tornando-se mais complexos e o especialista toma seu espaço por dominar determinada disciplina.

Não se desconsidera as possibilidades de superação dessa fragmentação pelas experiências que se organizam em torno de concepções da EP, que vem se nutrendo de possibilidades, dada as contribuições de Paulo Freire com percepções metodológicas voltadas principalmente para as relações entre os sujeitos e destes com os saberes, abrindo para uma educação como prática

para a cidadania, na tentativa de ultrapassar antigas concepções enraizadas nos fazeres educacionais que, muitas vezes, contribuem para dificultar novas propostas voltadas exatamente para sua superação, mesmo quando se apresenta como uma experiência alternativa que tenta fugir aos padrões convencionais.

2. Os encontros e desencontros entre as concepções e as práticas – lançando um olhar acerca das propostas políticas, de escolarização e profissionalização articuladas no processo formativo:

A experiência em pauta apresenta como direcionamento teórico para suas práticas as concepções voltadas para EP, que se traduz pela expressão de uma prática democrática e emancipatória com base em experiências concretas de renovação do ensino. Contudo, aponta que os interesses sociais e culturais, que direcionam as práticas pedagógicas desenvolvidas nesse ambiente, surgem de uma relação direta entre a instrumentalização e o desenvolvimento de concepções políticas ali priorizadas, identificadas na organização específica do conhecimento.

Entretanto, essas práticas pedagógicas, bem como as reais concepções de educação estão imbricadas nas experiências, historicamente organizadas ao longo das trajetórias de cada sujeito, construídas individualmente ou no coletivo, desdobrando-se em dimensões capazes de construir um saber que fortaleça o oprimido, que o ajude a recontar a sua vida, relendo o mundo como um desafio emancipatório ou, ao contrário, contribua ainda mais para sua exclusão.

Vale ressaltar também, já que estamos falando da organização do Reconquistar, que essa iniciativa está estruturada em módulos, com tempo inicialmente determinado pela coordenação, mas devido a sua flexibilidade quase sempre sofre alterações feitas pelos educadores baseados no ritmo dos educandos e de todo o processo educativo.

Os módulos são pensados em função dos conteúdos próprios de cada habilidade que são eleitos pelos educadores em reuniões sistemáticas, tomando por base o nível de escolaridade

da turma. Na Suplência II, por exemplo, os conteúdos do primeiro módulo devem estar em consonância tanto com o curso profissionalizante, como com a grade curricular da 5ª e 6ª série do ensino fundamental, que vai avançando no decorrer dos módulos.

Tais opções levam em consideração a grade curricular indicada pelo MEC, no entanto os educadores têm total liberdade para modificá-la ou acrescentá-la. Muitos, por estarem também lecionando em escolas tidas como convencionais, trazem um parâmetro próprio de escolhas que não deixam de ser referendadas pelos livros didáticos e pelas decisões do Conselho Estadual de Educação.

Entretanto, o que difere de outras propostas educativas é que essa seleção de conteúdos é feita no coletivo e que a participação dos educadores acrescenta muito a todo esse processo. O depoimento abaixo retrata bem esses momentos:

Os conteúdos sempre a gente escolhe no nosso planejamento, são todos os professores, de Suplência I, Suplência II, Gestão e Técnica, a gente escolhe o tema que a gente vai trabalhar durante um mês, dois meses, é o tema gerador, e a partir daí a gente começa a trabalhar em sala de aula, por exemplo, agora nós estamos trabalhando o Movimento Popular no Nordeste, a luta popular no Nordeste (educador da Suplência II).

OS CONTEÚDOS

3. Opções docentes diante de atitudes e perspectivas do capital cultural do aluno:

Além dos aspectos descritos acima acerca da escolha dos conteúdos a reflexão aqui segue em torno dos processos desenvolvidos nessa seleção, as formas de participação dos sujeitos, as atitudes de afirmação e negação dos conteúdos trabalhados, bem como objetiva caracterizar duas disciplinas que para os alunos se apresentam como “novidade” – Gestão e Informática.

A escolha dos conteúdos a serem trabalhados em cada turma acontece nos momentos dos planejamentos, quando os educadores se reúnem e discutem nos seus subgrupos organizados por curso técnico. Esses planejamentos acontecem todos os primeiros sábados do mês e contam com a participação também da coordenação e de outros funcionários, dependendo da pauta que esteja sendo programada para o dia. Observe na fala abaixo como o trabalho conjunto é ressaltado pela coordenação numa tentativa de consolidar a idéia da “democracia” que existe nesse espaço:

Exatamente aí, porque o nosso planejamento não é um planejamento só de pessoas que trabalham na Suplência I, no Ensino Fundamental, é um planejamento onde tem o técnico, onde está o professor da Suplência, onde está o professor de Gestão, que é o professor que trabalha com a cidadania, os três juntos sentam e fazem, descobrem esses conteúdos. Programam os conteúdos que vão trabalhar naquele mês. Aqui, tudo que nós fazemos é trabalhado em conjunto [sic] (coordenação).

É importante acrescentar que a participação dos educadores nos momentos de planejamento, muitas vezes, constitui-se numa dificuldade, apresentadas nas avaliações da experiência, visto que muitos faltam, alguns começam a participar dessa experiência depois de certo período e acabam meio perdidos diante da proposta dos cursos.

Além da escolha dos conteúdos, que deverão ser trabalhados em cada módulo, os educadores elegem um tema gerador para orientar as atividades. O tema gerador é proposta de Paulo Freire em seu método de alfabetização e, apesar de ser escolhido e apresentado somente pelos educadores, é utilizado como fio condutor das práticas pedagógicas, tanto da Suplência I como

da Suplência II. É chamado de gerador por que deve ter a capacidade de gerar outras questões e ampliar a discussão cada vez mais.

Cada educador pensa o tema ou palavra geradora e expõe ao grupo para que seja escolhido pela maioria. Geralmente, esse tema tem uma conotação política ou expressa alguma situação vivida na sociedade no momento. São exemplos de temas já utilizados: “Brasil, os outros 500 anos”, no momento em que se comemorava os 500 anos de “descobrimento” do país e que despertou nos Movimentos Populares atitudes de repúdio a essa festividade dado o caráter opressivo que caracterizou a dominação portuguesa, o massacre dos índios e sua desapropriação das terras brasileiras; “Diga não a dívida externa”, outro tema impulsionado pelas manifestações que a esquerda política organizou contra o pagamento da dívida externa e as constantes intervenções do FMI na política brasileira.

Ainda, na hora de planejar vários aspectos são levados em consideração, entre eles, o curso técnico e as necessidades cognitivas dos alunos. Essas questões são discutidas no coletivo depois da exposição do professor acerca do que vem observando em sua turma, já que está mais diretamente ligado ao aluno, como explica um dos membros da coordenação:

Uma vez por mês, professores e coordenação sentam, dão uma parada, conversa, discute qual é a necessidade do aluno, o que que ele tá querendo aprender, e a partir daí a gente encontra... A gente elabora junto os conteúdos de acordo com as necessidades de cada um e também pelo curso que eles fazem, por exemplo se a pessoa está fazendo Eletricidade, procuramos os conteúdos que estão dentro da linguagem da Eletricidade, então além do professor, ser o grupo junto que descobre os conteúdos, que pesquisa, que discute, é também de acordo com o curso (coordenação).

Porém, a participação mais direta dos educandos, parcela significativa do Reconquistar, acaba não acontecendo nessa seleção, apesar de que em alguns momentos da sala de aula esses sujeitos conseguem influenciar e até direcionar as escolhas do que devem ou não ser trabalhado. Uma aluna relata um desses momentos, quando a turma questiona a escolha dos conteúdos trabalhados em sala, sugerindo solução para o problema:

...a gente ficou em Português assim meio difícil porque primeiro começou com a... [uma determinada professora], aí ela teve que mudar pra noite aí passou pra... [outra professora], só que ela deu já a revisão do que a... [primeira professora] tinha dado, só foram duas aulas, então entrou a... [terceira professora]. Ela também só deu revisão, a gente não viu matéria

nova, então a gente tava comentando pra coordenadora... porque é que a gente não tava mais vendo Português, que o nosso Português tava fraquíssimo. Então a gente passou pra ela, [a terceira professora] isso aí que a gente tava falando... a gente poderia vir tomar outras aulas de Português pra quando a gente for pro 2º Grau não ir tão voando (aluna da Suplência II).

Outra forma de participação dos alunos se faz indiretamente, já que utilizar os saberes que esses sujeitos trazem das experiências que adquiriram e vêm adquirindo em suas vidas torna-se relevante na proposta metodológica de Paulo Freire e é observada pelos educadores.

Também consideramos o conhecimento que os alunos trazem. A experiência que a gente tem inicia com o conhecimento já, por exemplo, quando você faz um chá, um chá de que, pra que e a partir dali você vai introduzir o conhecimento científico e assim a gente vai passando esse conhecimento mais científico, né, juntando um pouco esse saber popular com o saber científico (educadora da Suplência II).

O depoimento de uma das alunas revela que nas aulas sua opinião é valorizada, tornando-se um espaço de participação: *os pais, os avós da gente que é de interior, sempre eles sabiam algumas receitas e a gente ali ia concluindo também, junto com os professores, colocava uma coisa a mais, assim... a gente sempre dava uma ajuda também nos conteúdos (aluna da Suplência II).*

No entanto, o ponto principal que baliza a escolha dos conteúdos e que os diferencia de outros é o caráter político da proposta, que coloca para seus membros a necessidade de priorizar a formação para a cidadania. Dessa forma, os conteúdos têm como fio condutor as lutas dos Movimentos Sociais, as resistências das classes exploradas no mundo do trabalho e toda a mística própria da Teologia da Libertação.

- Aceitação e rejeição aos conteúdos trabalhados:

Esse recorte etnográfico dará ênfase ao modo como os sujeitos encaram a escolha dos conteúdos realizada pelo grupo de educadores, os argumentos que revelam atitudes de afirmação, bem como as rejeições explicitadas em seus depoimentos.

A maioria dos argumentos discentes, acerca da seleção de conteúdos estabelecida pelos educadores, revelam atitudes de afirmação e legitimação dessas escolhas porque consideram que estes conteúdos estão ligados a sua vida e leva em consideração seu cotidiano. Uma aluna aceita bem os conteúdos do seu curso técnico e faz ligação direta com sua realidade, pois... *aprendemos também a fazer remédios caseiros que serve pras doenças que as vezes uma tosse que as crianças as vezes tem em casa, a gente corre pro médico e eles passam os antibióticos, onde acaba muito com as crianças* (aluna da Suplência II).

Outro depoimento mostra a empolgação com o curso de Farmácia Viva na perspectiva de trabalho futuro que surge gradativamente mediante o aprendizado técnico, mesmo que esse trabalho seja apenas mais uma forma de renda, sem vínculo ou seguridade social:

...a gente aprendeu muitas coisas, aprendeu a fazer pomada pra sinusite que é ótima, aprendemos também a tintura de alecrim-pimenta, aprendemos o expequitorante, xarope expequitorante, pra gente não precisar tá usando os antibióticos... Então o xarope expequitorante ele é muito bom, xampu de juá, o xampu de arruda e outras coisas mais, né. A gente pode até conseguir vender e ter um dinheirinho com esse trabalho (aluna da Suplência II).

Os conhecimentos adquiridos nos cursos técnicos são mais valorizados que aqueles próprios das Habilidades Básicas, por exemplo, já que também podem ser úteis em seu cotidiano e ajudam a garantir até uma certa economia e, além disso, é nesse aprendizado que depositam a esperança de melhoria das condições econômicas de vida. Dessa forma, o curso técnico... *foi legal porque no curso de Farmácia Viva a gente tá aprendendo muito... como fazer os remédios, a gente sabe que fazendo em casa mesmo é útil pra gente e não gasta muito, e pode até fazer pra vender, pra dar um lucro...* (aluna da Suplência II).

A necessidade de aprender coisas novas também pode ser considerada como justificativa para atitudes de aceitação aos conteúdos. Esse aspecto é enfatizado por um dos alunos que considera as aulas de Agricultura Orgânica interessantes, afirmando que... *quando começou eu me interessei muito porque era uma maneira da gente saber plantar, saber o dia de colheita, aprender coisas novas, é interessante* (aluno da Suplência II).

Outro aspecto que deve ser destacado refere-se a priorização que os alunos fazem aos conteúdos que necessitam de aulas práticas, revelando assim um grau maior de aceitação. A opção docente por aulas mais práticas, seja nos cursos técnicos ou na Suplência e Gestão em suas aulas de campo, parece aumentar o interesse do grupo e, conseqüentemente, estimula a aprendizagem. Uma aluna da Suplência II caracteriza essa observação ao descrever o interesse de seus colegas acerca dos conteúdos: *todas as aulas que não tem prática mesmo, que a gente não coloca em prática, que é só teórica, eles não gostam muito* (aluna da Suplência II).

Esse interesse é evidenciado no discurso de alguns alunos também em disciplinas mais convencionais como Matemática... *a gente já viu raiz quadrada, a gente já viu como colocar em ordem uma conta e é importante para a vida da gente. Vimos equação do primeiro grau, que também são coisas importantes, porque mais na frente a gente vai precisar* (aluna da Suplência II).

Entretanto, a disciplina de Matemática para alguns alunos configura-se como um problema e é rejeitada em função do grau de dificuldade no que concerne a aprendizagem. Uma das alunas argumenta: *não gosto dos conteúdos de Matemática, sempre é difícil, mas tá sendo legal, tá dando pra aprender, tá dando pra me esforçar um pouquinho pra passar* (aluna da Suplência II).

Outros rejeitam os conteúdos aos quais os professores dão ênfase por que sentem que muitas vezes essa escolha é feita em função da falta de material para desenvolver atividades práticas. Eles relatam que sentem necessidade da prática, principalmente no final do curso, pois nesse período quase sempre o projeto não tem condições financeiras para comprar material e, por isso, o professor aumenta as aulas teóricas. Um dos alunos explicita que...

...o curso é legal, agora não é muito bom, porque você sabe, é só o básico que ele dá, tá faltando material pra gente fazer... nós fizemos uma planta aqui, uma planta todinha de uma casa, aí ia ter que fazer prática, aí faltava material, tá terminando o curso... é muito bom a gente fazer mais prática do que teoria, mas como não tem material... (aluno da Suplência II).

Os alunos sentem necessidade também de aprofundar alguns conhecimentos, principalmente no curso técnico. Acreditam que quanto mais souberem e praticarem, mais chances terão de conseguir um bom trabalho...

...eu quero ter mais prática principalmente... tem outro curso que faz parte de Elétrica que é Comandos Elétricos, mexe com comandos, então sabendo mexer com isso aí ajuda a conseguir emprego... Agora no fim foi que o professor veio dar um pouco de comandos, disse que não fazia nem parte do curso, mas ele deu uma coisinha, é bom (aluno da Suplência II).

Assim, a maioria dos depoimentos converge para a associação entre o conteúdo do trabalho pedagógico e as necessidades econômicas vividas pelos sujeitos, seja para possibilitar algum tipo de recurso ou na própria aquisição de um emprego. Essa necessidade imediata de colocação no mercado de trabalho parece constituir-se no elemento motivador da participação desses sujeitos nas atividades do Reconquistar. Nesse sentido explica-se o fato da maioria priorizar o curso técnico e delegar a um segundo plano os conteúdos da Suplência e Gestão.

4. Disciplinas de conteúdos especiais – Habilidade de Gestão e Informática: entre a formação crítica e as novas tecnologias:

- Habilidade de Gestão:

A escolha dos conteúdos se difere da grade curricular organizada pelo MEC, principalmente, na proposta desenvolvida na Habilidade de Gestão e na Informática. Isso acontece porque essas habilidades não fazem parte da proposta de educação desse órgão e, dessa forma, precisam ser construídas partindo apenas da concepção de educação e dos objetivos da disciplina em questão.

A disciplina de Gestão foi pensada com o objetivo de trabalhar a formação crítica do aluno-trabalhador, organizando suas atividades a partir de conteúdos de maior relevância política, respeitando o contexto socioeconômico dos sujeitos.

Esses conteúdos trazem discussões que exploram desde questões voltadas para o resgate da auto-estima até assuntos ligados a nossa história política. Pode-se destacar como conteúdos dessa modalidade: questões referentes ao mundo do trabalho, a globalização, dívida externa/plebiscito, saúde do trabalhador, gênero, cooperativismo, entre outros. O depoimento discente acrescenta que... *Gestão, agora no momento, é sobre as lutas por terra, como a*

guerra de Camudos, Caldeirão, é sobre essas coisas assim, histórias do povo (aluna da Suplência II).

Acrescentam, ainda, que essa disciplina aborda assuntos interessantes, que são sempre integrados com outras disciplinas, principalmente com História e Geografia. Esse modo de trabalhar os conteúdos, na visão do aluno, facilita a assimilação e mostra os diferentes aspectos de um determinado assunto, por exemplo, discutir as lutas pela terra explorando dentro desse contexto a geografia de determinadas regiões, como da região Nordeste. Segundo o argumento discente as disciplinas parecem estar juntas numa mesma abordagem:

Em História ela passou quase também o mesmo da Gestão, né... a gente viu os movimento de Camudos, Caldeirão, Zumbi, Quilombo dos Palmares, né... Zumbi, a gente viu também isso aí e dentro da História ela passou também a Geografia que são os locais, os relevos, essas coisas assim que sempre caiu nas aulas também. Então, essas três coisas – Geografia, História e Gestão – foi junto num só e ajuda a gente a entender melhor o assunto (aluna da Suplência II).

Os assuntos discutidos na Gestão, ou mesmo aspectos questionadores da realidade que estão ligados a seus objetivos, estendem-se as outras disciplinas, facilitando o andamento dos trabalhos. Ainda, segundo a voz do professor, as discussões fluem melhor quando os assuntos têm respaldo na vida cotidiana de seus alunos:

...porque é uma continuidade do que a gente ver na própria sala de aula, no próprio curso e acontece na Gestão, porque se a gente trabalha os conteúdos, os remédios, mas a gente não fica somente nisso, mas ver uma situação, porque o povo está doente? A sociedade doente que a gente vive, você tá trabalhando Gestão, então quando eles chegam na aula de Gestão, então há esse intercâmbio, há essa relação, principalmente também com sua realidade (educadora da Suplência II).

Nesse contexto, a valorização dessa disciplina estende-se a outros fatores, dentre eles toma destaque sua capacidade de trabalhar questões voltadas para a sociabilidade, pois proporciona momentos de integração, de trocas de experiências, enfim, um espaço aberto para relatos acerca dos problemas cotidianos vividos pelos sujeitos. Um dos educadores descreve esses aspectos:

No início até o nome Habilidade de Gestão causava susto nas pessoas, né... que disciplina é essa que a gente nunca escuta falar, é de gestante? Ai tem toda essa questão, mas depois quando eles entram na sala de aula, eles se

sentem à vontade e chegam a falar que é a disciplina onde eles têm a condição de colocar os problemas deles, de discutir, é onde a gente fala, é onde a gente escuta e depois se torna uma disciplina bem aceita (educadora da Suplência II).

Como a proposta primeira dessa disciplina é trabalhar a capacidade crítica, formar politicamente seus participantes, essa característica também é lembrada pelos alunos e considerada positiva. Sobressai aqui o argumento que ajuda na consciência dos direitos e, por isso, é importante na formação... *essas aulas de Gestão achei muito boas porque você fica sabendo os direitos, porque a gente que é uma pessoa assim desinformada, pessoa de classe pobre, que não sabe falar direito ainda. É muito importante pro trabalhador* [grifo meu] (aluno da Suplência II).

Novamente aqui, mesmo apresentando um caráter diferente daquele enfatizado nas Habilidades Específicas, muito mais instrumental, essa disciplina também é associada a preparação para o mundo do trabalho. O interesse ainda situa-se no âmbito da empregabilidade, mesmo que não esteja diretamente ligado aos direcionamentos do mercado, entretanto, voltam-se para as habilidades do trabalhador.

Apesar da maioria dos depoimentos considerar essa disciplina positiva e enfatizar suas qualidades, observa-se e confirma-se, nos questionários aplicados junto aos professores, que existe certa rejeição a essa disciplina e está voltada, principalmente, para aspectos ligados a forma como é abordada, pois enfatizam mais aulas teóricas que atividades mais práticas e quase sempre utilizando como subsídios vídeos. Assim, destaco aqui o depoimento de que... *alguns alunos não gostam, agora quando é aula assim de passeio sempre dão valor, mas quando é aula assim de escrita ou então de vídeo, eles não dão muito valor, assim Gestão mesmo eles não dão muito valor não* (aluna da Suplência II).

A disciplina em questão foi criada, também, para proporcionar um diferencial na proposta educacional do Reconquistar, pois organiza momentos importantes no grupo, como por exemplo, uma abertura maior para problemas da comunidade, dos próprios membros da sala de aula. É nesse espaço que se questiona a sociedade e, mais especificamente, as relações

desenvolvidas hoje pelos seres humanos, na tentativa de trabalhar as idéias e argumentos, as formas de encarar a realidade.

Uma das temáticas mais discutidas nessa disciplina, e que acabou gerando certa polêmica entre os alunos foi – *gênero: o papel da mulher e do homem na sociedade e suas relações* – que surgiu pelas circunstâncias vividas na própria comunidade, mediante a violência que muitas mulheres vinham sofrendo de seus companheiros, inclusive alunas do projeto. Essas discussões movimentaram esse espaço e foi organizada na disciplina de Gestão, constituindo-se em momentos importantes da formação.

- A Informática:

O curso ou a disciplina de Informática representa para os alunos uma experiência nova e o trato com o computador parece ser estimulante, tanto pelo primeiro contato com a máquina como por possuir um caráter de entretenimento. Os relatos, tanto de professores como de alunos, enfatizam a dedicação dos alunos nessas aulas e o prazer que esse tipo de atividade proporciona. Segundo o discurso docente:

Hoje em dia, na Informática é uma renovação constante sabe, mas pelo que eles aprenderam aí, pelo interesse também que houve muito, não é? Pelo fato de se falar de curso de computação e o computador é uma mágica que quando você senta na frente você só falta não desgrudar, o tempo passa e você não sente (educador de Informática).

O discurso discente também deixa transparecer um clima de empolgação ao tratarem desse tema. Um dos alunos acrescenta que a Informática sempre foi algo que lhe inquietava e que agora já tem alguma noção sobre o assunto, considerando, assim, essa disciplina bastante positiva, argumentando que... *aprendi abrir o computador, fazer pasta, um bocado de coisa já... salvar também, porque eu via muito o pessoal mexer no computador, bem rápido, aí ficava perdidinho, nunca tinha pegado e acho legal, uma experiência nova pra gente (aluno da Suplência II).*

Uma aluna descreve as habilidades adquiridas nas aulas de Informática, destacando um aprendizado básico, como ligar/desligar o computador, e principalmente, utilizar o editor de textos Word. Essas características das aulas de Informática são observadas enquanto

disciplina, destinada a alunos de outros cursos técnicos, mas como Habilidade Específica tendem a ampliar os conteúdos...

...eu gosto muito é da aula de computação. Porque é uma aula legal, desenvolve mais a mente da gente. Eu gosto muito de usar computadores. Estou indo bem. Não tão bem, mas eu já aprendi um monte de coisas como: fazer textos, salvar, procurar pastas... Aprendi um monte de coisas já na computação, digitar, sei centralizar. Muito não mas, se eu pegar um computador assim eu acho que eu sou capaz de fazer direitinho (aluna da Suplência II).

Essa diferença entre a Informática como curso técnico e as aulas ministradas para outros cursos acaba incomodando alguns alunos, pois, em determinado momento superaram os conhecimentos básicos e sentem a necessidade de ampliar o que aprenderam. Outro aspecto refere-se ao fato desse curso técnico de Informática ter interferido na carga-horária dessa disciplina oferecida a outras turmas, reduzindo sua jornada, decepcionando seu público. Uma aluna acrescenta que...

...eu gosto mesmo é dessas aulas de informática mesmo, se eu pudesse tinha umas três vezes assim na semana, porque a gente só tem uma vezinha só, tinha duas vezes antes de começar um projeto que teve aí, um curso, mas agora a gente ficou só uma vez... a gente já tinha aprendido muito, mas eu acho que se tivesse mais vezes a gente aprendia mais Informática, aprofundava. Eles que fazem o curso aprendem a mexer em muito mais coisas (aluna da Suplência II).

No entanto, o maior número de depoimentos revelando verdadeira devoção a essa disciplina apresentam argumentos que vão desde a necessidade de ampliação dos conhecimentos já obtidos na Informática até considerações em torno das necessidades do mercado atual, quanto à formação do trabalhador. Um dos alunos desenha esse cenário argumentando que... *pra mim era bem melhor que a gente tivesse novamente aula de computação, continuasse porque o mercado de trabalho tá exigindo muito computação e o que a gente gosta mais é isso aí (aluna da Suplência II).*

Todas essas questões caracterizam as relações desenvolvidas nos processos pedagógicos, principalmente naqueles ligados a seleção de conteúdos, destacando a reação dos alunos diante do direcionamento dado as disciplinas. A incorporação das novas tecnologias, em especial aqui a informática, ao processo formativo pode representar duas vertentes: de um lado pode significar uma aproximação às transformações do processo de produção na busca de

desenvolver novos hábitos e atitudes no trabalhador, intervindo em seu processo cognitivo e que, enquanto aprendizado não ultrapassa a linha das necessidades mais imediatas e da utilização do computador como *recurso didático, sem a preocupação de se apropriar dos processos tecnológicos e informacionais que eles incorporam* (Santos, 1999:45).

De outro lado esses processos de aproximação do trabalhador à tecnologia pode significar a busca de construção de novas formas de encarar a realidade, articulando conceitos e desdobrando seu conhecimento em patamares mais elevados de aprendizagem, ou seja, ultrapassa os limites da instrumentalização e articula as informações contidas na prática a aprendizados mais amplos acerca de sua função, organização, sistematização. Na primeira intervenção a informática está associada às bases técnicas da reestruturação produtiva, atrelando a educação ao mercado e às suas necessidades, *no horizonte do pleno emprego, independente das relações sociais*, enquanto na segunda amplia seu caráter educativo atribuindo à tecnologia a função não só instrumental, mas de uma formação mais abrangente (idem: 45).

Dentro dessa análise cabe ressaltar o caráter subjetivo das relações que permeiam o trabalho educativo e sua organização, portanto o potencial cognitivo e social dos indivíduos que, mesmo participando de um aprendizado superficial e meramente instrumental são capazes de desenvolver mecanismos de superação dessa visão parcial e do potencial da tecnologia.

A necessidade hoje tão divulgada de aproximação dos sujeitos às novas tecnologias é impulsionada pela globalização, que por ampliar o espaço econômico acaba também gerando dependência dos países onde a produção tecnológica ainda não se desenvolveu e, portanto, uma corrida em busca desse patamar. Essa transformação na relação entre os países, mediante a globalização, veio fortalecer a imensa gradação e diferenciação existente entre aqueles que dispõem de meios produtivos tecnologicamente evoluídos e aqueles que dependem desse sistema.

Nesse contexto, podemos sintetizar dois aspectos principais: o primeiro relacionado a pouca participação dos alunos diante da escolha dos conteúdos e de sua organização e o segundo a

relação que estabelecem entre o que é oferecido nos cursos e o que o mercado de trabalho solicita para garantir ao trabalhador o título de “empregabilidade”,³⁹ sentir-se um sujeito “empregável”.

Temos então uma contradição explícita no confronto das propostas político – pedagógicas com a realidade e a evidência de alguns dos mecanismos de sua sustentação que recaem sobre os caminhos percorridos para se construir um espaço educacional diferente daqueles até então legitimados em nossa sociedade, quando se trata, por exemplo, do processo formativo de uma experiência de EP.

Essa contradição configura-se na divisão das funções no espaço educativo e no modo como estão organizadas. Assim, de um lado estão educadores, coordenadores, funcionários e de outro os alunos, cada um com uma função específica, organizada hierarquicamente, onde uns encontram-se habilitados para o controle do “pensável” – os conteúdos, as formas de transmiti-los, as concepções que devem prevalecer, os aspectos que devem ser enfatizados no aluno que pretendem formar – e os outros aparecem para assimilar e receber esse “pensável”, mesmo considerando que esse processo está permeado por lutas e resistências.

Esse é o modo como se organiza a estrutura escolar, como vem sendo projetada desde seu surgimento e que, ao longo da história, vem sendo modificada em alguns aspectos. Entretanto, os pilares dessa sustentação parecem inquebrantáveis, mesmo apresentando outras concepções como aquelas referendadas pela EP.

Segundo Santos (1999), justamente por manter essa divisão de funções entre aqueles que controlam e aqueles que sofrem esse controle, mesmo que de modo bem sutil e camuflado por ideais inovadores, é que o discurso pedagógico não se constitui num discurso próprio, mas numa apropriação de outros discursos, onde está presente um perfil de homem que se quer produzir.

³⁹ Segundo Gentili (1998), empregabilidade refere-se a apropriação de competências exigidas pelo mercado a partir das exigências do modelo de produção que passa a definir o trabalhador ideal, “dizendo: você é isso, ou mais precisamente, você deve ser isso”.

No caso do Reconquistar fica claro o ideal de formar o sujeito para a cidadania, delineada por alguns aspectos: autonomia, criticidade, que se integre às lutas sociais, solidário, capacitado tecnicamente, enfim, estabelecendo um padrão a ser seguido. No entanto, essa visão de homem ideal pode estar em consonância ou não com o que cada indivíduo espera ou deseja desse espaço de educação, por isso, a importância de sua participação nos processos de construção dos objetivos e direcionamentos pedagógicos.

Nesse prisma, cabe considerar o papel intrínseco da educação, em especial da escola, de formar o indivíduo, seja para uma determinada sociedade, seja para o mundo, numa visão mais ampla de educação. Essa função torna-se essencial para que se perpetue o processo cultural e torne viva a construção e produção do homem sobre a natureza, seja no campo das ciências, das artes, da linguagem mais direta, enfim, o papel da educação tem sido até hoje de preparar, cuidar, ajustar o sujeito no mundo.

Contudo, é preciso ainda tomar consciência, como nos lembra Arroyo (1999), de que considerar a função de formação do homem somente a escola ou a outras instâncias sociais é reduzir o real apenas a uma parte da trama humana. O autor alerta para outros “tempos sociais”, onde os indivíduos se encontram e produzem saberes, produzem cultura, como *o tempo da família, da rua, nos espaços de lazer e cultura, nos movimentos sociais, nos encontros com a mídia, nas experiências juvenis*, enfim, múltiplos ambientes onde a construção de idéias, os confrontos entre valores podem formar o indivíduo tanto quanto os espaços instituídos. Acrescenta ainda que:

O tema ficará enriquecido se pesquisarmos que dimensões da personalidade, da subjetividade e identidade, que valores culturais e saberes, que concepções, condutas e competências esses tempos e experiências múltiplas formam (...) ficará enriquecido se superarmos um olhar de mão única: da fábrica para o resto das instituições sociais, do tempo de trabalho para o resto dos tempos sociais e culturais, da vida adulta para outros tempos de vida, infância, adolescência, juventude (p. 34).

Assim, desenhar as relações sociais desenvolvidas na escola como um dos caminhos para intervir nas relações desenvolvidas na sociedade mais ampla significa situar a educação como prática social e política, capaz de interferir nos desejos, valores, no imaginário dos sujeitos e nos padrões éticos, mesmo considerando que não é exclusividade sua a formação humana.

Assim, a escola enquanto espaço de interações, de produção subjetiva, de confrontos e acordos, leva consigo também o poder da ação-intervenção na realidade.

O desenvolvimento dessa pesquisa aponta para a compreensão de que o trabalho escolar se efetiva a partir de cada mundo em particular: o mundo próprio do educador, e tudo que vem acumulando em experiências e o mundo próprio do educando com seu capital cultural, sempre em constante mediação com as concepções coletivas gestadas nas relações.

Desse modo, tais concepções são influenciadas por estudos próprios do mundo científico e por uma cadeia de elementos que se consolidaram como legítimos ao longo da trajetória cultural e política a que, muitas vezes, somos submetidos. Nas palavras de Apple:

Política cultural na educação não abrange apenas as questões complexas relativas a qual capital cultural - e de quem - deve se transformar em conhecimento oficial. Nem trata apenas de quais visões de família, governo, identidade e economia devem prevalecer em nossas instituições e em nossa vida cotidiana... a política cultural também trata, e muito, dos recursos que empregamos para questionar as relações existentes, para defender as formas contra-hegemônicas que já existem, ou para dar luz a outras (2000:51).

As reflexões de Apple, citadas acima, direcionam para a busca dos ligamentos entre a EP e as relações sociais, visto que se torna premissa nessa esfera conceptual de educação a necessidade de legitimação da cultura do povo, suas idéias, sua produção artística, seus valores que precisam ser buscados e discutidos na tentativa de valorizar sua identidade e, por conseguinte, permitir sua resistência aos processos de dominação mediante a ampliação e sistematização desse potencial criador.

Nesse sentido é que, ao longo da pesquisa, observa-se que o Reconquistar constitui-se hoje num espaço propício para essa legitimação, onde os sujeitos sentem-se à vontade para contar sua história ao seu modo, sendo respeitados e incentivados nessa conquista. O depoimento abaixo descreve essas características:

Porque já vem com tudo programado, tudo pronto, tudo planejado, tudo oficializado, tudo já parte daquilo que você tem que dar, você tem que atingir, enquanto que o popular não, você vai partir do que eles trazem, da experiência deles, você vai construindo, você vai criando, você vai despertar... não que não seja importante o ensino oficial que é dado, mas a

maneira como ele é dado, o retorno, o aprendizado, aquilo que é aprendido, aquilo que pode ser criado, aquilo que é também educação (educadora da Supleância II).

A opção por uma metodologia inspirada na concepção educacional discutida por Paulo Freire em seus estudos acerca da EP está explícita no projeto político-pedagógico e no empenho do conjunto de educadores em nortear suas práticas educativas nesta direção, no entanto, acabam muitas vezes consolidando práticas mais voltadas para as experiências que vêm acumulando – importantes para o processo quando conseguem gerar questionamentos e mudanças – do que pelas concepções que defendem e legitimam.

OS FAZERES COTIDIANOS E AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

- As concepções progressistas de educação mediadas pela experiência:

Neste espaço, a reflexão que segue busca identificar e compreender as formas e fazeres cotidianos na tentativa de caracterizar as concepções pedagógicas, as ações que dão vida a essas concepções, as atitudes de aceitação ou rejeição às práticas diárias, principalmente àquelas vividas no espaço da sala de aula.

Segundo o projeto político-pedagógico a metodologia deve pautar-se por abordagens freirianias de educação, seguindo alguns de seus princípios básicos. As práticas pedagógicas são caracterizadas pelos educadores quando procuram enfatizar tais concepções, mas observa-se que nem todos os educadores conseguem desenvolver tais princípios.

Dessa forma, destacam-se nas práticas docentes alguns aspectos norteadores para os trabalhos cotidianos que devem ser ressaltados aqui e que parecem ser mais enfatizados nas aulas da Suplência e Gestão que nos cursos técnicos. Tais aspectos terminam por formar um conjunto de direcionamentos que constitui ponto-chave para compreensão dos caminhos percorridos pelos educadores no dia-a-dia da sala de aula e serão explicitados abaixo num recorte de depoimentos de coordenadores, professores e alunos.

- O respeito e valorização aos saberes dos educandos:

Dentre as idéias discutidas por Paulo Freire em muitas de suas obras e que parece emergir nas práticas pedagógicas dessa experiência é a utilização dos saberes discentes como caminho para as discussões propostas pelo educador nas atividades cotidianas da sala de aula. Assim, um dos depoimentos retrata um pouco essa concepção metodológica:

...a gente ler muito Paulo Freire, se espelha na metodologia, nos trabalhos de Paulo Freire, entendeu? Então a gente começou a trabalhar a partir das experiências dos alunos, então a gente pega a experiência do aluno, a sabedoria que o aluno já traz e aplica na sala de aula usando a interdisciplinaridade, quer dizer ter todos os conteúdos numa só linguagem e de acordo com a linguagem do seu cotidiano, da sua vida e a partir do

momento que a gente ia fazendo esse levantamento das idéias fomos elaborando uma cartilha, então no final tínhamos, aliás, nós temos essa cartilha pronta que foi elaborada pelas idéias dos alunos. Então é isso que a gente chama de metodologia diferenciada, uma metodologia que deu certo e que o aluno aprende, aprende não com uma educação de cima pra baixo, mas ele descobre que o que ele já sabe tem valor. Essa foi a parte mais interessante! Então a gente não veio trazer algo novo, foram deles [sic] (coordenação).

Para caracterizar as ações diárias dos educadores toma-se por base um dos depoimentos que descreve passo a passo um dos dias de aula da Gestão. Destaca como introdução a qualquer conteúdo ou atividade, momentos de relaxamento que podem ser a partir de uma música ou texto curto, mas que prepara o espírito para o momento da aula. Assim, organizados quase sempre em círculos, os alunos desenvolvem sua percepção acerca dos textos ou dinâmicas iniciais, seguidas das atividades propostas para aquele dia que são, em sua maioria, distribuídas em pequenos grupos. Enfatiza ainda que: *nem sempre aquilo que eu planejo consigo realizar, então em primeiro lugar eu gosto muito da gente fazer um relaxamento com uma música e depois fazer trabalho em grupo, com textos e também fazer dramatizações* (educador da Suplência I).

Ao discutir determinado assunto procura-se sempre construir com a turma os conceitos, na tentativa de sondar sobre os saberes que estes já possuem em torno da temática em questão, procurando acrescentar outros conhecimentos e, para isso, utilizam dinâmicas, como descreve o educador:

*Em sala de aula gosto muito de trabalhar com tarjetas, onde a gente bota um tema assim, por exemplo, **trabalho**, eles vão colocar através da tarjeta, com uma palavra o que significa o trabalho e a partir daí a gente cria o conceito de trabalho e depois a gente começa a ver como seria o trabalho pra nós, aí a gente começa a comparar, o trabalho que nós queremos e o trabalho que é hoje e assim... o que é Comunidade? O que é Associação? O que é o Projeto? A partir daí a gente vai criando conceitos e em cima desses conceitos a gente faz um pequeno debate, se torna bastante interessante [grifo meu] (educador da Suplência I).*

Para que essa forma de trabalho possa realmente funcionar é necessário estimular a participação dos alunos e, por isso, esse aspecto é tão discutido e valorizado pelos educadores, chegando até a integrar-se na avaliação como um critério relevante. Dessa forma, esse espaço educativo também começa a construir um perfil de aluno ideal que agregue mais essa

característica – participativo. Na voz dos educadores sua prática está pautada pelos saberes que os alunos trazem e pela valorização de sua participação:

A metodologia sempre partindo do que já conhecem, procurando socializar um pouco do conhecimento de cada um e também a participação, envolvendo uma participação maior, seja trabalho de equipes, grupos, seja através de oficinas, você constrói junto, partilhando os seus conhecimentos e adquirindo outros. Eu sempre uso, gosto muito dessa metodologia das equipes, grupos, e também de oficina, criar trabalhos, partindo de um conteúdo você trabalha em grupo, você pede, traz um retorno, socializa, se junta, partilha em sala de aula (educadora da Suplência II).

O aluno ideal acaba sendo perfilado, também, pelo currículo oculto presente no cotidiano dessa experiência, mas a partir do capital cultural dessa instância, que, no caso observado, tenta aproximar-se do mundo popular, das necessidades da população que constitui sua clientela, tentando respeitar o que tem sido construído nesse mundo, como os símbolos, a linguagem, a estética, os valores, as músicas, constituintes do capital cultural discente, para acrescentá-lo, de certa forma, invadi-lo por outros signos e idéias - constituinte do capital cultural da sociedade hegemônica. Assim, o discurso docente evidencia essa preocupação com a valorização do capital cultural discente:

Pra mim é você estar junto ao povo, é você ter esse conhecimento da vida do povo, aí você poder, em sala de aula trabalhar esse conhecimento teórico a partir dessa realidade, a partir dessa vivência. Então pra mim eu faço essa ligação e essa diferença entre a educação popular e a educação oficial. O popular está mais no sentido de você estar junto, de você conhecer a identidade e você proporcionar isso dentro de uma sala de aula, que as pessoas também possam ter sua identidade, é um outro aspecto também dentro da educação popular (educadora da Suplência II).

O que se observa é um misto do que a escola espera formar e ao mesmo tempo sua tentativa de respeitar os saberes produzidos nas experiências sociais do aluno, suas raízes, seus referenciais, do individual para o coletivo ou vice-versa. Portanto, cabe aqui concluir que não existe espaço escolar neutro, capaz de desligar-se desse objetivo de transformar o ser inserido ali, nem tampouco pode ser considerado como um caminho para a transformação que esteja livre de conflitos ou obstáculos, concordando com Freire quando afirma que...

...neutra, "indiferente" a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou da sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomá-la como uma força de desocultação da

realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades. Erros que implicam diretamente visões defeituosas da História e da consciência [grifo do autor] (Freire, 2000: 111).

Para que se compreenda melhor esses conflitos, pode ser exemplificado na administração do tempo/espaço escolar – o tempo da sala de aula, o tempo do intervalo, o tempo do lanche, enfim aquele registro pontual de espaços permitidos para tempos controlados que se constitui numa forma de aprendizagem e que, sem dúvida, surge do capital cultural da instituição – representante cultural da sociedade hegemônica – e, de certa forma, entra em choque com o capital cultural discente, acostumados a organizar seu próprio tempo no dia-a-dia da rua ou de sua casa.

Essa questão torna-se mais problemática quando as diversidades culturais ampliam-se e as práticas pedagógicas menosprezam essas diferenças, desvalorizando seu teor e ainda desconsiderando-o como referência individual e coletiva, atuando para anulá-lo por considerá-lo empecilho para o progresso escolar dos sujeitos. Segundo Freire:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado(...) A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção [grifo do autor] (idem.: 46/47).

Uma prática pedagógica que propõe organizar-se a partir de direcionamentos da EP, progressista, deve estar atenta as peripécias do currículo oculto que, impossível de ser anulado, deve ao menos sortir a tentativa de desocultá-lo, a fim de proporcionar que as diferenças somem progressos e não subtraíam, num assumir de nós mesmos e do que construímos como único e nosso, para então decidirmos, em nosso íntimo, superá-lo. Acrescenta ainda Paulo Freire:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de

reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros (idem.:46).

Nesse sentido é que ir além da tentativa, em sala de aula, de buscar os saberes que o aluno acumulou em sua realidade social e cultural é aproximar-se dessa realidade, sem agressões como num momento forçado pelo apelo teórico, mas como uma extensão do vínculo de amizade que naturalmente vai se formando entre aluno e professor. Ao se reportar ao método, uns dos educadores coloca como comprometimento com a prática popular a necessidade de conhecer melhor a vida de seus alunos:

Diferencia porque a escola tradicional você chega lá dá o conteúdo e vai embora, aqui não, eu tive a oportunidade de visitar alguns alunos e ver a satisfação que esses alunos tem de receber a gente na casa deles, uns ficavam meio assim tímidos porque muitas vezes... "professor, eu não tenho nada pra oferecer e tal..." mas, aí eu dizia o seguinte, o importante é que você esteja aqui pra gente conversar e é diferente porque a gente começa a conhecer os problemas desses alunos e a partir daí a gente pode entender melhor esse aluno. É diferente da escola tradicional, dá logo suspensão se o aluno é rebelde, não quer saber o que passa lá fora com o aluno. Aqui não, o projeto aqui é diferente, a gente se preocupa desde lá fora até aqui (educador da Suplência I).

Dentro da realidade das turmas, seja pelo tempo de afastamento da escola e pelas dificuldades que enfrentam ainda com a leitura, escrita e com o raciocínio lógico-matemático a associação dos conhecimentos com a vida concreta consegue facilitar a aprendizagem, pois discutir as quatro operações a partir da conta de luz ou taxa de racionamento de energia convence muito mais que simplesmente abordar o conteúdo descontextualizado. É, nesse sentido, que muitos educadores do Reconquistar consideram a interdisciplinaridade, como uma linguagem mais convincente.

Considerar a realidade dos sujeitos, principalmente na metodologia utilizada, significa também tentar compreender as vicissitudes presentes no dia-a-dia do educando e procurar associar às ações pedagógicas, estratégias que minimizem as conseqüências das dificuldades que surgem. Um exemplo dessas estratégias utilizadas para garantir a boa participação nas aulas, principalmente de alunos que estudam a noite, já tendo enfrentado uma jornada cansativa de trabalho durante o dia, são as dinâmicas de relaxamento. Explicita ainda:

Olha, a turma da noite a gente sabe que uma boa parte da turma trabalha, e a gente sabe que uma boa parte deles trabalha em que, é em trabalho pesado

mesmo, braçal, construção civil... E são pessoas que já chegam aqui cansadas e é, por isso, que gosto de usar a questão do relaxamento com esse pessoal e nunca se tornar uma aula muito mais de exposição, sempre com bastante dinâmicas, pra que eles realmente não cheguem a querer cochilar em sala de aula (educador da Suplência I).

Os educadores costumam inserir em sua disciplina aulas de campo que levem a reflexões bem interessantes, como, por exemplo, visitas a um dos assentamentos do Movimento dos Sem Terra (MST) quando o tema gerador discutia as lutas em torno da terra que estão registradas em nossa História ou as que acontecem atualmente. Essas aulas são enfatizadas pelos alunos como as mais envolventes: *gosto também porque ela não trabalha assim, como é que se diz... só falando ou escrevendo, na lousa né... ela também parte pra vídeo, parte pra a gente ir visitar, sabe... aula de campo... então é muito bom, a gente ver a realidade ao vivo (aluna da Suplência II).*

Os educadores reconhecem o potencial das aulas de campo e enfatizam em seu discurso que por em prática aquilo que antes era só teoria é um dos atrativos nessas atividades extra-classe: *Eu vejo que funciona, que as pessoas gostam dessa forma, tão aprendendo, tão construindo juntas, inclusive, porque vemos na prática, aula de campo, porque você vai em determinado local, você explica e você tem presente tudo aquilo que você falou em sala de aula (educadora Suplência II).*

Além de utilizar subsídios como textos, vídeos, cartazes, mapas, os educadores procuram organizar, na maioria das vezes, os trabalhos em grupos e direcionam as atividades através de debates entre esses grupos, apresentações de jograis, dramatizações. Essa forma de dinamizar as aulas é apoiada pelos alunos que consideram positivo o trabalho em grupo por facilitar o desenvolvimento das atividades: *ele bota a gente em equipe para fazer o trabalho junto e se reunir, melhor do que fazer sozinha... tem coisas que às vezes a gente não sabe, mas duas... a gente fica discutindo um assunto que alguém sabe mais (aluna da Suplência I).*

- A ênfase na formação crítica:

É importante relembrar que as práticas pedagógicas aqui discutidas destacam como objetivo maior a formação crítica, principalmente na Suplência e Gestão, um pouco menos na formação

técnica, mas aparecem firmemente nas entrelinhas das atividades sugeridas no cotidiano desse ambiente, seja na escolha dos conteúdos, nos textos, nos filmes utilizados nas reflexões, nos discursos docentes, nas aulas de campo, nas passeatas com motivações sociais, enfim, um perfil de trabalho mobilizador e acima de tudo sugestivo para o pensamento crítico. O argumento docente descreve esse aspecto atribuído às atividades pedagógicas:

Nós estamos vendo Camudos, distribuimos um texto, fiz assim uma explanação das primeiras comunidades cristãs e daí, a partir daí a gente começou a ver algumas experiências: Camudos, Caldeirão, é... Palmares... e a partir dessas realidades, desses fatos históricos, a gente começa a ver à luz da realidade hoje, como deveria ser a sociedade...(educador da Suplência I).

Esse direcionamento parece fazer parte do mundo conceptual do educador, que defende mudanças até radicais na sociedade, demonstrando sua insatisfação e estimulando seus educandos a se colocarem diante de sua realidade criticamente, argumentando sobre seus problemas e elaborando planos de mudanças. Retrata esses momentos quando descreve atividades coletivas como, por exemplo, a construção de um painel sobre a cidade onde moram:

Porque as pessoas realmente sonham uma sociedade diferente, onde realmente possam viver bem, onde possam ter seu momento de lazer, então as pessoas sonham com isso, só que a sociedade atual, infelizmente, não proporciona isso. Então, quando a gente começou a trabalhar essa sociedade eu fiz um painel com eles, por exemplo, qual a cidade que nós queremos? A Fortaleza que nós queremos? Então, dividimos em grupos e nesses grupos um ficou responsável pela área de saúde, como deveria funcionar a saúde realmente, em Fortaleza ou no seu bairro, e outro grupo, como deveria funcionar a educação, como deveria funcionar o transporte, o trabalho, como seria o mundo do trabalho pra gente e qual o tipo de trabalho. Então, com isso eles fizeram um painel com bastante proposta, o painel ficou assim, recheado de propostas... e muitas vezes eles diziam assim, quando é que nós vamos levar essa proposta pro prefeito, pra regional, interessante, eles querem ir pra ação, "nosso projeto vai ficar só aqui pendurado na parede da escola ou vamos levar mais adiante?" (educador da Suplência I).

Essa ênfase atribuída aos processos de reflexões de determinados assuntos em sala de aula, principalmente aqueles ligados à realidade social dos alunos ajuda, de certa forma, a desenvolver a capacidade de argumentar em público, soltar a fala, principalmente daqueles mais tímidos, e a expressividade oral acrescenta muito ao processo pedagógico. Nesse espaço, não é a escrita a atividade central, mas a fala, a capacidade de discussão e reflexão dos temas propostos pelo professor, por isso descreve que...

...eu achei assim, incrível, a capacidade deles e a diferença hoje, por exemplo, de quando eles chegaram aqui no projeto, quando a gente fazia o primeiro trabalho com eles que era o que: o nome deles, o que é que eles esperavam do projeto e o que que eles realmente poderiam ofertar ao projeto, contribuir com o projeto. Então, a gente percebia assim, muita timidez, achavam que não poderiam contribuir com nada, vieram pra cá foi só mesmo pra aprender, como se eles fossem uma caixinha onde iríamos depositar os conhecimentos na cabeça deles e pronto. Depois eles descobrem que eles mesmos não são essa caixinha, eles mesmos são capazes de adquirir conhecimento, começam a falar, a discutir... (educador da Suplência I).

A formação para a cidadania que parece lema batido hoje em dia é, também, um dos objetivos do trabalho desenvolvido pelos educadores no Reconquistar. A disciplina de Gestão, já caracterizada anteriormente, direciona suas atividades nesse intuito. Os sentidos que atribuem a cidadania traz uma conotação ampla, vai desde atitudes éticas nas relações humanas como cooperação, solidariedade, respeito ao meio ambiente até a luta mais direta pela transformação social (integração nos movimentos sociais, participação mais efetiva em processos eleitorais, entre outros). Esses processos são vividos no Reconquistar como ensaios e são exemplificados pela coordenação...

...estamos encontrando saída pras dificuldades financeiras, o grupo se juntou entre eles, eles tinham algum dinheiro junto que eles iam pra Romaria da Terra, dia 19 de agosto em Juazeiro do Norte, eles mudaram de idéia, vão pegar esse dinheiro, vão comprar tecido e vão confeccionar usando a estrutura aqui do projeto pra arrecadar dinheiro pra dar continuidade a escolaridade num ensaio de cooperativa de trabalho solidário. Então, isso partiu da técnica do Corte e Costura que levou a idéia pro professor de Gestão e levou a idéia pra educadora de Suplência... então, os três juntos sentaram, discutiram e estão amadurecendo essa idéia com essas meninas. Então assim, o grupo trabalha junto em todos os sentidos (coordenação).

Esses ensaios não são direcionados somente aos alunos, mas aparecem também como proposta pedagógica aos educadores que direciona sua prática para o respeito, autonomia, e no incentivo a participação e a democracia na sala de aula. Essa preocupação com as relações desenvolvidas em sala de aula é uma forma de desenvolver o espírito cidadão, ético, responsável e, acima de tudo, são pedagogicamente coerentes com a proposta educacional da experiência.

Entretanto, ao entender que a realidade é dialética, nesse movimento entre o velho e o novo, compreende-se que os processos pedagógicos aqui discutidos ainda revelam práticas contraditórias. Quando, por exemplo, percebe-se o esforço dos educadores em democratizar as decisões, em abrir espaço para a participação discente e até incentivá-la, mas ao mesmo tempo apresentam atitudes que revelam pouca participação política, principalmente nos momentos organizados por essa experiência como passeatas, assembleias, reuniões do coletivo, enfim, atitudes que desestimulam o aluno e que são identificadas, nos momentos de avaliação, como aspecto negativo: *alguns professores participam de todo processo de reivindicações. É claro que não existe 100%, principalmente alguns técnicos que não fizeram parte de todo o processo têm uma certa dificuldade de participar* (educadora da Suplência II).

Essas características presentes no cotidiano dessa experiência são, também, permeadas de conflitos, pois se procura consolidar certo perfil de aluno, também busca um perfil de professor adequado a essa tarefa. Esse professor recebe o título de “educador popular”, aquele que acredita e tenta adequar seu fazer diário aos direcionamentos pedagógicos aqui apresentados. Muitos desafios estão presentes nesse cotidiano, tanto para o professor como para o aluno, ao assumirem seu papel dentro desse espaço e que, de certa forma, se distanciam. O aluno com suas expectativas, seus anseios; o professor entre o que acredita e deseja e o que a cultura escola espera e, em certa medida, determina.

- A reflexão crítica sobre a prática:

Refletir criticamente sobre as ações pedagógicas é uma das premissas para prática educativo-crítica e que, reconhecida como necessária, é incentivada nos encontros de educadores do Reconquistar, nos momentos de sua formação. Contudo, essa postura deve fazer parte do íntimo docente, ao se reconhecer como aperfeiçoador de sua atuação pedagógica, identificando nas atitudes dos alunos, nos olhares, nos sorrisos, nos depoimentos um *feed back* para sua prática.

Para muitos educadores, a concepção metodológica proposta nessa escola aparece como novidade e, por isso, não é tão fácil de ser abordada, mas os processos de aproximação desses educadores com essas concepções são facilitados pela integração e dinamização do grupo,

composto tanto por educadores que acompanham a experiência desde o início como por outros que estão inseridos a pouco tempo. O depoimento abaixo fundamenta essa observação:

O Reconquistar, essa metodologia, era tudo novo pra nós. A gente está ensinando e aprendendo ao mesmo tempo como eu falei. Passamos por muitas formações, formações de educadores, trabalhando uma metodologia diferente, foi muito difícil porque é novo, tudo é novo aqui, nós fomos descobrindo juntos, mas é um grupo muito unido, um grupo que acredita numa educação diferente, no Brasil, um grupo que trabalha junto, que troca experiência e isso foi bom por que ajudou esse grupo crescer. Então, é um trabalho em conjunto [sic] (coordenação).

Além dessa intimidade e integração vivenciada no grupo de educadores, que facilita a proximidade com a concepção metodológica, existe ainda certa preocupação com a formação permanente desses sujeitos e, por isso, constantemente, são organizados seminários para discutir temas propostos pelos docentes, para avaliar o andamento das atividades e também traçar novas metas. Explicita uma das educadoras:

Bem, a metodologia, nós temos uma parceria com o pessoal da Reconstrução, uma ONG de São Paulo, que está desde o princípio, desde o processo de seminários com os trabalhadores na elaboração do projeto e continua auxiliando na formação dos educadores, assessorando em seminários. E essa forma, esse processo, essa construção dos objetivos, embora a gente tivesse alguma coisa na cabeça, mas foi uma construção coletiva, onde os professores, as pessoas deram opinião, formularam os objetivos, assim numa construção coletiva (educadora da Suplência II).

Outra atitude docente considerada relevante em sua prática pedagógica foi a tentativa de desenvolver um trabalho por duplas, ou seja, os educadores organizaram-se em duplas de acordo com suas disponibilidades e passaram a trabalhar com determinada turma e disciplina utilizando essa parceria. Os planejamentos ficaram mais ricos e os trabalhos em sala fluíram com mais integração, visto que facilitou a interdisciplinaridade. Infelizmente, nem todos conseguiram manter essa proposta por falta de disponibilidade de horários livres, devido a atividades que desenvolvem fora desse espaço.

- Autonomia e participação dos educandos:

A liberdade de intervenção e questionamento do educando acerca do processo educativo observada no ambiente investigado evidencia o respeito que os educadores demonstram a sua

autonomia e participação, entretanto essa intervenção discente não se estende aos momentos em que se decide, se programa, ou se discute as concepções, os direcionamentos e organização da experiência. Em suma, podemos considerar que existem momentos e situações em que a participação e autonomia discente são incentivadas, como nas atividades pedagógicas desenvolvidas nesse ambiente, nas manifestações populares, nas festividades ou eventos para obtenção de recursos, nas atividades extra-classe (aulas de campo, passeios, entre outras). Entretanto, em outros momentos não se incentiva, apesar dessa participação não ser totalmente negada, como nas reuniões para planejamento das atividades pedagógicas, na elaboração de projetos, nos encontros de formação docente, nas reuniões da coordenação, entre outros.

Pode-se relacionar essa atitude a dois fenômenos: o primeiro encontra-se no referencial escolar desses sujeitos, onde se aprende que esse espaço não é decidido ou pensado por alunos; o segundo pode direcionar-se aos limites da liberdade “oferecida” aos alunos quando se incentiva sua participação nas atividades dessa escola. Segundo Freire, respeitar a autonomia do indivíduo é respeitar antes de tudo sua visão de mundo, suas idéias, a dignidade de cada um, comprometendo-se com a ética... *É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados... se tornam radicalmente éticos* (idem: 66/67).

- O diálogo e amizade como caminho para o entendimento:

As propostas pedagógicas dessa experiência educacional estão cerceadas pelo diálogo e pela amizade como numa *pedagogia da amizade*, e assim, cria raízes e acaba direcionando os fazeres pelo caminho do acordo, do companheirismo, da solidariedade. Os educadores entendem que esses vínculos são importantes para o processo ensino-aprendizagem e facilitam seu trabalho, argumentam ainda...

...que é importante, facilita o aprendizado do aluno, facilita o trabalho do professor e o próprio aprendizado do professor por que o professor sempre é aluno... essa questão é muito importante, a questão da amizade. O professor vai permanecer unido com o outro por que ele não vai fazer uma coisa solta. A grande importância é nesse sentido, trabalhar unido aos alunos para entender o que eles querem e sentem, porque o nosso objetivo aqui é único,

que o aluno saia um profissional, um profissional também na área técnica e na sua consciência, uma pessoa que entenda da vida. Que ele leia a leitura da vida. Então essa é uma importância muito grande que a gente dá a esse entrosamento (coordenação).

Os alunos reforçam essa opinião e desenham as relações estabelecidas com os educadores como leves e agradáveis, acompanhadas pela amizade e trabalho em conjunto. Acrescentam que... *as aulas da [professora] eu adoro. Eu gosto muito de Matemática, Português... a [professora] é muito legal, às vezes complica alguma coisa e a gente perguntar a ela, aí ela dá uma orientação à gente. Ela é bem-humorada, é uma pessoa legal, simples e amiga (aluna da Suplência I).*

Dessa forma, começam, muitas vezes, a enxergar o docente como um espelho para si mesmo, admirando seu modo de ser e se portar, principalmente os alunos mais jovens que ainda estão à procura de um referencial na construção de sua identidade, contribuindo para que o espaço da sala de aula esteja repleto de momentos de trocas de experiências e aprendizado...

...a gente se identificou muito, né, eu gostei muito deles. Eu, lendo algumas coisas que eles escreveram, alguns diziam que gostariam de ser uma pessoas assim como eu sou, porque sempre eu gostei de passar pra eles, não só o técnico ou aquela pessoa que sabe lidar com computador e tudo, não, mas sim uma pessoa coerente, uma pessoa que tem um objetivo na vida, uma pessoa que goste de fazer aquilo no qual ela escolheu, no caso informática, ou sei lá... costurar, até mesmo uma pessoa que seja dona de casa, mas que goste de fazer e faça bem feito. Eu sempre gostei de passar essa experiência de vida pra eles, né e foi muito bom (educador de Informática).

Essa amizade que cresce entre os sujeitos, torna-se importante para os alunos também pelo compromisso que o educador acaba demonstrando, não só com ele enquanto educando, mas como ser humano, como pessoa. Esse bom entrosamento com a professora ou professor aumenta seu interesse pelo curso, seu compromisso com um bom desempenho, ajuda muito no resgate de sua auto-estima. Explicitam...

...aqui os professores são totalmente diferentes, sabe, são totalmente diferentes do que os outros professores, assim, porque os professores aqui quando as alunas tão faltando muito eles procuram saber o que que tá acontecendo, mandam recado, eles querem saber mesmo o que que tá acontecendo com aquele aluno. Aconteceu muitas vezes, aluna que não tá vindo mais, mas eles ficam perguntando como é que ela tá, sabe, então essa é uma forma diferente. O melhor daqui só é isso aí, porque os professores, eles

não tão interessados somente no dinheiro, eles tão interessado de passar o que eles sabem pra gente. O que eu acho mais importante aqui nesse projeto é isso, porque os professores incentivam muito, muito mesmo a gente, sabe, incentivam muito (aluna da Suplência II).

Outro ponto que baliza essas relações refere-se ao fato desse espaço apontar aspectos pouco comuns no que concerne a disciplina, as regras e normas pensadas em sua organização, visto que o que se vem construindo em relação ao espaço educacional e sua institucionalização, para muitos estudiosos uma extensão das relações familiares, foram relações hierárquicas baseadas em normas disciplinares rígidas e em valores tradicionais. Hoje, em muitas de nossas escolas, felizmente essas concepções são mais maleáveis, no entanto ainda sobrevivem em tom menos doloroso, mas que sonorizam o autoritarismo.

Não estou defendendo que a disciplina seja em si perversa e injusta, pelo contrário, é necessária ao espírito humano na organização de sua vida, mas as formas como são colocadas e inseridas em muitos espaços sociais, principalmente na escola, é que me parecem errôneas. Na experiência em questão procurou-se superar esses modelos e foram elaboradas normas de convivência para que a escola estivesse mais organizada e então, os educadores construíram com seus alunos algumas regras para que assim, não fossem encaradas como agressão a sua liberdade, mas como acordo discutido e planejado, que ajudasse na convivência do coletivo. Um dos alunos comenta: *Eu achei muito diferente esse projeto aqui porque a gente ajuda a organizar, a hora que você chegar você entra, o importante é tá na sala de aula, é mais liberdade, o professor dá mais liberdade pros alunos falar o que acham (aluna da Suplência II).*

Essas atitudes, mais que pedagógicas – humanas – comungam com as idéias de Paulo Freire que encara a educação não como um espaço onde seja preciso mascarar as emoções, os sentimentos, onde os educadores tenham que encarar seus alunos verticalmente, atuando sobre o conhecimento como seus possuidores exclusivos, mas como um ambiente propício para o encontro, para o afeto, para a amizade porque feita de seres apaixonados pela vida e comprometidos com ela. Assim, esse autor nos ajuda nessa reflexão na seguinte passagem:

É esta preparação do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor

da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos deveriam ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual [grifo do autor] (idem: 164/165).

Entretanto, existem alguns depoimentos registrando aqui dificuldades no que concerne a metodologia, principalmente aquelas ligadas a rejeição de alguns alunos no início do curso. Alguns argumentos docentes retratam certo choque para o aluno, acostumado a entender a escola a partir de outros parâmetros que chegam a influenciar em sua expectativa e conseqüente decepção, ou seja, estão acostumados com uma escola que centraliza os conteúdos, onde o professor é mais expositor desse conteúdo, cuja única meta parece ser a aprovação no vestibular, preocupando-se pouco com outros aspectos. Assim, enfatizam que:

Eu acho que uma das dificuldades que eu encontrei em sala de aula, no início, foi a não aceitação dos alunos a essa metodologia, por que como são alunos que já passaram por outras escolas, quando eles entram aqui eles acham que é a mesma metodologia que eles tem lá... um professor que vai ler e escrever, que vai tá lá naquele quadro, sentar naquele birô e vai passar todas as informações pra eles, aí quando ele descobre que isso não acontece, que eles vão trabalhar juntos, vão descobrir juntos e vão aprender juntos, então eles têm um impacto muito grande e não querem aceitar e às vezes acontece que alguns desistem, então isso é uma dificuldade muito grande que a gente enfrenta (educadora da Suplência II).

Existe uma preocupação grande da maioria dos educadores, inclusive até divergência de opinião no grupo, acerca da necessidade de enfatizar ou não os conteúdos, pois essa priorização parece, para a maioria, representar uma proximidade com a escola tradicional. Nesse contexto, o que acaba sobressaindo é a priorização da formação política, das discussões mais voltadas para a realidade socioeconômica vivida em nosso país e no mundo. O depoimento abaixo reflete com clareza essa opção metodológica:

A gente nota que é aquele ponto principal, o fato da educação da escola pública porque a escola pública ela não se preocupa com isso, né, só se preocupa em passar matéria, Português, Matemática... você tem que estudar isso pra você passar no vestibular e de repente você cursar uma faculdade e não há uma abertura pra que se forme o cidadão, você é um cidadão, você é uma pessoa, você pensa, você tem direitos e você tem deveres. Aí quando essas pessoas chegam aqui e se deparam num ambiente dessa forma, que ele é um cidadão e que ele pode pensar, aí há um choque, um choque muito

grande, por isso há dificuldade e as vezes pessoas... principalmente porque não são esclarecidas. Quando a pessoa já tem uma certa visão de comunidade, uma certa visão social, aí ela já aceita com mais facilidade e eles não (educador da Suplência II).

Entretanto, muitos educadores dessa experiência tentam conciliar esses dois aspectos, trabalhar os conteúdos importantes para a formação intelectual dos alunos, mas de forma dinâmica e participativa, sempre tentando atribuir uma visão crítica a determinados assuntos e priorizando principalmente sua capacidade de interpretação, comunicação e raciocínio. Nesse sentido Freire nos alerta:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (...) Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?(idem:33-34).

- A educação como meio de intervenção na sociedade:

Um dos pontos que baliza a pedagogia desenvolvida no Reconquistar é pautada pela crença de que a educação é uma forma de intervenção na sociedade. É através do trabalho do educador que a consciência crítica pode ser aguçada, facilitando a luta por uma vida mais humana e, portanto, mais digna.

Fica claro na prática dos educadores da experiência em questão, nos seus discursos, no material selecionado para o trabalho pedagógico ou, ainda, nas discussões desenvolvidas com as turmas, que existe um esforço de “desmascaramento da ideologia dominante”, como explica Freire:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento (idem:110).

Essa crença no poder da educação sobre a realidade social é motivadora para a experiência e, sem dúvida, pode ser considerada como um dos objetivos da Pastoral Operária ao investir esforços para organizar e apoiar o Reconquistar. Não só como impulsionadora de mudanças individuais quando oferece condições de inclusão no mercado de trabalho, mas mudanças mais coletivas no modo de encarar o mundo, as relações sociais, ou seja, uma maior politização.

- A busca pela interdisciplinaridade⁴⁰:

As práticas pedagógicas desenvolvidas por esses educadores têm como eixo integrador a formação profissional, ou seja, a preparação do jovem para o mundo do trabalho torna-se elemento comum no direcionamento das atividades. No entanto, outros elementos também são relevantes como os que integram o capital cultural desses sujeitos.

Para ilustrar essas diretrizes visita-se as apostilas, os textos e a proposta de avaliação, já que os mesmos foram construídos pelos professores⁴¹, com o intuito de caracterizar e analisar os instrumentos de apoio ao seu fazer diário que desvelam intenções acerca dos caminhos que o processo ensino-aprendizagem acaba seguindo.

Desse modo, a apostila⁴² destinada a Suplência II está organizada em três temas geradores, a saber: Trabalho – um espaço em construção; Movimento Social – uma conquista; e Sabedoria Popular – nossos valores.

A primeira temática, na ordem acima, discute o cotidiano social do trabalhador a partir das músicas Cidadão⁴³ e Música de Trabalho⁴⁴, seguido de sugestões para uma interpretação crítica das letras. Apresenta recortes de jornais com depoimentos dos próprios alunos, onde

⁴⁰ O princípio da interdisciplinaridade aqui refere-se a intercomunicação entre as disciplinas, tratando de temas em comuns (transversal). Entretanto, a interdisciplinaridade não deve reduzir-se somente aos conteúdos, mas permitir uma aproximação entre os fazeres e experiências pedagógicas, auxiliando na superação das limitações.

⁴¹ Essas apostilas foram construídas através da seleção de textos de autores da nossa literatura, da construção de outros pelos educadores que também elaboraram os questionamentos e atividades. O estudo desse instrumento encontra-se nos anexos.

⁴² A ênfase é dada apenas a esta porque a Suplência I não contou com essa ferramenta.

⁴³ BARBOSA, Lúcio. Cidadão. São Paulo: CBS, 1979. CD.

⁴⁴ RUSSO, Renato. Música de Trabalho. In: Legião Urbana. A Tempestade. São Paulo: EMI MUSIC, 1996. CD.

falam um pouco do projeto e de suas perspectivas de emprego, encerrando a discussão com questionamentos acerca do trabalho solidário.

São incorporadas a essas discussões atividades que englobam questões de Língua Portuguesa, História e Geografia quando discute a saída do homem do campo e o inchaço das grandes cidades para tratar do êxodo rural e suas causas. Explora, ainda, temas como: cooperativismo, desemprego, a indústria e o comércio no Ceará, a agricultura e a construção do *currículum vitae* do trabalhador, priorizando a produção escrita e o desenvolvimento do senso crítico.

O tema seguinte – Movimentos Sociais – apresenta uma reflexão acerca das organizações do povo na luta por seus direitos discutindo as propostas políticas de alguns dos movimentos desenvolvidos aqui no Brasil, em especial o Movimento dos Sem Terra – MST, organizando aulas de campo em um dos assentamentos. Os assuntos abordados são: a morte no paraíso – colonização e escravidão (período de 1500 a 1800), linha do tempo dos Movimentos Sociais, A fome no Brasil, explorando as disciplinas de Matemática e Ciências.

Por último apresenta os saberes populares a partir da Farmácia Viva, das danças, da literatura de cordel, dos provérbios, das comidas típicas e da música. Estes assuntos servem de pano de fundo para os conteúdos de Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências, bem como para análises críticas acerca de sua desvalorização pela cultura hegemônica.

As pistas lançadas pelo estudo desse material apontam para um direcionamento interdisciplinar entre os conteúdos, mas ressaltam o forte caráter político desses subsídios atribuindo características pouco peculiares ao processo educativo.

A ênfase aqui recai em questões que nem sempre são valorizadas em outras escolas, e que passam a compor o currículo dessa experiência, como o empenho dos educadores em favorecer o desenvolvimento da capacidade de criticar a realidade social e econômica, de fazer uma leitura crítica das relações vivenciadas nos espaços políticos, sem esquecer, entretanto, de trabalhar outras áreas do conhecimento, entendidas socialmente como indispensáveis aos

indivíduos que tentam melhorar sua situação de exclusão. Uma aluna expressa em sua fala essas observações:

É porque aqui no Reconquistar é diferente das escolas que eu estudei em tudo, tá entendendo... assim, pelo menos no transporte, o transporte levava e trazia de graça...é... nos cursos, na quantidade de cursos, a gente tá aqui aprendendo muita coisa e no colégio não a gente vai aprender só aquele conteúdo só de Matemática, Português, História, Geografia, aqui tem algo a mais, já tem computação, já tem Farmácia Viva, já teve o curso de Espanhol também que eu fiz e aqui é diferente em tudo, eu adorei entrar pra estudar aqui (aluna da Suplência II).

Dessa forma, compreende-se que o currículo seleciona conhecimentos, valorizando ou desvalorizando determinados saberes, por isso faz-se necessário perguntar quais conhecimentos estão sendo considerados válidos ou como estão sendo aceitos? E de que forma os discentes têm acesso? Até porque a proposta em questão tenta trabalhar com a formação política não se prendendo somente a aquisição e assimilação de conteúdos organizados em disciplinas, nem tampouco das habilidades profissionais técnicas.

Nessa contextualização, cabe buscar as razões dessas escolhas, visto que parece priorizar a formação para uma análise crítica da ordem social vigente que vem contribuindo para os caminhos da exclusão historicamente trilhados na realidade social, e precisam ser esclarecidas quando se pretende discutir seu processo formativo.

A formação desenvolvida no Reconquistar abrange três áreas específicas, as três habilidades já mencionadas no início desse capítulo (HB, HE, HG) e, ainda, acrescenta a Informática e o Espanhol. Portanto, a carga-horária de cada área acaba sendo resumida frente à diversidade de conhecimentos que é proposto ao aluno. Nesse sentido, a interdisciplinaridade torna-se importante, pois possibilita uma integração entre os diversos saberes facilitando seu aprofundamento.

Porém, mesmo com uma proposta diferenciada o Reconquistar acaba organizando esses conhecimentos em disciplinas específicas, quando as distribui para cada professor especificamente preparado naquela área, abordando-os de modo fragmentado, desconsiderando assim a complexidade em suas relações contextuais, dificultando a

interdisciplinaridade, desconsiderando as relações e as inter-relações dinâmicas e interativas existentes entre os saberes. O depoimento abaixo indica que as dificuldades com a interdisciplinaridade existem:

É, ficou um pouco à desejar no sentido dessa integração entre os educadores, a partir do próprio planejamento, do contato maior entre educadores, nem sempre é fácil, muitas vezes temos que ter outras atividades além do projeto, não somos só do projeto Reconquistar, então precisaria existir mais encontros entre os educadores, com esse objetivo, de ver como estar a turma, quais as necessidades que os alunos tão tendo (educadora da Suplência II).

A tentativa de trabalhar com a interdisciplinaridade para muitos educadores desse projeto soa apenas como discurso, mas não como uma possibilidade real, principalmente pela dificuldade de conciliar o tempo e planejar regularmente com os colegas das outras disciplinas.

Entretanto, algumas experiências de trabalho com duplas de educadores podem ser consideradas positivas, visto que possibilita uma maior proximidade e integração entre os educadores e seus respectivos conteúdos, levando ainda a pensar que a busca da interdisciplinaridade não é somente a consciência da necessidade de uma articulação explícita e direta entre os saberes, mas de que também é preciso mudar o modo como vem sendo organizado o trabalho pedagógico, já que a divisão dos conteúdos por disciplinas torna-os fragmentados e sugere uma compreensão unitária do ser humano.

Em outras palavras, a interdisciplinaridade é a tentativa de superação de um processo histórico de abstração do conhecimento que culmina com a total desarticulação do saber, uma vez que essa compartimentalização não possibilita a percepção da integração entre o texto e o contexto.

Assim, o Reconquistar precisa romper com essas amarras quando pretende configurar-se em um projeto que desenvolve uma pedagogia progressista, que busca nos direcionamentos da EP um caminho para as classes desfavorecidas socialmente construírem sua liberdade, concordando com Paulo Freire quando afirma que *o ato de liberdade mais sublime e revolucionário do homem, transformado em sujeito social, é emitir a crítica, propor soluções e responsabilizar-se pelas conseqüências de ambas as ações* (1981:28).

AVALIAÇÃO

- Novas propostas para velhos significados:

Dentro da ótica da EP, a avaliação tem sido objeto de investigação, reflexão e questionamento por parte dos atores sociais que integram o universo escolar da experiência em questão, a fim de organizar uma proposta realmente comprometida com a inclusão, distanciando-se da exclusão gerada, muitas vezes, por esse instrumento.

Esse processo no Reconquistar foi amplamente discutido e a proposta de avaliação tem procurado solucionar problemas historicamente construídos em nossa cultura educacional que se refere à seleção, muitas vezes arbitrária, que é feita, por tratar-se de um instrumento que tem sido reduzido a provas e que atribuem uma nota elegendo aqueles que devem ou não ser promovidos para a série seguinte.

Assim, a proposta citada tenta compreender a avaliação de uma forma mais ampla e, por isso, está constantemente sendo refeita, enfatizando que deve ser contínua e construída no processo ensino-aprendizagem, que deve também levar outras questões em consideração que não a aprendizagem do conteúdo, mas aspectos ligados à subjetividade, tais como: participação, entrosamento no grupo, assiduidade, criticidade, entre outros.

Desse modo, no início das aulas, cada turma discute e elege, com a ajuda do educador, três aspectos que irão compor os parâmetros da avaliação. Assim, a avaliação escrita compõe sete pontos, acrescidos de três pontos direcionados por esses critérios. O educador deverá também propor outras atividades para compor sua avaliação, tais como: trabalhos de pesquisa individual ou em grupo, participação em atividades extra-classe, entre outros. Na voz desses atores:

...depois de uma série de discussões, avaliações se chegou ao consenso que o conteúdo ele é uma parte importante, então seria uma nota de 0 a 7 para o desenvolvimento e aprendizagem do conteúdo e os três outros pontos seriam vista a parte subjetiva, na participação do aluno em sala de aula, na presença, nos movimentos, nas decisões. Seria uma coisa mais... assim, onde o aluno teria a oportunidade de mostrar que ele não é só conteúdo, mas

também ele tem uma outra, a parte mais subjetiva (educadora da Suplência I).

Ao analisarmos os depoimentos, observamos a formulação de uma concepção de educação bem específica de ensino e aprendizagem que nos remete a uma leitura mais acurada acerca dos caminhos e fazeres pedagógicos da EP. Essas concepções implicam, principalmente, no reconhecimento do potencial das interações, entretanto, estão cercadas de conflitos, dada a diversidade de experiências e interesses que constituem essas relações. Para Freire (1997), nós educadores temos o dever ético de ‘brigarmos’ por nossas idéias, nossas formas de compreender e direcionar nossa prática sem, no entanto, negar o direito do discurso contrário que permite assim o confronto e o crescimento.

Nesse contexto, observa-se outra contradição, pois se professores e alunos ainda concebem a avaliação apenas como um instrumento capaz de quantificar a aprendizagem ou mesmo as atitudes discentes, acabam contradizendo o discurso acerca da necessidade e importância de uma avaliação contínua e mais ampla, que valorize outros aspectos da atuação do sujeito no cotidiano educacional, como os já citados, entendendo que o aluno, antes de tudo, é um ser com características próprias, com desejos e perspectivas ligadas ao mundo onde está inserido, um sujeito em constante mudança.

A proposta de avaliação apresentada pelo Reconquistar avança em relação as propostas tradicionais quando incentiva o desenvolvimento de outros potenciais, no entanto, as práticas, bem como as falas dos sujeitos acerca dos processos pedagógicos, revelam ainda resquícios dessa pedagogia, que centraliza a avaliação como o resultado final da atividade educativa, direcionada e determinada sempre pelo educador, onde a única função desse instrumento é selecionar aqueles que estão aptos ou não para ir em frente.

Vale ressaltar que existe um reconhecimento e preocupação por parte dos que lá atuam de romperem com essas “heranças” e solucionar as dificuldades que surgem no processo avaliativo como, por exemplo, a angustia dos alunos nos momentos das provas escritas e sua ansiedade quanto às notas conseguidas.

Para que possamos melhor delinear a opção por uma avaliação contínua e participativa, construída e reconstruída por àqueles que nela estão inseridos, é bastante oportuno analisarmos um depoimento que descreve as dificuldades vividas quando se trata da avaliação, na ótica de quem participa do processo.

É, infelizmente, ainda há aquela história da nota, há aquela preocupação, vou tirar um dez, vou tirar um sete, ah meio ponto, ah não, isso aqui eu acertei. Então ainda existe isso aqui e é muito forte porque a gente tenta mostrar que não é bem essa questão da nota, o importante é você saber, você tá participando, não é essa nota que você tá tirando, não é o mais importante e que também o importante é você fazer por você mesmo, o que você realmente sabe, você se avaliar, como você está (educadora da Suplência II).

Esse discurso nos remete a comprovação da já mencionada problemática que aponta para uma avaliação seletiva, funcionando a partir da metrificação da aprendizagem que acaba gerando um clima competitivo e centralizador da nota.

Observa-se ainda em muitas escolas, notadamente àquelas que ainda caminham pela ótica tradicional, como os educadores se excluem dos resultados da avaliação, compreendendo-se externos a ela, sendo exclusiva para alunos. Não encaram os resultados do processo avaliativo também como reflexo de suas práticas que devem direcionar para uma avaliação crítica de seus fazeres, mas no Reconquistar essas questões são pautas de reuniões incentivando, na maioria das vezes, um refazer constante nos modos como os conhecimentos são trabalhados.

Todos esses aspectos são relevantes e muitos precisam ser superados, principalmente numa iniciativa que propõe uma pedagogia alternativa e a inclusão dos sujeitos em todos os momentos desenvolvidos nesse espaço, pois somente será possível se pensar em avaliação enquanto processo que venha contribuir com o crescimento coletivo, quando a idéia de que a única função da avaliação é quantificar a aprendizagem for superada.

A educação, por acontecer no coletivo, deve direcionar o processo avaliativo para um ato também coletivo. Por isso, é importante a participação dos alunos nos momentos de construir formas de se conceber e praticar a avaliação. Faz-se necessário sua participação em todos os momentos educativos para que se sintam integrantes também das decisões tomadas no âmbito da escolaridade. Como nos lembra Freire:

Interessou-nos sempre, desde logo, a experiência democrática através da educação... Educação democrática que fosse, portanto, um trabalho do homem e nunca um trabalho verticalmente do homem sobre o homem ou assistencialisticamente do homem para o homem, sem ele (1959:12-13).

- Como esses sujeitos compreendem sua prática avaliativa:

Alguns educadores entrevistados nessa pesquisa descrevem a sua forma de avaliar como bem flexível, não se restringindo apenas a prova escrita, mas também a prática, a momentos de oralidade dos alunos diante dos conteúdos, às atitudes que estes manifestam diante do conhecimento. Relata:

Eu estou assim impressionada porque dentro dos próprios conteúdos da Farmácia Viva, as experiências, a prática, avalio mais oralmente, porque quando você pergunta ou mesmo quando você observa que alguém tem interesse e faz e sabe fazer é porque aprendeu, então a minha avaliação, eu fiz a avaliação escrita, nós fizemos várias avaliações escritas, mas o que dá pra avaliar mesmo é a partir da prática, da vivência [sic] (educadora da Suplência II).

Essa flexibilidade também pode ser observada nas atitudes dos educadores diante dos resultados das avaliações escritas, visto que refazem essas atividades quando as respostas da turma, ou mesmo de um membro do grupo, não são satisfatórias. Voltar aos conteúdos diante dos resultados negativos observados nas avaliações é o primeiro indício de que o momento da avaliação está sendo encarado como *feed back* do trabalho pedagógico. No depoimento discente essa atitude fica expressa: *ela faz um novo trabalho com ele, explica mais e faz uma nova prova com ele, né? Manda ele estudar mais um pouco, faz uma outra avaliação com ele, pra ver se ele recupera a nota* (aluna da Suplência II).

Uma rotina comanda os momentos que antecedem as avaliações, caracterizada sempre pela organização da sala em fileiras e pelo diagnóstico antecipado do professor quando questiona a turma numa espécie de revisão. Esse diagnóstico ajuda a turma a organizar as idéias estudadas e a compreender como será a avaliação... *assim antes dela dar a avaliação, assim na mão da gente, ela passa tipo uma revisão, faz perguntas se você sabe responder mesmo, assim conforme o que ela já deu que é pra ver se a gente tá sabendo mesmo* (aluna da Suplência II).

Nesse contexto, cabe apresentar os principais critérios que direcionam os significados da avaliação para os educadores entrevistados e que podem ser considerados em conformidade com as atitudes metodológicas até então apresentadas nesse estudo. Assim, destaca-se:

- Uma avaliação que alcance a vida do sujeito:

Os momentos da avaliação estão também ligados às situações vividas no cotidiano de cada um e os educadores consideram essas singularidades, também, como responsáveis pelos resultados de aprendizagem procurando desocultar as situações de entrave desses processos provenientes das situações vividas fora da escola. Essas circunstâncias externas terminam influenciando as práticas pedagógicas na busca por estratégias para estimular a participação dos alunos. Relata que é preciso...

...estar mais atenta a essa pessoa, colocando novamente o conteúdo, vendo outras formas, vendo o que está acontecendo. Hoje mesmo aconteceu, não tá muito concentrado na aula, então tá havendo algum problema, as vezes a pessoa... em casa, alguma coisa tá acontecendo. Então, tentar ficar mais atenta a essa pessoa e perceber o porquê que ela não está acompanhando, não tá adquirindo esse aprendizado (educadora).

- Uma avaliação flexível pautada pelo diálogo:

Nesse sentido, um grande aliado do professor na luta pelo aprendizado e por momentos de avaliação sem culpa ou medo é o diálogo, pois ajuda a perceber os limites e possibilidades do educando vividos nos momentos avaliativos, assim como atribui aspectos mais humanos ao papel do educador... *nada melhor do que o diálogo, tentar conversar, tentar mostrar que o erro é importante porque ajuda a criar outras formas e dar outras oportunidades que não precisa ser exatamente daquela maneira pra todos, mas aí você ver outra maneira de avaliar (educadora da Suplência II).*

- Uma avaliação que faz o aluno se interessar por outros aspectos, não só o conteúdo:

O fato da avaliação considerar aspectos mais subjetivos como a relação com os colegas, a participação ou mesmo a frequência, vem incentivando o interesse do aluno por essas questões, ajuda na integração dentro da sala de aula, como relata uma aluna... *Acho bom porque é uma forma de se interessar, das pessoas se reunirem, não tá só com discussão, é*

uma forma da gente ajudar uns aos outros, uma forma da gente vir pro colégio (aluna da Suplência II).

- Contribuições do Reconquistar presente nos depoimentos:

É muito forte o reconhecimento por parte de alunos e professores das contribuições que a proposta educativa do Reconquistar tem dado as suas vidas e estão relacionadas nesses três subitens – auto-estima, volta à escola e formação política.

- Elevação da auto-estima:

O Reconquistar coloca-se como um espaço educacional pensado pela sociedade civil, organizado pela Pastoral Operária junto com alguns educadores, membros da comunidade e, portanto, apresenta-se como um espaço onde a participação do povo deve ser o cerne do processo educativo. Seus objetivos estão direcionados para a integração dos desempregados na sociedade com sua volta à escola, com a aquisição de uma profissão, assim como uma maior participação política.

Percebe-se, no dia-a-dia dessa experiência, como é importante para esses sujeitos serem valorizados, compreendidos e respeitados. Apresentam, ainda a necessidade de elevação da auto-estima como pré-requisito até para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. São pessoas que estão em situações de risco: sem emprego, sem educação básica, alguns demonstram falta de expectativas para o futuro, mas que buscam nesse ambiente um espaço de mobilização, de resgate do tempo no que concerne a sua escolarização.

Durante as investigações prévias refleti sobre a divisão social do saber que, para alguns autores, contribuem para o afastamento das pessoas de classe social baixa da escola. A legitimação dos saberes das classes dominantes nada mais é que um reflexo das desigualdades sociais, mas esses dois domínios de saberes – o popular e o erudito - apesar de um sobrepor-se ao outro em nossa sociedade, estão em constante relação, não existem separadamente, pois a todo momento há relações sociais entre sujeitos e agências.

Segundo Brandão, *há um processo contínuo de expropriação erudita de segmentos do saber popular, isto acontece todos os dias nos domínios da música, das artes, da religião...* (1984:25), mesmo porque primeiro surge um saber coletivo, um saber consensual, nascido da prática experimental para depois se tornar erudito.

Para muitos alunos o Reconquistar não significa apenas o retorno à escola, mas um reencontro consigo mesmo, com uma vida diferente, voltada para a realização de um sonho que há muito vinha adormecido – aquisição de novos conhecimentos, aprender a ler, escrever, contar, sentir-se útil e capaz de adquirir algum recurso. O depoimento abaixo descreve esse reencontro:

Não, eu nunca tinha trabalhado em nenhum canto, em nenhuma atividade, até porque a minha vida era muito privada, eu não saía de casa nem pra estudar, quando eu era casada. Sou separada, tá com um ano e comecei a resgatar minha auto-estima através aqui do projeto Reconquistar, porque eu não tinha nem auto-estima. Eu era uma pessoa que não tinha objetivo de nada a não ser pra casa, tá entendendo? E, depois que eu conheci aqui tudo...tá diferente em tudo, eu mudei mesmo, meus amigos olham assim, minhas amigas comentam mesmo que eu mudei, perguntam o que eu tô fazendo...tô estudando, tô estudando, e agora tô trabalhando também, trabalhando meio expediente lá na igreja católica do Palmeira, tô trabalhando junto com a pastoral do menor, resgatando menores de rua pra fazer cursos, cursos de bijuterias, cursos de aula de percussão, música, pintura, né, tem os professores lá também, amigos meus, que a gente trabalha nesse método de tirar as crianças de rua, que usam drogas, e tá sendo muito legal, tô aprendendo, ensinando e aprendendo também com elas, né. É o meu primeiro trabalho... [grifos meu] (aluna da Suplência II).

O resgate da auto-estima apresentou-se como uma necessidade para o andamento dos trabalhos pedagógicos, visto que os alunos mostravam pouco entusiasmo diante das atividades desenvolvidas em sala de aula e demonstravam certa descrença no próprio aprendizado... *o projeto contribuiu muito na minha vida porque primeiro resgatou minha auto-estima, e me ensinou muita coisa boa, adoro estudar aqui e se eu pudesse eu faria de tudo pra ele continuar, nas minhas orações sempre vou pedir que ele vá pra frente* (aluna da Suplência II).

Assim, os educadores passaram a trabalhar inicialmente incentivando o resgate da auto-estima, realizando atividades de fácil participação e que enfatizassem primeiramente os saberes construídos na prática, utilizando sempre em seu discurso frases de incentivo e apoio as respostas de seus alunos diante das tarefas.

- Volta à escola:

A volta à escola é uma característica de todos que estudam no Reconquistar, alguns com dois ou três anos afastados desse espaço, mas uma grande maioria com bem mais tempo. Esse regresso às atividades escolares significa, muitas vezes, um investimento em si mesmo, nas aptidões que antes eram deixadas de lado e acaba impulsionando o desejo de continuidade da escolarização no Ensino Médio e até na Universidade. Para um dos educadores a proposta do Reconquistar vai além da formação profissional porque incentiva a continuidade dos estudos:

...eu vejo mais assim, um espaço pras pessoas se encontrarem, conhecer, adquirir conhecimento. Eu não vejo só a questão do trabalho em si, a questão do mercado de trabalho, eu vejo também a dimensão humana, da pessoa, ela se valorizar, ela se conhecer mais, ela ter capacidade nesse mundo que tá aí, sabe, ela adquirir conhecimento, ela estudar, motivá-las a ler, sabe, então eu vejo que não é só profissão... (educadora da Suplência II).

Entretanto, quando questionada acerca da continuidade de sua escolarização uma aluna apresenta as dificuldades que seu cotidiano oferece, principalmente na relação que estabelece com o cônjuge e as responsabilidades diante dos filhos, mas não desanima, reafirma a vontade de dar continuidade aos estudos e melhorar sua condição econômica. A escolarização parece está diretamente ligada a situação econômica familiar.

Vou sim, no próximo ano, se Deus quiser eu estarei estudando à noite, certo. Vou fazer o possível pra conseguir uma vaga, porque vaga também nesses colégios é um sacrifício. Então, eu vou, vou continuar a estudar, meu marido que diz assim: não sei porque tanto estudo... porque ele só fez até a 4ª sabe, aí ele fica muito assim revoltado porque eu saio de manhã e deixo meus filhos com a minha mãe e venho pro colégio, aí a tarde quando eu chego só faço alguma coisa dentro de casa e vou tentar vender os cosméticos, aí ele fica assim revoltado porque eu não tenho tempo pra quase nada, sabe, mas assim é a vida, se a pessoa não lutar por alguma coisa a pessoa nunca vai conseguir o que quer, né. Então assim, eu não vou deixar de estudar, eu vou até onde eu puder (aluna da Suplência II).

Outro depoimento aproxima a necessidade de estudar às condições econômicas, ou seja a escolarização como garantia de uma vida mais digna, de um trabalho melhor remunerado e indica que as prioridades mudam diante dessa constatação – os estudos passam a ocupar lugar de destaque na vida em detrimento de outras atividades. Assim, um dos depoimentos discentes acrescenta que...*já perdi muito trabalho bom por causa dos estudos, até a minha mãe pejejou*

muito comigo e meu negócio era só brincar, namorar, essas coisa. Agora eu venho pra cá, jamais eu quero faltar uma aula... no dia que você perde uma aula, você fica voando, é ruim (aluno da Suplência II).

Para outros alunos a possibilidade de alcançar e concluir o Ensino Médio é uma realidade, entretanto o curso superior é muitas vezes encarado como uma impossibilidade, uma realidade bem distante. Talvez esse limite nos sonhos ligados a vida educativa esteja fundamentada nas dificuldades vividas nesse ambiente no que concerne a aprendizagem ou mesmo na baixa auto-estima dado o argumento de incapacidade observado na fala seguinte: *eu quero terminar o 2º Grau, mas dizer assim que eu vou pra uma faculdade ou que eu vou querer me formar assim em advogada ou em médica eu acho impossível, com a minha cabeça é impossível* (aluna da Suplência II).

- Formação política:

Esse é um dos pontos centrais do trabalho pedagógico no Reconquistar – a formação política – e muitos depoimentos discentes apontam essa questão como uma das contribuições do projeto para sua vida... *eles falam muito de cidadania, de direito. Eu não tinha conhecimento de muitas coisas... o professor explica muito bem sobre essas coisas que eu nem sabia: cidadania, direitos da mulher...* (aluna da Suplência I).

A importância dada a formação política é tanta que esse aspecto é discutido em disciplina específica. O educador que trabalha com Gestão elege uma série de temas mais discutidos no momento na sociedade e passa a trabalhar com a turma, realizando atividades e criando círculos de debates, como já foi apresentado anteriormente. Segundo o depoimento discente essa disciplina é bem interessante e ensina muitas coisas novas:

Ele fala sobre coisas que acontecem e a gente nem sabia. Fala de um dinheiro que nós brasileiros pagamos e que eu nem sabia que pagava. Que a gente paga esse dinheiro desde muito tempo e não termina mais a dívida, que os brasileiros nunca terminam com isso. Eu achei muito importante saber disso. E também sobre esse negócio dos políticos que só conhecem os eleitores na hora de pedir o voto e depois eles não dão empregos, não dão nada... ele fala sobre cidadania, voto, sobre direitos humanos, sobre direitos da mulher e muitas coisas...é muito legal! (aluna da Suplência I).

Os resultados dessa formação política não podem ser “contabilizados” nos momentos mais pedagógicos, mas observados nas ações diárias, na integração do sujeito na comunidade, nos sindicatos ou partidos, na participação em manifestações populares, nos Movimentos Sociais. Segundo um dos educadores esse crescimento político pode ser percebido na participação comunitária porque... *houve um engajamento na Associação, no movimento, um interesse maior pela comunidade ou mesmo pelos eventos que a gente vai fazer, isso já vai comprovando que foi trabalhado um pouco essa conscientização* (educadora da Suplência II).

A formação política é vivida também em muitas situações onde se apresentam aspectos ligados a gênero, nas relações entre os sujeitos em momentos de convivialidade ou nas oportunidades de diálogo presente nas interações desenvolvidas no Reconquistar que tentam direcionar para relações mais democráticas, mais humanas, mais éticas, portanto, menos autoritárias. O depoimento abaixo descreve essas posturas:

Bem, pelo menos desmistificar, tomar uma certa consciência dos fatos acontece. Eu já ensinei sala onde tinha só homem, no curso de Elétrica tinha apenas duas meninas. Até nessa questão, que no início as meninas, elas queriam fazer o curso, elas estavam lá porque queriam e acontece até caso de algumas meninas irem pro curso porque não tinha vaga noutra, mas elas queriam tá lá no curso, mas tinham medo. No início teve mais, assim, mas depois nós começamos a trabalhar o tema e elas ficaram engajadas, é tanto que tem mulheres... tinha mulheres fazendo eletricidade, mas é uma questão séria e as vezes eu fico até com medo porque o discurso é uma coisa e a prática é outra, até que ponto esses discursos que esses meninos estão desenvolvendo aqui eles tão praticando? Essa é uma incógnita que só o tempo irá dizer (educadora da Suplência II).

A preocupação expressa acima acerca da coerência entre o discurso e a prática desenvolvida pelos alunos que parecem realmente desenvolver um outro modo de encarar a realidade mediante as aulas de formação política, faz parte do processo ensino-aprendizagem e só pode realmente ser superada no cotidiano, com a observação das atitudes em diversas circunstâncias de convivência. Realmente não é fácil superar valores historicamente enfatizados por nossa cultura como o machismo, por exemplo, e achar que o pouco tempo que passam nesse ambiente educativo servirá para sua superação, mas pelo menos ajudarão a alertar para outras formas de encarar a realidade. O depoimento abaixo revela a expectativa do educador diante do que é trabalhado em sala de aula:

A consciência é uma coisa subjetiva e também ninguém é... constrói... enquanto as pessoas estão aí no mundo, elas não estão à parte do mundo, elas estão vivendo no mundo capitalista, elas estão vivendo no mundo totalmente individualista e elas fazem parte... elas estão inseridas nesse mundo, então elas estão tendo a oportunidade de ver o diferente, de debater o diferente e até se colocar a favor desse diferente, mas nada nos dá a certeza de que de fato, né, essa coisa vai aparecer na prática... é uma esperança que a gente tem (educadora da Suplência II).

Para complementar as idéias acima, abre um parêntese para as possibilidades, principalmente de resgate da auto-estima, desenvolvidas no trabalho diário do educador ou desse ambiente como um todo, acrescenta ainda que a integração do aluno na comunidade é uma espécie de condição para que os anos de aprendizado não fiquem para trás, perdidos nas relações sociais capitalistas, muito mais envolventes que os discursos articulados no âmbito dessa experiência. Argumenta que...

...é uma esperança e que a gente ver claramente aqui na figura das mulheres, né, colocam mesmo que antes não tinham ânimo nem coragem nem para pegar o ônibus pra sair, pra ir no centro da cidade e hoje elas já fazem isso, hoje elas têm alguma fonte de renda, elas são capazes de fazer alguma coisa, é um processo, agora eu pessoalmente acredito porque eles passam de um ano até dois anos porque quem faz Suplência II passa 1 ano aqui dentro e Suplência I passa dois anos porque faz Suplência I e Suplência II e se depois eles não tiverem engajados em algum movimento, na sua rua, na sua comunidade me parece que isso se perde, então eu sinto a necessidade de vê-los participando de alguma coisa extra a isso aqui, porque do contrário você fica.. é muito pouco no meio de uma coisa maior que sufoca, então é muito importante a gente tá em grupo porque esse grupo é que diferencia as pessoas, é você tá conversando, questionando, conversando com pessoas que pense mais ou menos parecido com você... isso é que faz você crescer, agora você ficar sozinho, isolado, se isolar... o menino fez um curso aqui, era um excelente aluno, avançou na discussão e tudo, pronto! Volta pra comunidade e não se engajou em nada, ficou só aqui no projeto... eu acho que o projeto tem que ter esse objetivo de fazer com que as pessoas se sintam encorajadas a participar dos Movimentos Sociais que existe nas ruas e nas comunidades em que eles moram (educadora da Suplência II).

Outra característica considerada positiva nas atividades vivenciadas no projeto diz respeito ao incentivo da expressividade oral. O aluno é estimulado no percurso de todas as disciplinas a se posicionar, a colocar suas idéias e trabalha aspectos como a timidez, o medo de falar em público, dificuldades de expressar o que pensa. Os alunos citam como contribuição o desenvolvimento desses aspectos... *eu tô aprendendo muito aqui, saber me comunicar porque*

nos outros colégios eles só tem essa forma de tá passando dever e não ensinam como se expressar e aqui essa oportunidade está sendo ótima pra mim (aluna da Suplência II).

CAPÍTULO V

1. O currículo como categoria central na compreensão do processo formativo

A idéia de construção desse capítulo surgiu pela necessidade de aprofundamento do capítulo anterior que possui um caráter mais etnográfico, ao priorizar as diversas vozes dos participantes da experiência educacional em estudo aqui. Portanto, a proposta de reflexão neste espaço é discutir mais teoricamente as pistas lançadas anteriormente acerca do processo formativo do Reconquistar, priorizando as concepções pedagógicas e os aspectos curriculares.

O destaque aqui como cenário da discussão são as relações entre a EP e a sociedade capitalista em suas inconstantes situações de poder, sempre pautadas pelas desigualdades econômicas e políticas e por lutas contra-hegemônicas. Nesse contexto, o que está em sintonia são as diretrizes teóricas e práticas envolvidas na educação por implicar escolhas intrinsecamente éticas e políticas, ligadas a interesses de determinada parcela da sociedade ou a superação desse aspecto tendencioso para apoiar uma *pedagogia da diferença* (cf. Apple, 1999).

Toda essa discussão envolve a percepção de que a educação está implicada na política cultural⁴⁵, “negociando” conhecimentos a serem tratados como legítimos, priorizando alguns em detrimento de outros, negando e afirmando valores, concepções. A referência a educação aqui não restringe somente a escola, espaço instituído com objetivo claro de educar, mas todo espaço onde se desenvolvem relações sociais, onde é possível discutir, debater ou disputar determinados saberes. O espaço educativo formal, de modo especial, aparece como lócus de reflexão neste estudo por comprometer maior parte do tempo dos indivíduos e por elaborar formas mais diretas ao tratar desses saberes, com métodos, instrumentos previamente elaborados, planejados e direcionados principalmente para a aprendizagem.

A legitimação de determinados saberes e o “esquecimento” de outros pode nos revelar as intenções pedagógicas de determinados construtos educacionais, indicando a serviço de que

⁴⁵ Termo usado por McLaren (1997) para caracterizar os modos particulares como o currículo se manifesta, seu potencial político e suas implicações culturais.

grupo se posiciona ou mesmo se está direcionado por uma percepção mais social e humana que procura democratizar as relações. Essas características presentes nos espaços sociais revelam algo extremamente importante acerca de quem detêm o poder na sociedade: sua articulação na busca da manutenção desse poder traz raízes bem complexas e voltadas principalmente para a educação.

Esta abordagem é direcionada pela teoria crítica da educação, dentro de uma perspectiva também crítica de currículo que tenta desvelar seu papel reprodutivista⁴⁶ sem esquecer, entretanto, que esse cotidiano está repleto de conflitos e contra-representações. Os grupos marginalizados culturalmente se formam quase sempre por meio de aspectos comuns como sexo, etnia, nacionalidade, classe social, entre outros e estão presentes tanto nos espaços instituídos como a escola, a Igreja, o sindicato, os partidos, como naqueles próprios do mundo vivido como a rua, os guetos, os grupos de amigos, enfim, numa luta cotidiana pela legitimação do que constroem, do que pensam, do que sentem, reconhecendo como parte de sua identidade.

Esse papel reprodutivista da escola não se resume a aspectos meramente econômicos, voltados para a formação do trabalhador, mesmo que estejam também ligados a eles, mas aponta para uma desapropriação maior, direcionada pela (re)significação de aspectos ligados a própria identidade, a representação social do indivíduo frente ao mundo, à comunidade onde vive, à sociedade mais ampla da qual “participa”.

As nossas instituições educacionais, muitas vezes, contribuem para a reprodução de valores ideológicos dominantes como, por exemplo, quando compartimentaliza os saberes em disciplinas estanques apresentando o conhecimento como algo fragmentado e desligado do mundo real, dificulta a compreensão acerca do todo social, intimamente articulado numa rede de saberes, ligados entre si. A experiência de EP discutida aqui, apesar de tentar superar os valores educacionais mais tradicionais termina acompanhando alguns princípios, principalmente àqueles ligados a sua organização, aos tempos e espaços instituídos pelas

⁴⁶ Os estudiosos que se destacam como defensores da teoria reprodutivista são: Althusser, Bourdieu, Passeron, Establet, Baudelot.

concepções tecnicistas, assim como a fragmentação do conhecimento, mesmo porque essa “dicotomia” referendada pela organização da escola é muito complexa por legitimar-se na própria formação docente e, em muitos casos, por ela determinada.

As lutas travadas nos espaços da escola, mesmo que silenciosas e pouco conflitivas são vividas e interpretadas, muitas vezes, como indisciplina, desinteresse, mas em outros momentos mais agressivas, aparecem expressas nas pichações, nas fugas da sala de aula, nos desafios a autoridade. Ainda são representadas na valorização dos momentos de prazer que podem estar ligados a aspectos pedagógicos mais progressistas ou aos intervalos, as conversas e formação de pequenos grupos. Nesses espaços o sujeito pode ser reconhecido pelo que construiu como seu ou do grupo, onde pode, ele mesmo, perceber-se como legítimo, além de constituírem-se nos momentos mais interessantes e agradáveis do ambiente escolar.

Dessa forma, podemos concluir que existem ligações entre o conhecimento formal apresentado pela escola e o conhecimento do mundo vivido, elaborado nas experiências sociais, trazidos tanto por alunos e professores como por todos que fazem a escola. Daí considerarmos também que a medida que os aspectos inculcadores presentes na escola vão se complexificando nas relações, pressionados pela própria complexificação da sociedade capitalista e, por outro lado, observamos que essas pressões são cada vez mais mediatizadas tanto pela instituição educacional, em sua singularidade histórica, como pelas subjetividades presentes nos sujeitos que ali participam, com necessidades também singulares, os objetivos e resultados serão cada vez mais contraditórios.

Este estudo cultural associado à educação vem sendo desenvolvido por muitos autores que discutem o papel da escola na sociedade capitalista, relacionando-a principalmente como aparato de reprodução desse sistema, tanto nos objetivos da formação que propõe, oferecendo uma formação mais ligada a técnica, buscando a “proletarização” das camadas desfavorecidas socialmente e à elite um conhecimento mais amplo, científico, definindo assim um leque de oportunidades, como também ideologicamente colaborando para a dominação quando, por exemplo, incentiva a passividade, o escutar em vez de falar, o “disciplinamento dos corpos” como discute Foucault.

Nesse contexto, cabe refletir acerca do papel da EP. Como essa escola aqui estudada, que propõe desenvolver práticas educativas pautadas pelas concepções da EP, se coloca diante dessas características? Qual o direcionamento que segue quando propõe trabalhar para a libertação daqueles que se sentem oprimidos, seja por questões sociais, políticas ou por questões pautadas pelos conceitos e valores encarados como legítimos em nossa sociedade? Ainda, como tornar legítimo os saberes populares constituintes de uma cultura que fica a margem da sociedade e, ao mesmo tempo, atuar para questioná-los, levando em consideração que esses saberes construídos nas práticas comunitárias também são formas “embrionárias” de conhecimento, estando, muitas vezes, ligados ao senso comum e voltados mais para a prática que para a teoria?

O interesse das práticas de EP deve ser de buscar uma proposta diferenciada daquela até então desenvolvida e reproduzida na sociedade, de disseminação e legitimação cultural baseada apenas no capital cultural de uma parcela dessa sociedade que domina na economia, na política e, portanto, procura dominar também no âmbito conceptual/ideológico, mesmo porque essa dominação subtende de um outro lado a opressão, objeto de luta das contra-representações, inclusive da EP, no sentido de superá-la.

A proposta de superação dessa realidade que oprime deve buscar uma *cultura comum*, não como inclinação a legitimar agora e somente o conhecimento dos que, até então, ficaram à margem da sociedade, mas criando condições para sua participação na formulação do que deve ser ou não legítimo enquanto valores, idéias, crenças (cf. Apple, 1999).

A complexidade das relações vividas em nossa sociedade e os instrumentos de controle desenvolvidos por parcela dessa sociedade são articulados nas teias construídas nos meios sociais e, portanto, difíceis de serem combatidos. Estão em toda parte, onde é possível desenvolver relações, construir comunicação, vivenciar encontros. São encontrados na própria linguagem, no vestir, no comer, no portar-se diante do outro, nas relações afetivas, na arte, em nossas concepções do belo, do bom, do mal, em tudo que somos ou deixamos de ser, na vida. Essas características são culturais e validamos ao longo da história um conjunto de idéias e

valores que não respondem aos anseios da maioria e até contribuem para sua exclusão social e política, para sua dominação econômica.

Entretanto, justamente por não preencher as necessidades de todos é que carrega consigo o fio da contradição, fio que pode desfazer os nós presentes na teia ideológica, que pode abrir espaço para as lutas e conflitos contra-hegemônicos, que deve impulsionar também os fazeres educacionais e permitir outras lógicas, criadas nas relações e participações, também, daqueles que não detêm o poder econômico. Este é também o papel da EP, permitir que os confrontos culturais existam e contribuam para a disseminação de um capital cultural mais autêntico e verdadeiramente comum, por ser construído na diferença e legitimado pela diversidade.

Pelas análises que os depoimentos de alunos, professores e coordenadores, apresentados no capítulo anterior, possibilitaram construir, não como verdades absolutas, mas como pistas interpretativas, parece interessante refletir acerca dos objetivos presentes nas práticas desses sujeitos. Esse ambiente propõe uma concepção educacional voltada não para a reprodução cultural das idéias que vem sendo construídas por uma parcela da sociedade, mesmo que apareça ainda a marca desse capital cultural, intrinsecamente arraigada em nossa história e, por isso, de difícil percepção, mas se coloca como contra-representações dando ênfase às necessidades de desconstrução dessa cultura para a construção de outra mais justa, tanto pela capacidade de participação daqueles que se encontram à margem da sociedade como pela valorização de seus construtos sociais.

As práticas dos educadores e alunos do Reconquistar representam não uma única lógica, mas lógicas diversas, marcadas pelas subjetividades de cada um, pelos desejos e concepções que, principalmente, os educadores, acreditam e defendem, não só no discurso, mas na prática. Percebe-se, ao longo da pesquisa de campo e mesmo no trabalho desenvolvido nesse ambiente como educadora, que existe uma diversidade de interesses. De um lado, dentro da formação básica, as atitudes são mais críticas e contestadoras da realidade social, de outro, na formação técnica essa característica se perde e o lado instrumental é priorizado, assim como se perde parte dos pressupostos da EP, claro, com algumas exceções, mas principalmente pelo tipo de atividade que cada um desenvolve e/ou aprendeu a fazer.

Essa diversidade pode ser considerada como positiva ao compreender que é possível para os alunos estabelecer o confronto, discutir essas diferenças e mesmo desenhar novos caminhos no entendimento da realidade. Entretanto, sem negar essa possibilidade, é preciso considerar a tendência que trazem de considerar como mais legítimas as bases culturais apresentadas pela sociedade mais ampla, presentes em seu cotidiano, seja no discurso e prática do professor, seja através da mídia, na Igreja, na rua, na família, enfim, existe uma pressão muito maior para que esses valores sejam reproduzidos e em menor grau as lutas para sua superação.

Evidencia-se aqui, como eixo central dessa reflexão, a cultura, fruto da experiência vivida que possibilita compreender as relações pedagógicas como fruto de um conjunto de experiências sociais e, portanto, construídas nos mais diversos ambientes. Dessa forma o cotidiano social escolar apresenta-se como tempo significativo para o encontro entre saberes, articulado pelo capital cultural da instituição (mundo sistêmico) em interação com o capital cultural manifestado pela experiência vivida (mundo vivido)⁴⁷.

2. O saber popular e o conhecimento curricular – as intervenções de uma contra-cultura

Os espaços escolares tornam-se uma espécie de construto social, de vida cotidiana organizada e planejada, ancoradas em teorias, mas também em práticas, experiências, numa *práxis* diária, por isso também escritos dentro de interesses múltiplos, pensamentos diversos, que tanto podem ser considerados como negados, tanto discutidos como desprezados.

As decisões tomadas na escola, nem sempre conscientes, mas sempre políticas estão ligadas ao fortalecimento ou enfraquecimento da organização social, principalmente porque essa organização está ancorada na divisão de classes, naqueles que participam mais diretamente, decidem e impõem seus anseios e idéias em detrimento daqueles que recebem, escutam e digerem esse “receituário ideológico”, sem a possibilidade de divulgar o que pensa, sente ou mesmo necessita em momentos de participação, mas o fazem em situações de conflito.

⁴⁷ Mundo sistêmico e mundo vivido são categorias de análise das relações sociais desenvolvidas por Habermas e que ajudarão na reflexão acerca das práticas culturais e produção de saberes dos sujeitos no cotidiano social, que aparecem inclusive explícitas nas relações desenvolvidas nos espaços escolares.

De outro lado, as escolas foram associadas às necessidades dos setores econômicos sob a perspectiva tecnicista e deixaram de lado a formação ampla do homem para direcioná-la a determinados setores, instrumentalizando para a força produtiva. Assim, a educação passa a estar associada não às necessidades espirituais do homem, mas às necessidades dos setores econômicos da sociedade capitalista. Esta realidade desloca o liame das idéias trabalhadas pela escola, que atendem a legitimação da cultura que domina, do nível das relações sociais cotidianas para as lógicas tecnicistas e instrumentais. Giroux & Simon, descrevem essas características:

De um lado, a reforma educacional foi associada aos imperativos das grandes empresas. Sob essa perspectiva, as escolas passaram a ser áreas de treinamento para diferentes setores da força de trabalho; passaram a ser vistas como provedoras dos conhecimentos e das habilidades ocupacionais necessárias à expansão da produção interna e do investimento externo. Essa ótica associa a escolarização às exigências de uma formação tecnocrática e especializada. Sua ofensiva é por natureza menos ideológica e mais tecnicista e instrumental (1999:93).

Então, só podemos entender que a pedagogia adotada pelos agentes da escola é uma forma de política e que está ligada a cultura por desdobrar-se num “mundo de representações”, de noções e valores, de idéias e atitudes e que para nós surge como condição de sobrevivência diante das relações com os outros e com a natureza, é, portanto, uma política da cultura ou como explicam Giroux, Apple, Simon e outros, ao desenvolver estudos sobre currículo e cultura: é uma forma de *política cultural*.

Ao ampliar as capacidades humanas de deslocamento na sociedade, tanto ao nível das relações como no enfrentamento das próprias contradições sociais, a escola aparece também como um ambiente onde homens e mulheres encontram espaço para desenvolver sua capacidade de intervenção social, na tentativa de superar sua condição de opressão, principalmente nas experiências de EP, cujo objetivo central é basicamente esse: contribuir na superação das condições de opressão de determinado grupo ou indivíduo.

O argumento maior que reafirma a EP como um caminho possível para a superação da problemática discutida ao longo desse texto, ou seja, o papel da escola diante de uma cultura legitimada socialmente e que não representa os interesses da maioria, mas de uma minoria que

detêm o poder econômico e político e que está presente no currículo aparente e mais forte ainda no currículo oculto, aparece explícito nos direcionamentos e teorizações dessa perspectiva educativa, representada principalmente pela concepção de que a valorização dos saberes populares, bem como a necessidade de questionar esses saberes junto àqueles que o produzem, na busca de organizá-los e (re)delineá-los, é condição para uma prática realmente direcionada por uma pedagogia crítica.

Uma pedagogia que realmente valorize os saberes construídos no cotidiano, nas práticas sociais, nos diálogos com os outros e com o mundo, nos valores discutidos e vividos na família, na rua, nos grupos, próprio das classes subalternas e, mais vivos ainda porque integrantes da cultura de uma grande parcela da sociedade, portanto, com maior representatividade, torna-se condição para que as situações de exclusão sejam vislumbradas como possíveis de enfrentamento e para que esses grupos encontrem no espaço escolar um olhar seu, único e ao mesmo tempo diverso, não para paralisar seu crescimento, mas para partir dele, de sua capacidade de produzir contra-cultura e mudar as relações produzidas por uma política cultural que parece não responder as suas necessidades na tentativa de construir novos valores, mais humanos e, sendo assim, mais urgentes porque mais coletivos.

O Reconquistar aparece com uma proposta pedagógica aberta a essa discussão e que destaca a importância de uma pedagogia crítica e reivindica espaço para as vozes, numa tentativa de não deixar calar, mas incentivar o discurso. Compromete-se, assim, com a organização das bases da subjetividade e da experiência do aluno, portanto, não deve deixar de lado sua formação mais ampla, voltada para o conhecimento construído pela humanidade, presente na História, na Matemática, nas Ciências, na Linguagem, mas também presente nas concepções éticas diante desses conhecimentos, nos valores e relações que devemos desenvolver com os outros e com a natureza, enfim, as idéias que movimentam nossas ações sobre no mundo. Giroux & Simon acrescentam:

Na verdade, é precisamente quando pedagogia e cultura popular se relacionam que surge a importante compreensão do significado de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico. A cultura popular e a pedagogia representam importantes terrenos de luta cultural que oferecem não apenas discursos subversivos, mas também relevantes elementos teóricos

que possibilitam repensar a escolarização como uma viável e valiosa forma de política cultural (idem:97).

A pedagogia que revoluciona as atuações docentes e discentes em sala de aula surge da integração, do diálogo, das estratégias de minimização das posições de poder, das formas mais democráticas de administração do tempo e do espaço, das propostas de avaliação que valorizam mais a produção do conhecimento que sua reprodução, portanto baseada não na competitividade, mas na solidariedade, nas propostas metodológicas que priorizam as discussões grupais, os acordos e, principalmente, a participação.

Se reportar o olhar para a realidade da sala de aula, às nuances que envolvem o trabalho pedagógico, compreende-se como as atividades ali desenvolvidas envolvem decisões constantes, tanto por parte do educador como do aluno. Estas decisões do educador vão desde as escolhas de qual conteúdo abordar, quais considerar menos relevante, como apresentar e desenvolver esses conteúdos, as estratégias de controle e de organização da turma, enfim, atitudes que caminham por aspectos didáticos e, também, àquelas que estão ligadas a aspectos relacionais. Para o aluno as decisões são mais instintivas e emocionais porque estão ligadas as reações, ao seu estado de espírito ou a interesses tanto individuais como do grupo.

Entretanto, dentro da EP, o que se pretende é organizar o trabalho pedagógico por outra lógica. Não mais baseada nessa dicotomia entre as escolhas, de um lado ligadas ao docente e de outro ao discente, mas no grupo como um todo, onde as decisões que envolvem o trabalho do professor são feitas com a participação também dos educandos, assim como as atitudes desses sujeitos diante das atividades desenvolvidas em sala de aula, também, serão discutidas pelo grupo.

Esse nível relacional, pautado pelo diálogo, não foi, ainda, totalmente alcançado nas atividades pedagógicas da experiência em estudo aqui, pelo menos no que concerne a participação mais direta dos educandos. Entretanto, o trabalho pedagógico é discutido entre o grupo de educadores e muitas escolhas configuram-se pela integração deste grupo, caracterizando-se como escolhas mais coletivas que individuais.

As práticas pedagógicas populares devem atuar, também, para desenvolver nos sujeitos o hábito de questionar a realidade, de desvendar os caminhos que as relações sociais capitalistas tentam percorrer, na tentativa tanto de interpretá-las como de fortalecer a luta para sua superação. Nesse sentido, o Reconquistar, principalmente, nas atividades desenvolvidas na Suplência e na Gestão, tentam constantemente trabalhar esses aspectos, buscando novos caminhos nessa luta contra a pobreza, na integração entre formação técnica, humana e, principalmente crítica.

Alguns pontos considerados relevantes dizem respeito a essa diversidade de atividades desenvolvidas no projeto com o encontro entre o técnico, o básico e a formação crítica, distribuídos em tempos diversos e seguindo uma carga-horária previamente planejada, baseada por vezes nas argumentações docentes e em direcionamentos do Conselho Estadual de Educação no que concerne a Educação de Jovens e Adultos, visto que a experiência foi aprovada por este órgão, o qual lhe confere o direito de certificar esses alunos, uma conquista de seus integrantes. As questões levantadas aqui se apresentam como pistas para uma reflexão mais demorada e estão fundamentadas em depoimentos de educadores e alunos apresentados em capítulos anteriores deste estudo. Esses depoimentos, apesar de não serem maioria, apontam para a necessidade de maior tempo no curso, principalmente para a formação básica e para as aulas de Informática, no intuito de realmente desenvolver estas habilidades com maior aprofundamento.

Assim, questiona-se aqui a integração das habilidades, visto que a proposta é que a interdisciplinaridade seja capaz de aproximar essas diferentes áreas de conhecimento para que cada momento pedagógico ali vivenciado se complementem e possam formar uma rede comum ou, pelo menos, aproximar as dúvidas e discutir os questionamentos que surgem. Entretanto, a interdisciplinaridade ainda é uma dificuldade para a maioria dos educadores e esta problemática acaba gerando outras como, por exemplo, as limitações no aprofundamento dos conhecimentos tratados na Suplência ou na Gestão ou, ainda, no próprio curso técnico.

Nesse contexto, entretanto, podemos encontrar pontos positivos já que a diversidade da formação termina enriquecendo o curso no que concerne as inúmeras oportunidades que

oferece, por exemplo, uma aproximação com a Informática, noções de Espanhol, uma formação política mais direta, a aprendizagem técnica e, portanto, a aquisição de uma profissão, e ainda, a oportunidade de dar continuidade a sua escolarização ao concluir o ensino fundamental.

A vida construída pelas camadas populares está repleta de incertezas em relação a situação econômica, a sobrevivência. Empenham-se na superação das condições de miséria em que se encontram e que se tornam complexas na ampliação das situações de exclusão não só econômica e política, mas também cultural. Na contraditoriedade das relações desenvolvidas nos espaços sociais empenham esforço, também, em sua integração social, principalmente através da superação do senso comum, por isso, também através da escola.

Esse grupo ver-se desprovido de legitimidade naquilo que construiu como experiência, diante de uma sociedade que não valoriza seu *mundo vivido* e enfatiza uma realidade distante da sua, o *mundo sistêmico*. O mundo vivido caracterizado pela vida cotidiana e ação comunicativa, pelas relações sociais desenvolvidas na comunidade, na família, no grupo de amigos, na rua e em outros espaços, e que produz saberes frutos da sociabilidade, das trocas, da interação. Segundo Damasceno:

Seja no meio social em que se estabelece o local comum de moradia, seja na família, a partir de sua inserção vão construindo uma identidade e formas de sociabilidade própria ao seu mundo vital. Esse mundo é um todo de sentido que vai se gestando num determinado tempo/espaço, onde compartilham a mesma visão de mundo, criam laços entre si no espaço da vida comum (2000:35).

Por seu turno o mundo sistêmico contrapõe a esses saberes uma lógica pautada pela racionalidade instrumental, pela técnica, numa interferência do sistema no mundo, organizado numa estrutura ideológica de automatização da vida social. Segundo Habermas (1988), estas duas dimensões da ação humana precisam estar integradas para que as relações tornem-se mais ricas e participativas. O mundo vivido, representado pela extensão dos saberes construídos nas experiências cotidianas não é suficiente na ação do homem sobre o mundo, tampouco o mundo sistêmico pode responder sozinho às necessidades sociais.

O mundo vivido, orientado pela ação comunicativa, categoria que expressa bem o movimento social na construção das experiências cotidianas, caracterizada pelo diálogo, pela linguagem, que leva ao entendimento entre as pessoas, a partir da argumentação e discussão, diferencia-se, portanto, do mundo sistêmico que se constitui numa racionalidade cerceada pelo poder, pela manipulação e controle e, mesmo assim, importante em outros aspectos como as possibilidades de crescimento científico e tecnológico, a ampliação racional da lógica que move nosso olhar sobre a realidade, os encontros com a produção cultural mais ampla. A existência do agir comunicativo representa a possibilidade de superação desse controle sistêmico sob o qual pauta as interações, no crescente poder que as intersubjetividades prescrevem.

Na reflexão acerca do potencial das experiências e, portanto, do mundo vivido, as contribuições dos estudos de Thompson são aqui destacadas, que apresenta a dimensão da experiência como negação das teorias que até então se referiam a absolutização do potencial reprodutivista da educação, que coloca a esfera política e econômica do capital como valor central do trabalho pedagógico. Segundo esse autor as experiências construídas nas práticas sociais participam da construção dos conceitos, por mais abstratos que sejam. Todo conhecimento surge no confronto entre empiria e teoria, em contato, portanto, com as subjetividades (cf. Damasceno, 2000).

Assim, esse autor apresenta uma visão mais ampla de cultura, onde a vida social não se configura apenas pela mediação sistêmica, planejada, articulada, e moldada pela hegemonia dominante, pela lógica da economia, mas recebe influência de uma cultura construída no cotidiano social dos sujeitos, desenhada pela experiência, pelas trocas e acordos. Assim, nenhum sujeito pode construir sua identidade individual e coletiva, claro em constante movimento porque não se cristaliza, sem o confronto dessas duas formas de entendimento social construídas nas relações com os outros.

Nessa perspectiva, cabe enfatizar que a necessidade de reorganizar as formas de interação entre o *mundo sistêmico* e o *mundo vivido*, pautada pelo conflito, pelas lutas contra-hegemônicas que procura cercear o poder de uma cultura que domina, é também uma ação

política. Essa ação política estende-se também a opção clara por essa integração, que considera as limitações das produções culturais advindas da experiência (mundo vivido), bem como nega a legitimidade de uma cultura desprovida de sentido social (mundo sistêmico), por não considerar viva a produção cultural das classes subalternas. Damasceno acrescenta:

Faz-se necessário, por conseguinte, captar a razão instrumental. Isso significa que as reflexões desenvolvidas no meio popular pelos seus atores e seus intelectuais orgânicos precisam superar a linguagem ordinária, as limitações da vida comum para a linguagem discursiva, a fim de entenderem, questionarem e combaterem também as ações funcionais do sistema (idem:37).

Os sujeitos engajados nos espaços escolares ou em experiências educacionais de EP, precisam reconhecer todos esses elementos aqui discutidos acerca das culturas e representações sociais em pauta na nossa sociedade, encarando-os como parte constituinte do currículo, portanto intimamente imbricados nas práticas pedagógicas, na tentativa, também, de encarar suas limitações, redefinir seus verdadeiros interesses e, portanto, repensar suas práticas numa atitude política de busca de uma maior consonância entre o que concebem, elaboram e articulam teoricamente com o que realmente realizam em suas práticas cotidianas.

CAPÍTULO VI

1. O significado do trabalho na perspectiva dos participantes do Reconquistar⁴⁸:

Fábrica

(Renato Russo)

Nosso dia vai chegar, teremos nossa vez,

Não é pedir demais: quero justiça.

Quero trabalhar em paz não é muito o que lhe peço.

Eu quero trabalho honesto em vez de escravidão.

Deve haver algum lugar onde o mais forte

Não consegue escravizar quem não tem chance.

De onde vem a indiferença temperada a ferro e fogo?

Quem guarda os portões da fábrica?

O céu já foi azul, mas agora é cinza.

E o que era verde aqui já não existe mais.

Quem me dera acreditar que não acontece nada.

De tanto brincar com fogo, que venha o fogo então.

Esse ar deixou minha vista cansada.

Nada demais.

Esse capítulo apresenta uma reflexão acerca dos sentidos da profissionalização para os integrantes do Reconquistar, os desejos de integração social construída com o trabalho, diante da garantia de renda mensal, principalmente frente ao contexto social redefinido hoje por uma série de fatores, tanto políticos como econômicos, que vem reorganizar a produção capitalista

⁴⁸ A experiência de educação aqui investigada desenvolve reflexões acerca do cooperativismo e trabalho solidário junto a seus integrantes como proposta de organização para superação da exclusão socioeconômica. Este tema não será discutido nesse estudo, entretanto será aprofundado no doutorado.

e como consequência também reorganizam outras relações sociais como àquelas ligadas a formação do trabalhador.

Nesse sentido, o significado que atribuem ao trabalho, bem como suas perspectivas de vida tornam-se elementos constituintes do currículo, principalmente nessa experiência onde a formação profissional constitui objetivo pedagógico e, em muitos casos, elemento principal de incentivo na busca da escolarização. Assim, faz-se importante caracterizar a sociedade contemporânea e as relações trabalhistas ali vivenciadas com o intuito de possibilitar certa compreensão acerca das atitudes e idéias desenvolvidas no cotidiano dessa experiência educativa.

O quadro socioeconômico que vai sendo desenhado por políticas neoliberais caracteriza-se pela globalização da economia, pela introdução de novas tecnologias nos modos de produção, embora aqui no Brasil isso ainda aconteça timidamente. Essa nova “roupa” que o modelo de produção passa a vestir diante de toda a lógica própria da globalização que, antes de tudo, amplia a competitividade e a exploração dos países ainda em desenvolvimento acaba enfraquecendo o mercado local, fechando as portas de muitas empresas, elevando o índice de desemprego e, portanto, o crescimento também de situações de opressão da população, seja pela exclusão do mercado de trabalho, seja pela desregulamentação e precarização das atividades em que se integra.

A sociedade que enfrentamos⁴⁹ hoje, vem ao longo dos anos sendo pautada por crises que caracterizam o sistema capitalista num movimento que vai do conflito a situações mais estáveis, fortalecendo-se pela mediação de agentes que atuam para garantir o equilíbrio de suas estruturas. No entanto, observamos que a crise estrutural por que passa o capitalismo hoje se configura em maior complexidade e, portanto é geradora de maior caos social que vem se materializando na exclusão. Nessa nova redefinição as relações desenvolvidas pelo mercado, em certa medida, passam a negar as bases necessárias a sua própria sobrevivência, ou seja, o

⁴⁹ Utilizo esse verbo porque é o que melhor expressa as relações que fazem essa sociedade. O enfrentamento de situações cotidianas na busca pela sobrevivência.

trabalho, que se define como produção da existência do homem, de sua sobrevivência e que, ainda, se constitui na razão primeira (não a única) de tudo construído na sociedade.

Assim, o sistema passa a tirar das pessoas que compõe a classe menos abastada da sociedade ou pelo menos de uma grande parte desse grupo, a oportunidade de garantir até mesmo sua subsistência através do trabalho, o que vai produzindo o crescimento da violência, de ações ilícitas, da insegurança e, portanto, o desequilíbrio social. Poderíamos então ampliar nosso olhar sobre esse processo e concluir que mesmo não necessitando do trabalho do homem como antes, o capitalismo não sobrevive sem ele, visto que a forma de existência humana – o trabalho – gera a forma de existência daqueles que lucram com esse trabalho, e que se vêem aprisionados numa sociedade onde as relações são tensas e imprevisíveis.

O Estado, grande mediador dessas relações, procura formas de superar esse desequilíbrio social para garantir a supremacia do capital, tanto com a utilização de forças repressoras como estimulando programas sociais voltados para a redução da miséria, de maneira fragmentada e paliativa, mas que aparentemente pode significar uma maior participação da sociedade civil nas políticas governamentais com o chamado terceiro setor.

O trabalho é o meio pelo qual se gera renda, seja em qualquer nível de classe social, mas as relações desenvolvidas no mundo do trabalho tornaram-se mais complexas e suas estruturas não são mais como antes, onde somente aquele que detinha os instrumentos para a produção controlava o trabalho e seu produto final, organizando as funções e os tempos do trabalho. O conhecimento passa a representar um forte instrumento para o avanço da produção e passa também a definir os rumos do trabalho e sua organização, configurado no avanço tecnológico que se insere nos meios de produção e supera os limites que antes eram visíveis na organização fordista/taylorista⁵⁰, no entanto o capitalismo se redefine ainda como um sistema perverso de exploração e ainda mais excludente. A máquina que move agora esse sistema é o conhecimento, a capacidade de inovar cientificamente as molas da produção, portanto os papéis se redefinem.

⁵⁰ Essa organização do trabalho fabril estrutura-se com base no trabalho parcelar e fragmentado, na decomposição de tarefas e num conjunto repetitivo de atividades que surgiu na produção de veículos e que serviu de modelo para outras organizações produtivas.

O trabalhador (operário) pensado por esse mercado, ao invés de executar tarefas repetitivas e sincronizadas como anteriormente se esperava no modelo fordista/taylorista, hoje deve caracterizar-se pela criatividade, autonomia e excelente qualificação, entre outras características. As exigências das atividades que irá desenvolver deverão impulsionar, também, processos de “reciclagem” permanente e, sobretudo, um nível intelectual mais alto e flexível em face de um mercado tecnológico em constante mudança. Claro, não se pode homogeneizar essas expectativas do mercado a todos, mesmo porque o sistema não necessita mais desse grande número de trabalhadores, visto que o poder da tecnologia irá “economizar braços humanos” e, portanto, contribui para gerar desemprego.

A sociedade do conhecimento configura-se no acelerado processo de produção científica necessária ao mercado capitalista e que cresceu com o processo de globalização. O novo tipo de organização industrial está baseado em tecnologia flexível que são a microeletrônica, a informática, novas fontes de energia, etc., representando também novas categorias, como: flexibilidade, participação, trabalho em equipe, competência, competitividade, autonomia, espírito crítico, entre outras (cf. Frigotto, 1999).

Na região do Grande Jangurussu, onde se insere a experiência de educação aqui estudada, a população apresenta um patamar de desemprego⁵¹ bastante alto acrescido ainda de outro aspecto que foi a desativação do lixão, visto que muitas famílias sobreviviam da prática de catar o lixo e vender esse material para a reciclagem. Essa região, durante muitos anos, recebeu o lixo de Fortaleza num grande aterro sanitário hoje desativado pelo esgotamento do solo e por outras questões ambientais. Uma educadora do Reconquistar descreve as condições da população que vive nessa região periférica de Fortaleza...

...a maioria do nosso povo, principalmente aqui do Grande Jangurussu não tem emprego, a maioria estão no mercado informal e outros nem nesse mercado informal estão, estão mesmo sem trabalhar, sem fazer coisa alguma e isso cria uma ociosidade que me parece também a causa do auto índice de violência, as pessoas estão sem trabalho e entram no mundo da violência e da marginalidade (educadora da Suplência II).

⁵¹ No capítulo I desse estudo alguns dados referentes a taxa de desemprego são apresentados, onde apenas 17% da PEA encontra-se no mercado formal, 49% no mercado informal e 34% desempregada.

Todos esses fatores nos encaminham para uma discussão que se torna indispensável – o papel da educação nesse novo quadro socioeconômico. Assim, para direcionar nossa reflexão podemos identificar hoje várias funções nomeadas à escola, dentre elas destacamos: a formação instrumental para o trabalho, a formação intelectual, a formação política/cidadã e a integração social. Àquela que se apresenta à classe trabalhadora como caminho, direciona para uma formação mais instrumental, menos intelectual e menos ainda política. Essa colocação reflete a divisão no setor educacional, que se faz não só no âmbito organizacional, mas, sobretudo no conteúdo do próprio trabalho educativo. O ensino privado, proposto às classes mais abastadas da sociedade está preparando também para o mercado, mas para posições mais elevadas, de dominação no mundo do trabalho, para funções intelectuais, enquanto para os setores populares as carreiras profissionais são mais restritas e poucas parcelas desse meio conseguem alcançar patamares considerados elitizados, tanto pela intelectualidade da profissão, quanto pelo fator remuneração e outros benefícios.

As exigências desse novo modelo econômico se fazem também à educação, no que concerne a preparação do capital humano dentro das categorias acima apresentadas. Esses fatores representam um desafio colocado ao Estado – ampliação das oportunidades educacionais e redefinição do próprio processo de ensino, conseqüentemente ampliação e qualificação dos profissionais da área educacional.

Nesse contexto, aspectos ligados aos significados do trabalho para os participantes do Reconquistar podem apresentar pistas acerca das motivações que impulsionam a busca por escolarização, pela formação profissional e, ainda, caracterizar as expectativas de vida, os sonhos e necessidades dessas pessoas.

2. O cotidiano do trabalhador e seus projetos de vida:

As atividades realizadas na pesquisa de campo, além de conversas informais, entrevistas individuais e observação, enfatizaram também discussões grupais que enfocam diretamente

reflexões sobre os sentidos do trabalho. Essas discussões grupais⁵² foram organizadas a partir da letra da música Fábrica, apresentada no início desse capítulo, que incentivou o debate e a expressividade dos participantes. Com o grupo mais jovem foi utilizado um *video clip*, onde apareciam jovens relatando suas perspectivas futuras com relação ao trabalho.

Dentre os depoimentos apresentados nesses momentos de reflexão *a sobrevivência* foi o argumento mais utilizado. A maioria dos participantes demonstrou interesse no trabalho pela necessidade mais imediata e essencial que é garantia de vida: a alimentação, sempre apresentando a família como incentivo primeiro na busca por trabalho. Outras necessidades também foram relevantes como a moradia, as vestimentas, o estudo e a integração no grupo.

Os educadores apresentam o trabalho como fator essencial na construção da dignidade e tratam essas questões no cotidiano pedagógico, principalmente nas aulas de Gestão. Ampliam essa discussão quando se referem à realização pessoal através da profissão, seja pela possibilidade de concretização dos sonhos ou no prazer que o trabalho pode proporcionar. Entretanto, caracterizam o mundo do trabalho como problemático, tanto pelas relações desiguais ali desenvolvidas, como por sua precarização:

Eu acho que o trabalho dignifica a pessoa, o trabalho, ele faz com que a pessoa se realize, ele faz com que as pessoas consigam concretizar seus sonhos, sua vida, atingir até mesmo seu objetivo profissional, agora não esse trabalho que a gente vê aí, trabalho precarizado, né, um trabalho que, em sua maioria paga salário mínimo, onde as pessoas só fazem realmente viver mesmo! (educador da Suplência I).

A dignidade de que fala os educadores é também enfatizada nos argumentos discentes, principalmente quando representam o trabalho como possibilidade de integração social, destacando que garante *a sobrevivência, a valorização da pessoa dentro do grupo, a independência, uma ajuda na renda familiar, a segurança, uma vida digna, igualdade, respeito* e acrescentam *que ter uma profissão é viver melhor* (alunos da Suplência II).

⁵² Esses momentos foram descritos mais detalhadamente em capítulo anterior desse estudo ao descrever a metodologia.

Dentro do núcleo familiar o trabalho dos pais passa a representar uma maior integração e condição para que os outros membros desse grupo, especialmente os filhos, desenvolvam suas potencialidades através da educação formal. Os responsáveis diretos pela subsistência da família, os pais, desdobram-se para facilitar a vida de seus filhos que em condições de miséria são convocados pela necessidade a procurar meios de subsistência, seja através do trabalho ou de outras estratégias, deixando a educação formal em segundo plano. Assim, o trabalho representa para esses sujeitos, também, uma possibilidade, mesmo reduzida, de superação da sua situação de miséria:

O trabalho significa para nós melhorar de vida, sem o emprego passamos bastante dificuldade, como podemos viver se não tiver o trabalho? Se a gente não tem renda nenhuma! Se não tivermos um emprego como podemos educar nossos filhos? Com um emprego tudo se torna mais fácil (alunos da Suplência I).

Apesar de confiar na educação como uma possibilidade de mudança social e econômica, tanto educadores como alunos reconhecem que existe uma série de fatores que também influenciam e que não é somente um curso ou um certificado que vai garantir um lugar no mercado de trabalho. Entretanto, acrescentam que a competição cresceu e, portanto, a qualificação profissional ou a formação escolar pode fazer diferença: *tem muitas pessoas que terminaram os seus estudos e que tem suas experiências comprovadas na carteira, mas mesmo assim estão fora do mercado. Mas, sem estudo fica mais difícil ainda, por causa da concorrência (alunos da Suplência II).*

- Projetos de vida e profissão...

Quando a reflexão caminha pelos projetos de vida desses sujeitos percebe-se que a grande maioria dos depoimentos está ligada ao trabalho, a necessidade de estabilidade financeira direciona os desejos para a aquisição de um emprego “seguro”, com carteira assinada, que garanta uma renda mensal e, assim, certo equilíbrio familiar e social. Como exemplo o depoimento abaixo pode ser destacado:

Nunca tive a sorte de trabalhar em indústria. No tempo que eu tirei a carteira profissional no interior, a minha irmã também tirou, hoje ela é empregada e tem carteira assinada. Eu nunca assinei minha carteira na vida. Está lá

guardada. Eu sempre vivi em casa trabalhando para os filhos, o marido. Eu trabalhei pouco tempo em casa de família (aluna da Suplência I).

Outros depoimentos já enfatizam o desejo de montar seu próprio negócio, de trabalhar por conta própria e assim organizar seu tempo numa atividade que lhe garanta estabilidade, mas ressalta que a falta de verba para iniciar e ampliar sua pequena empresa é o principal obstáculo: *eu gostaria de trabalhar para mim... eu trabalharia numa firma um ano e ia juntando dinheiro para montar um negócio para mim. Eu já trabalho para mim porque eu faço minhas roupas, peças íntimas, se tivesse uma verba ia melhorar (aluna da Suplência I).*

Uma aluna ao revelar seus planos para o futuro apresenta o desejo de uma posição mais elevada no mundo do trabalho, de ocupar um cargo mais ligado ao trabalho intelectual, e uma característica bem marcante que aparece nessa entrevista é a tentativa de justificar esse sonho, de passar para o ouvinte que está “sonhando alto”, mas que merece pelas dificuldades que já enfrentou na vida e pelo esforço que está fazendo hoje para adquirir conhecimento. É como se essa oportunidade não lhe fosse permitida porque é pobre ou porque não ver reconhecida sua capacidade...

...então a minha vontade é de trabalhar assim numa firma, porque eu sempre penso alto, meu marido diz: menina o que é isso, tu pensa muito alto... porque quando eu for pra uma firma eu quero ir pra um cargo importante.... certo que a gente começa de pouquinho, né... de pequeno e ir subindo, né, mas eu já sofri tanto, só tendo filho, só em dificuldade, aí esse estudo ele me incentiva muito assim, nesse termo, pra eu querer aprender mais, assim... toda reunião, alguma coisa que tenha no projeto eu tô lá que é pra aprender também, sabe... como se expressar, eu gosto muito de falar, eu gosto muito de escrever, a minha vontade é essa: de participar de alguma coisa, de trabalhar... (aluna da Suplência II).

Essa dificuldade de perceber que a situação de exclusão não é responsabilidade sua, mas de todo um sistema desumano que divide a sociedade em classes é comum e faz parte do mundo ideológico do capital que sustenta o desequilíbrio social e estimula a baixa auto-estima daqueles que formam as classes desfavorecidas de nossa sociedade, por reforçar sempre que a pobreza é gerada pela incapacidade dos sujeitos de garantir condições favoráveis de vida ou pela desvalorização do trabalho, como se o ócio fosse uma escolha para esses indivíduos.

Esse sentimento de incapacidade gerado pela exclusão é reforçado nas exigências dos espaços de trabalho, numa nova concepção capitalista de trabalhador expressa no conceito de empregabilidade que dita aos indivíduos o que devem ser ou como devem se preparar para essa nova realidade. Segundo Silva,

o conceito de empregabilidade desloca a responsabilidade do desemprego da estrutura social e econômica para a pessoa que busca trabalho. “Seu emprego depende unicamente de suas qualificações”, isto é de seu grau de “empregabilidade”. Mais do que uma simples noção, “empregabilidade” é uma forma de transformação da subjetividade, da identidade [grifos do autor] (1999:80).

Essa descrição do trabalhador ideal não fica apenas no mundo ideológico, mas toma forma diariamente na realidade social do trabalhador, nas várias situações vividas na busca de emprego, nas solicitações das empresas e no reconhecimento do grupo diante da ampliação de seu *currículum vitae*.

Ao serem questionados acerca da realização profissional, do desenvolvimento de atividades que realmente lhe dão prazer enfatizam a importância desse aspecto afirmando que quando se trabalha naquilo que gosta a tarefa é melhor realizada e com maior satisfação. Entretanto, entre a remuneração e a satisfação pessoal a maioria escolheria uma atividade que lhe garantisse maior poder aquisitivo em detrimento daquelas que fossem mais prazerosas. Nesse sentido destacam-se os argumentos abaixo:

É até um pouco difícil responder porque hoje em dia a sociedade se tornou muito materialista. Aí, o trabalho se torna não tão prazeroso, mas mecânico, mas você tem que sobreviver, você tem que arranjar dinheiro pra comprar alimentação, pra pagar a escola do seu filho, pra você se vestir, aí se tornou algo mais... até um certo ponto você se tornou escravo do trabalho. Antigamente... é... houve épocas que a gente trabalhava por prazer, você tinha prazer de chegar no seu trabalho, fazer aquilo que você gosta, hoje em dia nem sempre você faz o que gosta, você tem que fazer o que lhe dá dinheiro. O problema é esse! (aluno da Suplência II).

Embora bem mais reduzidos alguns depoimentos ficaram firmes no propósito de optarem por um trabalho que fosse prazeroso, mesmo com uma remuneração menor. O argumento recai sobre a importância do trabalho na construção da identidade, de sentir-se pertencendo a um grupo, sentir-se útil, que implica também num resgate da auto-estima.

Bom, eu vejo assim, não é só a questão de sobrevivência, no meu ponto de vista não, é ter aquele prazer de chegar o meu horário de trabalhar e falar eu vou trabalhar, porque eu tô fazendo uma coisa que eu gosto, né. Está sendo muito bom pra mim... é um espaço onde eu tava em casa sem fazer nada e agora não, eu tenho aquele horário certo de dizer eu vou pro meu trabalho e lá eu vou ensinar, eu vou aprender também e é muito legal, preenche minha tarde toda e eu gosto mesmo (aluna da Suplência II).

Questões ligadas a gênero também direcionam os sonhos para a aquisição de um trabalho. Para as mulheres o trabalho passa a significar a liberdade e, de certa forma contribui para sua emancipação. São, principalmente os filhos e o desejo de satisfazer suas necessidades que, em sua maioria, impulsionam as mulheres na busca por trabalho. Assim, diante de sua condição de pobreza e do crescimento do desemprego, o trabalho, mesmo àqueles que garantem baixa remuneração, significa *riqueza*, certa liberdade de consumo e, por isso, na imediatividade do seu discurso o trabalho passa a ser *tudo* que deseja.

Eu tenho vontade de trabalhar para possuir as coisas. Eu vivo tão humilhada. Se eu pedir 1 real para o meu marido ele vem me perguntar para o que é. E eu trabalhando, pegando no meu dinheiro, eu compro roupa, calçado para os meus filhos e para mim, sem ter que pedir para ninguém, sem ter que me humilhar. Quem tem trabalho é rico. Quem tem dinheiro compra o que quer. Não penso que devo está esperando pelo marido, eu trabalhando teria tudo. O trabalho é tudo [grifos meus] (aluna da Suplência I).

- As necessidades impulsionam a busca por trabalho:

Em todos os depoimentos colhidos nas entrevistas individuais e nas discussões grupais o trabalho vem sempre vinculado as necessidades mais imediatas, marcadas ainda pela presença da família. As mulheres relataram em voz uníssona a necessidade de vestir e educar os filhos e os homens direcionaram mais para questões ligadas a alimentação e moradia. Como numa distribuição de papéis, o homem procura emprego que possa suprir, principalmente, as necessidades mais prementes como a alimentação e, muitas vezes, as dificuldades são tantas que essa tarefa não é cumprida com satisfação.

Para a mulher a preocupação com a aparência dos filhos é também importante, pois pode garantir sua permanência no grupo, bem como o estudo pode ajudar na superação de sua condição social. Essa realidade estimula, muitas vezes, a busca por um espaço no mercado de

trabalho ou sua inserção numa atividade que lhe possibilite gerar renda e, para isso, divide seu tempo entre o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e o trabalho fora do lar: *o meu desejo é que meus filhinhos também andem direitinho e que estudem. Eles andam tão maltrapilhos, olho para eles e não posso dar um jeito. Com o trabalho a gente pode comprar uma roupa melhor, um calçado melhor para se apresentar bem nos cantos* (aluna da Suplência I).

Antunes (2001), discute a questão do tempo de trabalho e do tempo livre na sociabilidade contemporânea, enfatizando a redução da jornada de trabalho como saída para minimizar o desemprego estrutural que atinge o mundo do trabalho, visto que possibilitaria o aumento de outros postos de trabalho criando maior oportunidade dentro do mercado, mas que vai além desse problema imediato porque diz respeito a organização do tempo de vida dos indivíduos atuando como controle e disciplinamento, *impossibilitando uma vida cheia de sentido dentro do trabalho e portanto uma vida também desprovida de sentido fora do trabalho*.

O que Antunes despertou na reflexão que aqui se desenvolve é: que sentido pode ter o tempo livre gerado pelo desemprego se não há o trabalho para oportunizar-lhe sentido? Claro, o tempo livre que Antunes se reporta não é o tempo desprovido de trabalho, mas o tempo gerado pela redução dessa jornada, não necessariamente implicaria na redução da produção, mas na ampliação do mercado a outros sujeitos sociais. O que tento entender e aqui levantar como argumento é que o sentido do trabalho está tão ligado a sociedade construída no consumo, organizada pelo mercado e pelo capital, que a exclusão dos sujeitos desse espaço passa a significar maior aprisionamento e limitação de vida do que sua participação nos espaços de trabalho, mesmo apresentando-se como reguladores e autodisciplinadores do tempo.

Essa luta pelo direito ao trabalho deve ampliar-se também na luta pela redução da jornada de trabalho sem que signifique a redução de salário ou a utilização do tempo livre *em tempo para o capital*, onde os trabalhadores são direcionados a formação, a capacitação para garantir um lugar na competição gerada pelo mercado. O tempo livre do trabalhador deve somente a ele competir organizar, seja para deleitar-se por meio da arte, da leitura, da música, ou mesmo no próprio ócio, mas que voltada para uma formação omnilateral somente poderá existir se em

conformidade com suas aspirações e desejos, em formas originais de sociabilidade organizadas pela integração entre *liberdade e trabalho* (idem).

Nesse contexto, o trabalho passa a significar o meio pelo qual a vida exterior a ele toma corpo, organiza-se, existe enquanto grupo, até mesmo na garantia da identidade coletiva. O desemprego ou a desapropriação do trabalho, vivenciada pelo trabalhador, gera um sentimento de incapacidade, que limita suas possibilidades sociais dentro do cotidiano relacional sobre o qual pauta-se. É a luta pela integridade, pelo reconhecer-se capaz de manter a si e a sua família dentro de certo equilíbrio, levando o trabalhador a tomar para si a responsabilidade da miséria, da exclusão: *eu queria trabalhar para comprar uma roupinha para eles para quando for sair eles saírem bem arrumadinhos, parecendo filho de gente certa, que trabalha para manter os filhos como deve ser* [grifo meu] (aluna da Suplência I).

Em meio a essa crise materializada no desemprego, no crescimento da pobreza e na exclusão social, muitas estratégias são articuladas no mundo da informalidade para garantir alguma renda. Dentro da família todos são chamados a contribuir. Em muitas situações a mulher, por exemplo, organiza com criatividade seu cotidiano e passa a direcionar seu tempo livre em alguma atividade informal como vender produtos de beleza, trabalhar como manicure, *costurar para fora*, fazer alguma faxina, entre outras tarefas que possam lhe garantir algum recurso. O depoimento abaixo descreve essa realidade:

Eu vendo produto da marca Avon. Eu faço as minhas coisas... costuro pra fora, faço umas calcinhas para vender. Eu estou guardando algum dinheiro para comprar alguma coisa que a gente sempre precisa no final do mês. O homem ganha só um salário mínimo. Ele trabalha numa firma de plásticos. Mas só com minhas coisas não está dando muito porque eu estou sem dinheiro para comprar o material, a gente vende para receber no final da semana, da quinzena, às vezes no mês e quando a gente recebe está é devendo tudinho. Às vezes eu compro elástico, elas me vendem para pagar no final da semana quando vou receber eu passo para elas. O lucro é muito pouco, mas a gente chega lá (aluna da Suplência I).

- Divisão social do trabalho

A conversa que desenvolvemos com os sujeitos, ainda nas discussões dentro do grupo, procurou explicitar também as dificuldades sentidas por eles na busca de emprego. Foi

possível perceber que questões relacionadas a formação, gênero, etnia, faixa-etária e mesmo a aquelas ligadas a estética foram abordadas.

Nos depoimentos iniciais notou-se uma tendência em enfatizar somente o discurso da qualificação, da competência, mas à medida que a reflexão foi sendo aprofundada, as idéias foram tornando-se mais diversas, mais críticas e as várias formas de discriminação foram sendo apontadas. Talvez, pela presença marcante da mulher nos grupos, principalmente na Suplência I, os argumentos caracterizaram o mundo do trabalho, principalmente como machista, pois, segundo o grupo, não oportuniza as mulheres espaço para que demonstrem sua capacidade e competência.

O depoimento em destaque abaixo demonstra a angústia da mulher nas atividades que a ela são conferidas e que, nas mais diversas ocasiões amplia sua jornada de trabalho por ter que se desdobrar entre as tarefas domésticas e as atividades externas que desenvolve para ajudar na renda familiar: *eu queria ser mesmo é homem, porque só faz um serviço, não tem esse negócio de cuidar de menino, de lavar prato. Eu queria trabalhar em um serviço só e com carteira assinada, esse negócio de trabalhar num fogão, lavando roupa, cuidando dos filhos...*(aluna da Suplência I).

Essa dupla jornada contribui para desestimulá-las na continuidade dos estudos. Ao ser questionada acerca do ingresso no ensino médio uma das alunas apresenta dificuldades que vivencia em seu cotidiano doméstico e que se constitui em obstáculos a sua formação ao concluir o ensino fundamental no Reconquistar. Descreve seu dia-a-dia em momentos pontuais, centralizando sempre as atividades domésticas como referência na organização do seu tempo:

Agora por enquanto não vou fazer o 2º Grau não, porque a minha vida já tá muito corrida, sabe...eu chego daqui do projeto e vou organizar a casa, fazer almoço pra mandar o filho pro colégio, quando eu termino já é bem na hora de tomar um banho, trocar de roupa e ir trabalhar, chego em casa e ainda vou fazer janta, organizar a casa outra vez, por isso que por enquanto não, ou eu preencho só com o trabalho ou eu preencho só com o estudo, eu tô vencendo os dois agora numa batalha só, mas eu tô chegando lá (aluna da Suplência II).

Acrescidos a essas dificuldades, que parecem ser exclusivamente femininas, pelo menos na maioria dos casos, os alunos têm consciência que as chances de emprego além de não serem elevadas, principalmente com o crescimento da competição, são mais reduzidas ainda às mulheres que sofrem exclusão por questões de gênero: *a mulher não tem o mesmo direito que o homem no mercado de trabalho, sempre é mais discriminada, ou porque pode engravidar ou pela responsabilidade de cuidar dos filhos* (aluna da Suplência I). Entretanto, os alunos reconhecem que já houve certa mudança quanto a essas questões e muitas mulheres hoje já conseguem desenvolver uma carreira profissional e participar de atividades que antes só eram masculinas, assim como o homem também passou a trabalhar em postos eminentemente femininos para nossa cultura.

A gente quer representar a discriminação da mulher no trabalho, no mundo de hoje, né, a mulher tá conquistando pouco a pouco o espaço dela, né, que nem essa daqui (gravura) ela já é um piloto de aviação, essa daqui trabalha nos bombeiros, já conquistou o espaço dela, de trabalho, tá ocupando uma vaga que antes só era pro homem, que nem o homem aqui (gravura de um cozinheiro) ocupando uma vaga que era só pra mulher. Ele já tá fazendo o que só era pra mulher, o homem já pode também trabalhar em cozinha (alunos da Suplência II).

Outra questão bastante discutida e que foi citada tanto pelos mais jovens como pelos adultos refere-se a exclusão pela faixa de idade, de um lado se você é jovem e ainda não conseguiu experiência de trabalho as portas se fecham e ainda se já apresenta uma idade acima de 35 anos as oportunidades também são muito reduzidas. Os participantes retratam essa realidade como fruto de preconceito e discriminação:

E aqui é uma fábrica, uma indústria de trabalho (gravura), onde tem uma pessoa idosa, que teve a chance de tá aqui nem sei porquê, porque eles não dão mais chance pros idosos, eles não tãem nem aí pra idoso, já passou dos 35 anos, já não tem mais chance de trabalho, fica como uma pessoa inválida, não serve pra nada. Têm pessoas que são discriminadas porque são jovens e se não tiver um bom estudo ou experiência, algum tipo de trabalho ou algum estágio não tem chance (alunos da Suplência II).

Consideram a escolaridade fator importante na aquisição de um emprego... *a escolaridade é importante, como a gente colocou aqui na gravura, muitas pessoas ficam sem trabalho e ficam dessa maneira porque não têm estudo*. Entretanto, reconhecem que *têm muitas pessoas com estudo e experiência que não conseguem um trabalho*. Assim, citam também como problemática, questões raciais: *o preconceito, uma pessoa negra quando chega atrás de um*

trabalho, as vezes é discriminada; o preconceito também contra os deficientes, as pessoas deficientes hoje também têm com dificuldades de arranjar trabalho no mercado; e terminam levantando argumentos que enfatizam a importância da aparência e habilidade na comunicação... a gente colocou também a aparência, que hoje eles têm exigindo muito a aparência da pessoa e o modo de falar, de se comunicar (aluno da Suplência II).

- Educação e trabalho

A discussão sobre os sentidos do trabalho adentrou também nas idéias que esses sujeitos possuem acerca das relações entre educação e trabalho. Não foi preciso indagar sobre esses aspectos, visto que eles naturalmente fluíram nos discursos.

A educação por eles compreendida como escolarização ou formação profissional está diretamente vinculada com as possibilidades de emprego... *se eu arrumar emprego não ia estudar, ia era trabalhar. Mas, se o patrão exigir estudo vai dificultar a vida da gente. Eu gosto de estudar, mas estou apressada em trabalhar (aluna da Suplência I).*

Em se tratando da valorização entre o curso técnico (formação profissional) e a escolarização há uma tendência a se valorizar mais o aprendizado profissional, impulsionada pela necessidade imediata que é conseguir um emprego... *se eu tiver o estudo e não tiver a profissão eu não arrumo emprego, e com a profissão, mesmo que eu não tenha o estudo eu arrumo emprego. Eu conheci gente analfabeta que têm emprego (aluna da Suplência I).*

Os educadores demonstraram perceber que a motivação maior da presença de muitos alunos no Reconquistar é a busca da profissionalização, mediante sua situação de desemprego, e que muitos participam da Suplência porque existe essa integração entre os cursos no que concerne a carga-horária e, por isso, apresenta-se como obrigatório. O depoimento abaixo acrescenta ainda que mesmo quando valorizam a Suplência, muitos o fazem também em função das exigências do mercado de trabalho:

Não é só pelo técnico, eles também estão pela Suplência, mas muitos deles seguram a Suplência por causa do técnico, por que o que eles falam é que ao terminar o técnico com a 8ª série vai facilitar a entrada deles no mercado de

trabalho, tem um aluno que esteve me falando agora, um mês antes das férias, tinha inscrição pra uma empresa aí de eletricidade da Coelce, uma prestadora de serviço, ele foi fazer inscrição e ele não pôde porque ele não tinha o ensino fundamental completo, então ele chegou aqui falando pros alunos, dizendo que é preciso porque as empresas não aceitam mais, então isso dá um incentivo pra eles terminarem a 8ª série e a partir do momento que eles vão indo atrás de emprego e vão descobrindo isso, aí dá um incentivo pra concluírem o ensino fundamental (educadora da Suplência I).

Ao referir-se a educação em outros momentos de seu discurso os alunos argumentam ainda que mesmo já possuindo emprego a escolarização pode proporcionar-lhes um cargo melhor, o crescimento dentro da empresa, portanto, melhores condições de vida. Assim relatam...

...tô como zelador lá do shopping, mas eu pretendo melhorar de cargo, porque você estudando, você tendo esforço é possível, como o subgerente já falou lá: quem tivesse estudando, quem tivesse fazendo um curso profissional, dava um negócio melhor pra gente futuramente, tirava lá de dentro mesmo, da zeladoria pra botar em outro coisa melhor... interessado eu tô, tem muita gente lá que não tem curso, é analfabeto... eu digo: rapaz faz um curso, estuda, dou um incentivo, porque se a pessoa não tiver um curso hoje sofre (aluno da Suplência II).

Na nova lógica social desenhada pelo capitalismo a formação do trabalhador passa a representar uma “suposta solução” para os problemas causados pelas transformações estruturais no mundo do trabalho, principalmente o desemprego. Essa fórmula – mais educação igual a mais emprego – termina aproximando ainda mais os interesses do capital aos interesses tratados no trabalho pedagógico. Entretanto, as causas do desemprego superam essas questões gerenciais porque a oferta de postos de trabalho diminui com a introdução de novas tecnologias e não será a qualificação que vai ampliar as oportunidades no mercado, o que de certa forma, cria é uma falsa expectativa.

Silva (1999), discute as relações entre educação e trabalho caracterizando as necessidades do capital, enfatizando sua busca na *criação de uma cultura mais ampla, centrada precisamente nos valores e objetivos da nova dinâmica da produção e do consumo*. A criação dessa cultura depende não só do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas, mas de uma homogeneização cultural desenvolvida em todas as agências. Essa nova cultura deve pautar-se, principalmente, nas categorias apresentadas no início desse capítulo – flexibilidade, participação, trabalho em equipe, competência, competitividade, autonomia, espírito crítico,

entre outras. Uma educadora do Reconquistar enfatiza aspectos presentes no mundo do trabalho e que chega a escola como aproximação entre esta e a sociedade:

Bem, a escola de uma maneira ou de outra reflete o que está colocado aí para o trabalho... antes a gente via assim a questão mesmo até da formação, do individualismo, as coisa muito individuais, você ser o melhor, você fazer o melhor e por conta dessa dita globalização a gente tá vendo que os trabalhos hoje é mais em equipe, trabalho em grupo, onde todos devem saber fazer tudo, então eu acho que a escola ela reflete a sociedade que tem, se a sociedade está desorganizada, a escola também fica desorganizada, e por conta também dos interesses econômicos, também a escola está muito vinculada aos interesses econômicos de uma classe (educadora da Suplência II).

Esses direcionamentos do capitalismo voltam-se principalmente para a educação e, de certa forma, coincidem com desejos de uma pedagogia crítica, mas ao focalizarmos com maior precisão esses direcionamentos, os desejos de homem e mulher que propõe estão direcionados para o modelo estrutural do capital não para os desejos e necessidades desses sujeitos. O capital propõe nova identidade para o trabalhador, quando procura moldar culturalmente suas necessidades a realidade social. Está, mais uma vez, impondo sua estrutura como prioridade na organização das relações.

Algumas questões insistem em vir à tona: será mesmo que o capital deseja desenvolver no trabalhador esse espírito participativo, de cooperação, autônomo, crítico da mesma forma que a pedagogia crítica propõe? Não estaria apenas otimizando sua força produtiva ao desenvolver essas potencialidades que se voltariam apenas ao mundo reduzido da empresa, do trabalho? Quais seriam suas estratégias de minimização dessa força que se desenvolveria no trabalhador, força questionadora, intervencionista, que poderia voltar-se contra suas estruturas ainda desiguais e excludentes?

A pretensão desse trabalho não é responder a essas questões, mesmo porque ainda se apresentam como incógnitas sociais, visto que se desenvolvem processualmente, mas lançar questões que possam levar a pistas interpretativas dessa nova lógica que reforça o projeto de hegemonia capitalista.

Dentro dessa realidade uma pedagogia realmente crítica na tentativa de desenvolver um currículo também crítico deve organizar o trabalho pedagógico não apenas voltado para as necessidades do capital – a formação do trabalhador – mas para as necessidades dos sujeitos, numa pedagogia do não trabalho, realidade que reúne grande número de trabalhadores. O currículo não deve estar alheio a vida organizada na sociedade onde o desemprego passa a constituir-se num impulsionador de novas formas de sobrevivência. Qual seria então o papel da EP dentro dessa realidade? Se pensarmos numa pedagogia direcionada não somente para uma cultura de preparação para o trabalho, mas para uma realidade estruturada no desemprego?

A lógica das análises apresentadas pela *antiga sociologia da educação* busca demonstrar que pautada por um currículo oculto a escola desenvolve em seus integrantes a lógica capitalista organizada por uma cultura normatizada, disciplinadora e que incentiva a passividade e integração social. Hoje, mesmo compreendendo que essas peculiaridades do currículo são reais outros estudos mostram que esses interesses do capital não são legitimados facilmente, que os sujeitos possuem história, possuem raízes culturais, valores, condutas, imaginários e, por isso esse modelo de sociedade capitalista repassado pela escola é articulado em meio a verdadeiros confrontos e, nem sempre são vitoriosos.

A escola também, antes de ser encarada como instituição deve ser compreendida como um grupo de pessoas que articulam seus desejos, sua identidade individual, suas perspectivas de vida com a realidade coletiva atuando também em sua construção. Então, a escola enquanto subjetividade, enquanto grupo, não se apresenta passiva no que concerne à ordem social.

Ainda, segundo Silva, essas relações entre escola e economia já não está somente ao nível do currículo oculto, mas é proclamada como desejável diante da necessidade de integração do homem na sociedade com a idéia de que assim superaria os males sociais como a pobreza econômica e cultural, articuladas por discursos democráticos, de igualdade e solidariedade. Acrescenta que...

...o que está ocorrendo hoje, dada a hegemonia da visão de mundo do novo capitalismo, é que as estratégias empresariais de gerência estão afetando diretamente a educação. As reformas educacionais conduzidas pelas

políticas neoliberais têm sido alguns dos principais canais dessa transferência da lógica empresarial para o campo educacional. O campo educacional é, hoje, claramente, um campo colonizado pelo discurso e pelas estratégias empresariais de gerência. Na verdade não se trata apenas de uma transferência de estratégias gerenciais, mas de transferência de uma mentalidade gerencial para a própria esfera do currículo e da pedagogia (idem:79-80).

Uma educação voltada para o trabalho vai além dos muros da escola, surge na família, na comunidade, no grupo de amigos, na Igreja, enfim está imbricada na sociedade como aprendizado universal. *Não só aprendemos cedo que teremos de trabalhar, mais ainda, que teremos de vender nossa capacidade de trabalho para sobreviver (Arroyo, 1999: 16).*

Esses estudos sociológicos que apresentam a escola com aparelho ideológico do Estado, com função reprodutivista das relações sociais desenvolvidas no capitalismo representaram um avanço nas análises desenvolvidas nas décadas de sessenta e setenta acerca do papel da escola, entretanto foram tomadas em certa medida como absolutas, escondendo a realidade dialética de contra-posição, de intervenção, deixando de lado a compreensão da educação como espaço de mudança social e cultural.

Nos espaços escolares, na dinâmica própria desse ambiente, nas subjetividades presentes nas propostas pedagógicas que ultrapassam as mediações burocráticas e políticas são os sujeitos que, em certa sintonia, estão estabelecendo padrões de aprendizado, estão discutindo e/ou aceitando conhecimentos, valores, idéias, visões de mundo e de sociedade. As diversidades presentes nesse espaço conferem riqueza cultural a esses momentos, seja pela presença do negro, do índio, do jovem, do adulto, do religioso ou do ateu, do homem ou da mulher, enfim uma identidade multicultural é desenvolvida nos espaços escolares.

A preocupação que deve vir à tona nas escolas e, em especial aqui nos espaços de EP não deve resumir-se no como qualificar o trabalhador, ou somente em que conhecimentos eleger nessa formação, mas estar atento para o ideal de homem trabalhador que se pretende desenvolver, como constitui-lo na totalidade de sua condição de homem ou mulher, dentro da realidade do capital, levando em conta as relações ali desenvolvidas e sua capacidade crítica e atuante.

Essa preocupação deve estender-se às subjetividades, às relações existentes entre currículo e produção cultural, à ética, às relações com a natureza, enfim valorizar a realidade cultural sem deixar de lado os desejos de superação ali presentes. Arroyo auxilia na discussão acerca da relação entre escola e trabalho enfatizando que...

...situar a relação escola-trabalho-formação do trabalhador no âmbito das relações sociais na escola e na produção significa ver a educação como prática social e cultural, como relação humana, de sujeitos, como produção e reprodução consciente e intencional de um protótipo de ser humano e como ação-intervenção política e cultural que mexe com aspirações, valores, pensamentos, enfim, com sujeitos humanos que pensam e têm suas aspirações (idem:31).

Uma pedagogia crítica atua para desenvolver não apenas a formação integral do trabalhador, baseada nas relações entre teoria e prática, mas também evidencia aspectos críticos que possibilite uma visão ampla de sociedade, do mundo do trabalho organizado no capitalismo. A partir desses direcionamentos o currículo deve enriquecer-se, sendo capaz de discutir conhecimentos e informações necessárias, discutir e ampliar idéias e valores construídos nas experiências sociais, e enfim, trabalhar aspectos eminentemente políticos.

Os aspectos ligados a formação crítica não se reduzem a um grupo de conteúdos ou a um currículo que se limita a uma análise crítica do mundo do trabalho ou da sociedade, mas representa toda uma concepção social e educacional que fundamenta-se na consciência das oportunidades que devem possibilitar, no encontro do homem com o saber, com a política, com a religião, com a arte, com a tecnologia, com o trabalho enquanto espaço também de luta e por isso, com a vida concreta, com sua realidade histórica e cultural.

Essa pedagogia deve tentar articular momentos coletivos para a construção de uma visão mais participativa e crítica acerca do mundo que nos situamos, que almejamos, que construímos, visões que não se limitem a lógica da mercadoria e do consumo, mas que a partir do aprisionamento do homem a essas formas de vida se descubra modelos *pedagogicamente diferentes* de convivência.

Considerações Finais

Para tecer algumas considerações finais acerca do objeto de estudo é importante reafirmar algumas concepções que nortearam este trabalho, assim como situar as categorias utilizadas na investigação da experiência de educação desenvolvida no Projeto Reconquistar, que procura organizar suas práticas pedagógicas a partir das concepções de Educação Popular.

Este estudo foi desenvolvido a partir de dois eixos centrais: *as representações da Educação Popular e a formação* desenvolvida por essa experiência, levando em consideração o currículo vivido, construído nos planejamentos, e o currículo oculto, representado aqui pelos saberes produzidos no cotidiano, nas interações, nos confrontos e acordos, no diálogo.

A categoria central, que atua como cenário dessa reflexão é a *cultura*, as diversas formas de produção cultural advindas da experiência comunitária, assim como àqueles saberes instituídos, organizados e sistematizados pela humanidade ao longo de sua história no mundo. Saberes que formam um conjunto de direcionamentos que norteiam as visões acerca da realidade, a construção de valores, as idéias e crenças acerca da vida e das atuações no mundo. Portanto, esses potenciais advindos do mundo vivido e sistêmico são eminentemente políticos, visto que direcionam as interações com a natureza e com os homens e mulheres de nossa sociedade.

Nesse contexto, as interações e fazeres próprios do mundo educativo organizados por essa experiência consubstanciam aspectos ligados ao mundo próprio da escola enquanto instituição formal, ligados à instrumentalização, ao acesso ao mundo do trabalho pelo desenvolvimento de habilidades requeridas pelo mercado e, de outro lado, busca desenvolver estratégias de superação dessas categorias ao destacar nesses processos de aprendizagem aspectos ligados a formação crítica e política. Entretanto, essa noção de formação política e formação crítica, muitas vezes limita-se à reflexões pontuais acerca de situações vividas em nossa sociedade ou à realidade social desses sujeitos, importantes para sua formação, mas que se fragmentam dada sua superficialidade diante do contexto ideológico mais amplo no qual estão inseridos. A

própria forma de conduzir essa formação instrumental oportuniza um direcionamento político bem mais efetivo que pode intervir diretamente na atuação desses sujeitos em suas realidades socioeconômicas.

A opção por desenvolver uma prática educativa, levando em consideração as concepções de Educação Popular apontam para intenções que vão além das questões instrumentais, procurando desenvolver valores diferentes daqueles enfatizados pela cultura dominante, quando, por exemplo, prioriza a solidariedade em vez da competição, o respeito à natureza que se contrapõe a noção capitalista de apropriação material, o diálogo e respeito ao outro na tentativa de superação do individualismo, a participação em vez do autoritarismo, enfim, um cotidiano onde o currículo oculto e vivido reflete o compromisso com a luta contra-hegemônica na busca de transformação das relações vividas em nossa sociedade.

Em meio a esses direcionamentos presentes nas práticas observa-se, ainda, a presença de outras concepções, outras lógicas advindas da experiência adquirida no mundo vivido e que representam certo retorno às concepções tradicionais de educação e, portanto, conferem a esse espaço educativo um caráter contraditório. As práticas pedagógicas, por estarem intimamente ligadas aos saberes dos educadores e educandos advindos do mundo vivido e instituído pelo capital, organizam-se nos confrontos, nas idas e vindas do cotidiano, onde escreve-se os interesses e atitudes presentes nesse capital cultural, pautado pelas subjetividades e, portanto, caracteriza-se pela diversidade de interesses e atuações.

Assim, compreende-se que as experiências construídas no cotidiano social, fruto das relações coletivas ou individuais, no contato com a natureza conceptual e ideológica presente nos meios sociais, encontram-se no centro do processo histórico que é a substância da vida, por isso o que é elaborado no presente também nasce da relação com o passado, expresso nas subjetividades, construídos nos momentos dialógicos e *práxis* comunitárias.

A formação desenvolvida nesse ambiente possui uma característica bastante singular, pois tenta integrar diferentes aspectos que são o profissional, a educação básica e a cidadania, no entanto prioriza a formação política como linha de trabalho pedagógico. Contudo, esse aspecto

é enfatizado principalmente nas Habilidades Básica e Habilidades de Gestão, acrescido ao fato de que nem todos os educadores priorizam essa perspectiva nas atividades que desenvolve em sala de aula.

Essa ênfase política que, de certa forma, direciona as atividades pedagógicas dessa experiência contrapõe-se às perspectivas e interesses da maioria dos alunos que, diante da situação de exclusão em que se encontram buscam nesse espaço adquirir habilidades para integrar-se ao mercado de trabalho ou mesmo que possibilite desenvolver atividades que lhes garanta algum tipo de renda. A pouca participação desses sujeitos na organização da experiência, contribui para fortalecer essa perspectiva instrumental, visto que esses aspectos não são discutidos e aprofundados.

Diante dessas necessidades imediatas de sobrevivência, as buscas pela profissionalização e escolarização estão intimamente ligadas as exigências do mercado de trabalho e, assim, constitui-se no estímulo primeiro para a participação, modelando os desejos e anseios desses sujeitos diante da educação formal. Educação aqui está relacionada à melhoria nas condições de vida, na construção de um futuro mais digno quanto a moradia, alimentação, vestimentas, e principalmente, quanto ao espaço garantido no grupo, na sociedade, como garantia, também, de respeito e valorização de sua identidade.

Esses interesses integram o capital cultural do aluno em constante relação como o capital cultural da instituição, representados pelos saberes dos educadores, coordenadores e funcionários, grupo que pensa e organiza essa experiência. Esse confronto requer de seus participantes uma organização mais coletiva, que busque a integração desses jovens e adultos trabalhadores, na tentativa de refletir sobre o papel da educação, seu potencial transformador que contribui para a superação das desigualdades quando possui um caráter mais abrangente, de ampliação das possibilidades, não só instrumental, mas que possibilita o acesso aos conhecimentos desenvolvidos pela humanidade, que possibilita não só a proximidade com a tecnologia, mas a compreensão acerca de sua sistematização e organização, e portanto, a oportunidade de aprofundamento teórico/prático, que permite também o desenvolvimento não

só do potencial crítico, mas humano, ético, artístico, espiritual, potencializando os sujeitos para a superação dessa realidade social, que exclui e desumaniza o homem.

As práticas pedagógicas direcionadas pelas concepções da Educação Popular procuram valorizar aspectos, muitas vezes, desconsiderados em nossas escolas, como o potencial da amizade entre educador e educando para o desenvolvimento da aprendizagem, a valorização dos saberes que possui, a introdução de sua realidade nas reflexões, o desenvolvimento de sua expressividade oral e participação, seu compromisso crítico com a realidade social, enfim toda uma lógica “nova” de formação e que, aparecem muitas vezes, implícitas no currículo oculto ou claramente observadas nas atividades desenvolvidas nessa experiência.

Referências Bibliográficas:

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1970.
- ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- APPLE, Michael W. *Repensando Ideologia e Currículo*. In Moreira, Antonio Flávio & Silva, Tomaz Tadeu da (orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 3 ed. 1999.
- _____. *Política cultural e educação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ARROYO, Miguel G. *As Relações Sociais na Escola e a Formação do Trabalhador*. In FERRETTI, Celso J., JR., João dos Reis Silva, OLIVEIRA, Maria Rita N. S.(Orgs.). *Trabalho, Formação e Currículo: para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, 1999.
- BAUDELOT, Christian & ESTABLET, Roger. *La escuela capitalista en França*. México: Sec. Veintiuno, 1976.
- BERGER, Peter I. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BOFF, Clodovis. *A Teologia da Libertação e a Crise de Nossa Época*. In BOFF, Leonardo, REGIDOR, José Ramos, BOFF, Clodovis. *A Teologia da Libertação, Balaços e Perspectivas*. São Paulo: Ática, 1996.
- BOFF, Leonardo. *As Bodas de Prata da Igreja com os Pobres: a Teologia da Libertação*. In BOFF, Leonardo, REGIDOR, José Ramos, BOFF, Clodovis. *A Teologia da Libertação, Balaços e Perspectivas*. São Paulo: Ática, 1996.
- BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia da Ação Comunicativa: uma leitura de Habermas*. Ijuí – RS: Ed. UNIJUÍ, 1997.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. São Paulo: Papirus, 1989.
- _____. *Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CODO, Wanderley et alli. *Indivíduo, Trabalho e Sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORAGGIO, José Luis. *Desenvolvimento Humano e Educação: O Papel das ONGs Latino-americanas na Iniciativa da Educação para Todos*. São Paulo: Cortez, 1999.

DAMASCENO, Maria Nobre. *Pedagogia do Engajamento: trabalho, prática educativa e consciência do campesinato*. Fortaleza: Edições UFC, 1990.

_____. *Tecendo a Democracia na Escola: outro olhar sobre a participação popular na prática pedagógica*. In Revista Educação em Debate – Ano 20, nº 36 – p. 120-130, Fortaleza: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 1998.

_____. *As Práticas Culturais dos Estudantes: experiência vivida e socialização escolar*. THERRIEN, Jacques & DAMASCENO, Maria Nobre (Orgs). Artesãos de Outro Ofício: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar. São Paulo: Annablume, 2000.

DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1996.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. Recife, 1959. Tese (Concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação) – Educação de Belas Artes de Pernambuco.

FREIRE, Paulo & NOGUEIRA, Adriano. *Que Fazer*. Teoria e Prática em Educação. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 9ª edição, 1981.

_____. *Pedagogia da esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 4ª edição, 1997.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 16ª edição, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo, Cortez, 1999.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Práxis*. São Paulo: Cortez, 1998.

GENTILI, Pablo. *A Complexidade do Óbvio: a privatização e seus significados no campo educacional*. In: Silva, Luiz Heron da (Org.). *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. Petrópolis, Vozes, 1998.

GIROUX, Henri. *A escola crítica e a política curricular* (trad. Dagmar Zibas). São Paulo: Cortez, 1987.

GIROUX, Henri & SIMON, Roger. *Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular*. In: Moreira, Antonio Flávio & Silva, Tomaz Tadeu da (orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 3ª ed. 1999.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOHN, Maria da Glória. *Educação Popular na América Latina no Novo Milênio: impactos do novo paradigma*. Disponível em <<http://www.anped.org.br/24/tp.htm#gt6>> Acesso em 19 de fevereiro de 2002.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Força Histórica dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

GUTIÉRREZ, Francisco. *Educação como Práxis Política*. São Paulo: Summus, 1988.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de La Accion Comunicativa*. Madrid: Ed. Taurus, 1988.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LINHARES, Ângela. *Os Tortuosos e Doces Caminhos da Sensibilidade*. Fortaleza: Dissertação de Mestrado, Faced/UFC, 1995.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6 volumes, 1980.

MATOS, Kelma S. Lopes. *Nas Trilhas da Experiência: a memória, a crise e o saber do movimento popular em Fortaleza*. Fortaleza: Dissertação de Mestrado, Faced/UFC, 1995.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação Popular e Educação de Adultos*. São Paulo: Ed. Loyola, 1973.

_____. *Estado e educação popular: recolocando o problema*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

REGIDOR, José Ramos. *Vinte e Cinco Anos de Teologia da Libertação*. In BOFF, Leonardo, REGIDOR, José Ramos, BOFF, Clodovis. *A Teologia da Libertação, Balaços e Perspectivas*. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, Heloísa Helena. *O Sujeito nas Relações Sociais e Formativas*. In. FERRETTI, Celso J., JR., João dos Reis Silva, OLIVEIRA, Maria Rita N. S.(Orgs.). *Trabalho, Formação e Currículo: para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, 1999.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. *Saberes escolares e o Mundo do Trabalho*. In. FERRETTI, Celso J., JR., João dos Reis Silva, OLIVEIRA, Maria Rita N. S.(Orgs.). *Trabalho, Formação e Currículo: para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, 1999.

SAVIANI, Dermeval. *A Nova Lei da Educação: Trajetória, Limites e Perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Trabalho, Educação e Prática social*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

_____. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Educação, Trabalho e Currículo na Era do Pós-Trabalho e da Pós-Política*. In. FERRETTI, Celso J., JR., João dos Reis Silva, OLIVEIRA, Maria Rita N. S.(Orgs.). *Trabalho, Formação e Currículo: para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, 1999.

THOMPSON, Eduard. *A Formação da Classe Operária Indefesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

TOMMASI, Livia de. *Financiamentos do Banco Mundial no Setor Educacional Brasileiro: os projetos em fase de implementação*. In. Tommasi, Livia de, WARDE, Mirian Jorge, HADDAD, Sérgio (Orgs.). *O Banco Mundial e as Políticas Educacionais*. São Paulo: Cortez, 2ª ed. 1998.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. *Educação Popular em Tempos de Democracia e Pós-Modernidade: uma visão a partir do setor saúde*. In. COSTA, Marisa Vorraber. *Educação Popular Hoje*. São Paulo: Loyola, 1998.

ANEXOS

PROJETO RECONQUISTAR - FICHA DE INSCRIÇÃO - ANO 2001

01. Identificação:

Nome: _____ Sexo: _____

Endereço: _____ Bairro: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade ____ Doc.: _____

02. Situação de moradia:

Própria () Alugada () Mutirão () Ocupação () Outros ()

Telefone: _____ () residencial () recado () trabalho

03. Escolaridade:

Estuda: () Sim () Não

Se respondeu sim, em que série estuda? _____

Se respondeu não, estudou até que série? _____

04. Situação Ocupacional:

Está empregado(a): () Sim () Não

Se desempregado responda:

Qual sua profissão ou em que já trabalhou? _____

Procura emprego? () Sim em quê? _____

() Não

Nome do(a) esposo(a) ou companheiro(a): _____

Ele ou ela trabalha? () Sim em quê? _____ Onde? _____

Quantos filhos tem? _____ Quantas pessoas moram na sua casa? _____

Nº de filhos de 02 a 06 anos ()

Quantas pessoas trabalham? _____

Obs.: Mãe solteira? () Sim () Não

05. Já participou de algum curso no Projeto Reconquistar:

Sim () Não () Se respondeu SIM, em que curso? _____

Concluiu: () Sim () Não, por quê? _____

Que curso deseja fazer agora? _____

06. Escreva um pouco e conte porque gostaria de fazer esse curso:

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EDUCADORES E ALUNOS DO RECONQUISTAR

Averigar como os sujeitos percebem e explicam:

1) Processo Formativo (conteúdos, habilidades e atitudes)

- a) o significado e interesse pelo projeto (em termos pessoal e profissional);
- b) a organização da proposta educativa dessa experiência (funções, tomada de decisão, recursos, metodologia, divisões quanto ao espaço e tempo....);
- c) as formas de participação (parcerias, membros da comunidade, outras instituições, voluntários, alunos, educadores);
- d) principais conteúdos trabalhados (como acontece a escolha ou direcionamento, qual a importância que se dá a eles, como avalia o grau de aceitação desses conteúdos, aprendizagem);
- e) as reações dos alunos quanto ao processo pedagógico (atitudes de aceitação ou resistência);
- f) a avaliação (como acontecem, respostas dos sujeitos que vivenciam esse processo)

2) O significado do Trabalho:

- a) educação x trabalho – de que forma estão relacionadas e qual o papel da educação;
- b) o significado do trabalho – visão que possuem acerca do trabalho e formação profissional;
- c) percepções das manifestações da divisão social do trabalho (gênero, raça, nível social, estética);

3) O processo político pedagógico da proposta do Reconquistar:

- a) o processo político e sua relação com a possibilidade de inserção no mercado de trabalho ou a elaboração de propostas alternativas (que tipo de formação política está presente, que trabalhador o projeto propõe);
- b) como é trabalhada essa proposta de construção da cidadania;
- c) proposta de grupos cooperativados (como surgiu, como estão caminhando, quais as dificuldades);

Discussão Grupal com as Turmas da Suplência I e II

Tema: Trabalho

Objetivos:

- Possibilitar uma reflexão sobre o tema a fim de compreender as diferentes visões que os sujeitos trazem tentando articula-las com seus sonhos e projetos de vida.
- Possibilitar um espaço incentivador do fluir da subjetividade, através da mística própria de uma oficina (dinâmicas, debates, confronto de idéias, tentativa de consenso).

Procedimentos:

1º momento – abertura da discussão através de uma dinâmica (correio de incentivo)

2º momento – apresentando o tema através da música ‘Fábrica’ do Legião Urbana, sugerindo em seguida uma reflexão sobre sua letra. Essa reflexão pode ser uma tempestade mental de idéias.

3º momento – Apresentar os subtemas¹ que devem ser reorganizados a partir da primeira reflexão e propor uma discussão mais aprofundada. Dividir os participantes em grupos de três (não devem ser grupos grandes) e propor que cada grupo represente como achar mais criativo suas idéias (deverá deixar a disposição bastante material como cartolina, canetinha, giz de cera, cola, tesoura, revistas, papel ofício, fantoches, tinta, etc.).

4º momento – apresentações! O grupo irá apresentar sua percepção. O animador deverá registrar no quadro as idéias que aparecerem, bem como gravar as falas.

5º momento – Ao final, as idéias devem ser lidas e agrupadas por afinidade.

6º momento – Para finalizar o animador fará a leitura dos resultados propondo uma discussão mais geral se houver necessidade de aprofundar alguma questão colocada pelo grupo. Fecha a discussão com uma avaliação coletiva das atividades desenvolvidas.

¹ Sugestão: O significado do trabalho; a relação escola e trabalho; trabalho e a diferenciação por gênero, cor, classe social, etc.

Discussão Grupal com a turma da Informática

Tema: Os jovens e o Mundo do Trabalho

Objetivos:

- Possibilitar uma reflexão sobre o tema a fim de compreender as diferentes visões que os sujeitos trazem tentando articula-las com seus sonhos e projetos de vida.
- Possibilitar um espaço incentivador do fluir da subjetividade, através da mística própria de uma oficina (dinâmicas, debates, confronto de idéias, tentativa de consenso).

Procedimentos:

1º momento – abertura da discussão através de uma dinâmica (correio de incentivo)

2º momento – apresentando o tema através da música ‘Não é Sério’ do grupo Charlie Brown Jr., sugerindo em seguida uma reflexão sobre sua letra. Essa reflexão pode ser uma tempestade mental de idéias.

3º momento – Apresentar o vídeo clip: O Que Você Quer Muito na Vida e organizar a discussão a partir desse filme (segue um roteiro das questões que devem ser abordadas).

4º momento – Dividir os participantes em grupos de três (não devem ser grupos grandes) e propor que cada grupo represente como achar mais criativo suas idéias (deverá deixar a disposição bastante material como cartolina, canetinha, giz de cera, cola, tesoura, revistas, papel ofício, fantoches, tinta, etc.)

5º momento – apresentações! O grupo irá apresentar sua percepção. O animador deverá registrar no quadro as idéias que aparecerem, bem como gravar as falas.

6º momento – Para finalizar o animador fará a leitura dos resultados propondo uma discussão mais geral se houver necessidade de aprofundar alguma questão colocada pelo grupo. Fecha a discussão com uma avaliação coletiva das atividades desenvolvidas.

Grupo de Discussão com a turma de Informática

Tema: *Os jovens e mundo do trabalho*

Após Assistir ao Vídeo Clip – *O Que Você Quer Muito na Vida*, refletir:

- 1- Com qual (quais) do (s) Jovem(s) você mais se identifique? Porque?
- 2- Tente lembrar quem falou o quê?
- 3- E você(s) o que quer(em) muito na sua(s) vida(s)?
- 4- Quais as dificuldades que você(s) imagina(m) que vai (vão) encontrar no caminho para realizar o(s) seu(s) sonho(s)?
- 5- Que fatores influenciam no ingresso e sucesso no emprego?
- 6- Qual a importância do trabalho na sua(s) vida(s)?
- 7- De um modo geral os jovens sonham com uma vida digna onde existam as condições essenciais para viver bem (saúde, educação, segurança e lazer), eles se sentem construtores desse sonho?

Comente(m) essa opinião dos jovens: você(s) concorda(m), discorda(m).....

Fábrica

(Renato Russo)

Nosso dia vai chegar, teremos nossa vez,
Não é pedir demais: Quero justiça.

Quero trabalhar em paz não é muito o que lhe peço
Eu quero trabalho honesto em vez de escravidão.

Deve haver algum lugar onde o mais forte não
Consegue escravizar quem não tem chance.

De onde vem a indiferença temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?

O céu já foi azul, mas agora é cinza.
E o que era verde aqui já não existe mais.

Quem me dera acreditar que não acontece nada
De tanto brincar com fogo, que venha o fogo então.

Esse ar deixou minha vista cansada...
Nada demais.

Não é sério (clima)

Música: Charlie Bronw Jr.

Letra: Chorão e Negra Lee.

*Eu vejo na tv o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
Eu vejo na tv o que eles falam sobre o jovem não é sério. Não é sério.*

Sempre quis falar, nunca tive chance
Tudo que eu queria estava fora do meu alcance
Sim, já... já faz um tempo, mas eu gosto de lembrar.
Cada um, cada um. Cada lugar, um lugar.
Eu sei como é difícil. Eu sei como é difícil acreditar
Mas essa porra um dia vai mudar
Se não mudar pra onde vou...
Não cansado de tentar de novo
Eu passo a bola, eu jogo o jogo.

*Eu vejo na tv o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
Eu vejo na tv o que eles falam sobre o jovem não é sério. Não é sério.*

A polícia diz que eu já causei muito distúrbio
O repórter quer saber porque eu me drogo
O que é que eu uso
Eu também senti a dor
E disse tudo eu fiz a rima
Agora tô por conta
Pode crer que eu tô no clima
Eu tô no clima, segue a rima

*Revolução na sua mente você pode, você faz.
Quem sabe mesmo é que sabe mais
Revolução na sua vida você pode, você faz.
Quem sabe mesmo é que sabe mais*

Também sou rimador, também sou da banca.
Aperta um do forte que fica tudo a pampa.

O que eu consigo ver é só um terço do problema
É o sistema que tem que mudar
Não se pode parar de lutar, senão não muda.
A juventude tem que estar afim, tem que se unir.
O abuso do trabalho infantil, a ignorância só faz destruir a esperança.
Na tv o que eles falam sobre o jovem não é sério, não é sério.

Deixe-me viver
É o que me dói.

O ESTUDO DA DOCUMENTAÇÃO:

1. PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO:

- Com a leitura do projeto levantei os seguintes dados:

Proposta político-pedagógica:

“Atuação social que leva em conta um conjunto específico de mudanças relativas à intenção do indivíduo e das coletividades com o mundo produtivo.”

Integração: escolarização / profissão / cidadania

Formação cidadã (o que significa? Como está acontecendo?)¹

Integração na vida social, em particular do trabalho: Projeto Paulo Freire (é uma continuidade?)

Organizada em Habilidades: Habilidade Básica (refere-se ao ensino fundamental, sendo composta pelas disciplinas de conhecimento básico, Espanhol e Informática), Habilidade Específica (refere-se ao conhecimento técnico) e Habilidade de Gestão (refere-se a formação para a cidadania (como são entendidas e vivenciadas? Qual o eixo principal?))

Organizada em Módulos – módulos são períodos onde são divididos os conteúdos e servem como parâmetros para as séries do ensino fundamental, no técnico é onde são distribuídas as habilidades (por que essa escolha? O que significam na prática?)

Parcerias:

- Cáritas Brasileira Regional (essa entidade configura-se em uma das parceiras mais diretas do Reconquistar, pois os projetos enviados ao Plano Estadual de Qualificação – PEQ eram registrados em nome dessa entidade que acompanhava sua organização mais de perto)
- Reconstrução (ONG-SP, atua principalmente como assessoria pedagógica)
- Associação Santo Dias (ligada a Pastoral Operária e representa o Reconquistar principalmente em projetos que são enviados para fora do país)

¹ Os questionamentos ou observações que aparecem entre parênteses são reflexões minhas.

Perspectivas

- Inserção no mercado de trabalho
- Trabalho cooperado (outras?)

Metodologia especial

- Concepções:
- Aprendizagem flexível – estratégias (?)
- conotação do conhecimento – Paulo Freire
 - “Fazer” – “Conhecer” – “Saber aprender” - Pedagogia Paulo Freire (como acontece?)
- Experiências – semente de centros públicos da formação cidadã (o que significa? O que tem sido feito para efetivar essa proposta?)
- Subsídios teóricos e práticos que melhorem as condições de obtenção de um emprego formal e/ou um trabalho autônomo solidário, autogestionário...
- Educação como processo que envolve os alunos na construção de seu próprio conhecimento, que permitem o confronto do novo com sua vivência, e experiência, p/ valorizar e/ou superar seu conhecimento.
- Educação como processo lúdico – prazeroso.
- O fio condutor é a prática profissional
- Eixos: Trabalho como princípio educativo e cidadania numa perspectiva de emancipação humana.
- Lutas populares e seus projetos
- O sentido do trabalho para a vida (profissão e educação)
- Objetivos:
- Articular dimensões do trabalho, do conhecimento, da cidadania e da subjetividade (identidade contraída a partir do sentimento de pertença social, da capacidade criativa e do acesso cultural).
- Constituição de sujeitos que interfiram coletivamente, em sua própria realidade.
- Contribuir para a democratização das relações de trabalho no País.
- Estimular a prática de experiências associativas.
- Meta: 882 certificações – oferecendo HB – HE – HG através da interdisciplinaridade.
- Preparar para a compreensão do mundo do trabalho, suas mudanças e as formas históricas de organização e luta dos trabalhadores enquanto classe.

- Desenvolvimento da expressão e comunicação, do raciocínio lógico – matemático e compreensão das leis que regem a natureza e as relações sociais, despertando a criatividade, a consciência crítica e a importância do trabalho coletivo.
- Contribuir para o desenvolvimento sustentável da região (como isso é trabalhado? Quais as iniciativas?)
- Orientação para a constituição de novos núcleos e consolidação de 3 núcleos já existentes.
- Estimular a prática de experiências associativas oferecendo formação permanente...
- Desenvolvimento sustentável local, segurança alimentar – agricultura orgânica... geração de renda.
- Oferecer formação permanente p/ os docentes.
- Oferecer competência técnica e exercício da cidadania
- Desenvolver a economia solidária (cooperativismo e trabalho autônomo solidário)

O sucesso deve-se a:

- Formação permanente para a equipe técnica (como acontece? O que pensam?)
- O trabalho em parceria (como?)
- O financiamento (fontes)
- A democracia na prática da escola (como aconteceu? O que pensam?)
- Qualificação dos gestores (quem são?)
- Direcionamento político (inclusão)
- Formação que parte do interesse dos alunos
- Metodologia (qual? Como?)

Contexto: um mundo em transformação

Princípios:

- Os educadores e educando são os principais responsáveis na criação e/ou descoberta de espaços educativos que contribuam para construção coletiva do conhecimento – eixo central o trabalho como princípio educativo
- O educador

Deve questionar, problematizar, propor desafios e discussões, partindo do cotidiano do educando, situar no mundo do trabalho e no espaço urbano/rural em torno

de uma atividade concreta, devem trabalhar diversas áreas do conhecimento e criar condições para que os educandos desenvolvam o raciocínio, a capacidade de comunicação, de métodos, de organização, etc.

- A proposta do educador deve, sobretudo, colocar questões que ensejam uma reflexão criadora como:

Organização e mobilização para criação de políticas de emprego, para gerar novos programas que valorizem experiências da geração de emprego e rendas alternativas, entre outros.

Formação crítica:

Como estratégia:

- Encontros de alunos
- Visitas
- Debates
- Uso de áudio-visual
- Avaliação coletiva
- Produção de textos e reflexão sobre textos diversos
- Aulas de campo
- Pesquisa
- Seminários
- Troca de experiências

Ensino básico:

- Oferece:
- O embasamento teórico para a prática profissionalizante.
- Concepção de educação – processo de conscientização individual e social para uma intervenção conseqüente na sociedade, de uma educação inserida no social que tem um compromisso com a construção de qualidade de vida para todos.

Informática:

- Integrada às habilidades básicas e auxiliar nas HE como fonte de pesquisa, instrumento de montagem de projetos e modelagem.

Espanhol:

- Estudo contextualizado, enfocando principalmente as lutas e movimentos populares da América Latina.

Educação profissional:

- Enfocar a dimensão social da personalidade humana e a construção do conhecimento, deve procurar evidenciar no dia a dia:

Valores

- Oferece instrumentos para que possa questionar as condições concretas de vida da humanidade, quanto às suas relações sociais e com o mundo;
- Busca desenvolver pessoas livres, críticas, autônomas e de iniciativas...
- ... compreendam a necessidade da solidariedade para a construção de uma sociedade mais justa;
- Uma educação adequada aos anseios dos educados e docentes com a realidade em que vivem.

Interação

- O grupo de educadores trabalha com base na mesma linha pedagógica
- Ações planejadas em conjunto e vinculadas;
- Tem como características o saber plural;
- Educação voltada para a formação do cidadão, para a autonomia.

Trabalho coletivo

- Garante o vínculo entre as ações, o planejamento, a pesquisa e o assumir conjuntamente as metas estabelecidas;
- Favorece o trabalho em equipe;
- Trabalha valores como a solidariedade.

Construção coletiva do conhecimento

- Interação
- Ultrapassa a mera racionalidade técnica
- A escola passa a ser um espaço não só para estudar, mas espaço de experiência de vida.

Acompanhamento e Avaliação

- Avaliação inicial

Avaliam os esquemas de conhecimentos, valores, atitudes prévias pertinentes para a nova situação de aprendizagem – os alunos revelam o que valorizam e sabem, e o que gostariam de saber e vivenciar.

- Avaliação contínua (teórica e prática)

- Perceber o grau de avanços
- Reorientar a ação pedagógica
- Avaliam-se os progressos, bloqueios e impasses
- Acontece durante o processo
- Acontece a partir de uma observação sistemática

- Avaliação final

- Identificar os resultados iniciais para planejar objetivos para novas aprendizagens
- Avalia-se o grau de aprendizagem
- Realiza-se ao fim de uma fase de aprendizagem

2. RELATÓRIO DOS EDUCADORES

Os relatórios eram construídos basicamente argumentando sobre os seguintes pontos:

- Pontos Positivos:

- Interesse dos alunos
- Iniciativa e criatividade dos alunos
- Autonomia
- Preocupação com a qualidade da peça (confecção) e exigências do mercado
- Elevação da auto-estima
- Relação professor-aluno
- Curta carga-horária
- Baixa frequência
- Mais esperança e maior auto-estima
- Meio para fugir da exclusão social

- Auto-confiança dos alunos
- Algumas encontraram emprego
- Perderam a vergonha de falar em público – conquista de algumas alunas
- Cresceram as perspectivas de estudo e trabalho
- Grande heterogeneidade das turmas
- Escassez de material
- Participação em manifestações

- Pontos Negativos:

- Dificuldade de confecção de peças (curso de Corte e costura) por parte de algumas alunas
- Frequência regular (considera a abertura e liberdade “concedida” pela professora a causadora das faltas)
- Ausência da coordenação na sala de aula
- Algumas alunas não participavam das aulas
- Dificuldade de acompanhamento por causa da defasagem na leitura e escrita
- Evasão escolar (mães que não tinha onde deixar seus filhos, muitos saíram porque conseguiram um emprego ou bico)
- Falta de recursos financeiros
- Medo que o projeto acabe (alunos e professores)

Planejamento:

- Objetivos das habilidades de gestão/resgate:

- Auto-estima
- Participação
- Trabalho coletivo
- Manifestações populares
- Formação dos sindicatos
- História de luta dos trabalhadores e conquistas
- Luta por direitos adquiridos e conquistar outros
- Problemas relacionados à saúde de trabalhador
- Saber e cultura do trabalhador
- Conquistas dos trabalhadores no Grande Jangurussu
- Incentivar a criatividade na prática solidária

Obs.: a participação nas lutas populares e movimentos da área é tida como técnica didática

3. QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AOS EDUCADORES PELA COORDENAÇÃO, SOBRE SEU PAPEL E SEU TRABALHO NO RECONQUISTAR

-Pontos que observei nesses questionários:

- Consciência da metodologia Paulo Freire
- Consciência da interdisciplinaridade
- Todos relacionam o papel do Reconquistar com o mundo do trabalho e aquisição de emprego – alguns falam de conscientização e criticidade
- Objetivo – formação política
- Trabalho em temas geradores
- Unir forças para conseguir algo mais no Estado/articulação

- Problemas:

- Planejamento (dificuldade de reunir os professores)
- Metodologia (falta de uma metodologia comum)
- Recursos financeiros (escassez)
- Pouca participação da população

INSTRUMENTO DE PERFIL E SONDAÇÃO COM OS EDUCADORES²

1. Questionário de sondagem:

Num segundo momento foi aplicado um questionário junto aos professores com o objetivo de colher informações sobre suas atividades e sobre a/as função/funções que exercem no Reconquistar:

Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Educação

Este questionário é um instrumento de investigação destinado aos educadores do Projeto Reconquistar que objetiva conhecer um pouco de sua história profissional, bem como da sua participação no projeto, suas concepções, interesses e perspectivas.

De antemão agradeço a colaboração no desenvolvimento desse trabalho.

1. Identificação: (opcional)

Nome _____

Idade _____

Endereço _____

Bairro _____ Cep.: _____

Cidade _____ Fone _____

2. Formação:

Grau de instrução _____ ano _____

Cursos _____

3. Experiências:

Hoje, leciona em que área _____

Experiências anteriores _____

Como entendo:

Educação _____

Educação Popular _____

² Esse instrumento foi aplicado com os professores das turmas escolhidas para a investigação: Agricultura Orgânica, Corte e Costura e Informática (Capacitação Solidária)

Trabalho _____

O Reconquistar:

Como conheceu essa proposta de educação? Há quanto tempo participa dessa escola?

O que conhece dessa proposta?

O que a difere de outras escolas?

O que você considera positivo nessa proposta educacional? E de negativo?

O que você considera crucial na prática pedagógica de um educador comprometido com a educação popular?

4. Meus alunos:

Como são?

Que contribuição você acha que o Projeto está dando a vida dessas pessoas?

Quanto a formação desses alunos que avaliação você faz?

Em escala de interesses enumere (1 a 6) àqueles que considera estarem mais visíveis quanto a participação dos seus alunos:

() participação no curso técnico

() participação na Suplência

() participação na Gestão

() participação na Informática

() participação nas manifestações populares

Resultados do questionário:

07 educadores

Formação: 02 com nível médio

03 com nível superior em curso

02 com nível superior em Pedagogia

Experiências:

03 educadores lecionam em outras escolas, desses, dois em escola pública no Telecurso e 01 em escola particular. Os outros quatro só lecionam no Reconquistar. Um ponto em comum é que todos já tiveram ou têm experiência com movimento popular, principalmente àqueles vinculados a igreja.

Concepções:

Educação: Entendem educação como um processo contínuo e permanente, um momento de trocas, criação, comunicação, cultura.

Educação Popular: está no meio do povo, é a partilha de conhecimentos, trás de volta as raízes, aquela que é feita a partir da vida dos educandos e educadores, que preserva os valores culturais, resgate do ser humano, um espaço rico para a aprendizagem que não discrimina, onde todos ensinam e todos aprendem.

Trabalho: dignidade, tudo que construímos, é mais que desenvolver tarefas, está relacionado as idéias e ideais e a transformação da sociedade.

O Reconquistar:

-Tempo que participa:

02 educadores participaram de todo o processo (seminários, análise de pesquisa, elaboração de projetos, convocação da comunidade, inscrição e aulas).

03 educadores conheciam a proposta desde o início, mas só agora atuam diretamente.

02 educadores entraram recentemente.

- O que conhece dessa proposta:

Que tem a finalidade de trabalhar com o excluído e possibilitar sua volta a sociedade. É uma proposta que integra profissão, cidadania e ensino fundamental, utiliza a proposta de Paulo Freire, trabalha também a saúde mental do trabalhador e a socioeconomia solidária.

- O que a difere de outras escolas:

A proposta metodológica (educação x profissão x cidadania), os educadores participam da construção dos objetivos e das decisões, é um espaço onde os alunos participam, questionam, tem como proposta trabalhar a auto-estima, o trabalho em conjunto dos educadores, há mais participação.

- Pontos positivos e negativos:

positivos – a possibilidade de acolhimento aos excluídos, os educadores populares, a metodologia, a interdisciplinaridade, a adaptação a realidade do sujeito, as aulas de Gestão, a formação contínua dos educadores, a construção coletiva, a responsabilidade assumida por educadores e alunos, o resgate da auto-estima, , a oportunidade que homens e mulheres tem de refazer as suas vidas no tocante a profissão e educação.

negativos – os momentos de encontros gerais são muito poucos, pouco material construído a partir da experiência, falta de recursos, a correria atrás de verbas, falta de tempo para se dedicar mais.

- Crucial na prática do educador popular:

Ser crítico, estar presente, o envolvimento do educador na vida dos educandos, o compromisso, o eterno planejar, estar sempre escutando o grupo.

Os alunos:

Agricultura Orgânica (Farmácia Viva) – são legais e participativos em todos os assuntos do projeto, são também inquietos, pois estão sempre buscando informações sobre tudo que acontece fora e principalmente, dentro do projeto. São cheios de problemas, mas gostam das aulas, têm um poder impressionante, logo se adaptaram ao método porque tem uma sede de aprender e partilhar seus conhecimentos muito grande, gostam das aulas práticas, gostam das aulas de campo, gostam de estudar, são solidários, buscam um futuro melhor e estão começando a se engajar na Farmácia Viva. Têm alguns problemas sérios de conseguir sobreviver economicamente, porém ainda têm esperanças e se preocupam em ampliar seus conhecimentos, conseguimos criar laços neste ano, somos amigos.

Corte e Costura – são pessoas carentes que moram em ocupações de terra, mulheres discriminadas (pobres, negras), lutadoras pela sobrevivência, pessoas com dons e habilidades, pessoas que se animam e entram nas fileiras das lutas sociais, trabalhadoras do setor informal, jovens desempregados que se agarram na escola como tábua de salvação.

Informática (Cap.Solidária)- quando chegam no projeto a maioria não se acha capaz, são excluídos e marginalizados, mas na verdade são pessoas cheias de potencial é só despertar. São adolescentes carentes, alguns já tiveram experiências com drogas, têm

dificuldades de aprendizagem, porém são alegres e ativos no fazer, gostaram e participaram ativamente da oficina de arte, em especial as de teatro e capoeira.

- Contribuição do projeto:

Está resgatando a auto-estima, propiciando um debate sobre a conjuntura atual, dando a chance de que aprendam uma profissão para que se não conseguirem emprego formal sejam capazes de fazer algo e até mesmo um trabalho solidário, contribui na formação crítica desses alunos, proporciona espaço para o saber, para a amizade e troca de experiências, renova as esperanças de trabalho, discute questões sociais e de cooperativismo.

- como avalia a formação desses alunos:

-Está boa, mas poderia ser melhor se lhes fosse dada a oportunidade de estágio e maior tempo para o ensino fundamental;

-Acho que hoje tem condição de ingressar no mercado de trabalho com uma consciência melhor, são capazes de questionar as injustiças de nossa sociedade;

-A formação é lenta devido a qualidade de vida dos educandos, mas eficaz porque é feita a partir da realidade deles.

Interesse

Habilidade Básica - aparece mais em 3º e 4º lugares

Habilidade Específica – aparece em 1º e 2º lugares

Habilidade de Gestão – aparece mais em 3º e 4º lugares

Informática – aparece mais em 1º e 2º lugar

Participação em manifestações populares – aparece em 5º lugar

Obs.: as aulas de Espanhol foram encerradas com o segundo módulo por isso não foram analisadas.

ESTUDANDO A APOSTILA DE GESTÃO – uma proposta dos educadores para se trabalhar com a conscientização política

1. Pontos retirados do material:

Objetivo da disciplina:

- Desenvolver um processo educativo de conscientização que envolva o ser humano na sua totalidade – física, moral, política, espiritual e intelectual;
- Refletir com o trabalhador os mecanismos que moldam as relações de trabalho, formas históricas de produção, organização do trabalho e de luta dos trabalhadores;
- Contribuir no desenvolvimento da consciência crítica do conteúdo social do trabalho que realiza;
- Favorecer a construção de uma cidadania ativa no sentido de colocar sua competência técnica e política a serviço da coletividade;
- Contribuir para que o trabalhador melhore seu curriculum vitae, sua auto-estima e seu auto-controle emocional.

Metodologia de trabalho:

- Problematizando o tema;
- Trabalhando em equipe;
- Produzindo textos coletivos;
- Aprofundando o tema;
- Utilizando filmes;
- Dramatização;
- Audiovisuais;
- Elaborando murais;
- Participando em atividades extra-classes;
- Participando de seminários.

Avaliação:

- Diagnóstica e permanente;
- Auto-avaliação.

2. O que percebi ao ler o material - registros e entrelinhas:

- Aparecem textos que incentivam a luta comunitária;

- Que incentivam uma projeção futura;
- Faz menção a Deus;
- Fala de liberdade;
- Trabalha a auto-estima;
- Valoriza a subjetividade;
- Trabalham a política através de desenhos e cartuns;
- Utiliza muitas músicas;
- Traz informações profissionais (sempre velado o emprego formal);
- Desperta para a valorização das diferenças individuais;
- Procura trabalhar a personalidade;
- Inicia um conjunto de textos sobre a história da humanidade (comunidade primitiva, feudalismo... capitalismo) – estes textos privilegiam a discussão acerca das relações entre os homens nestes contextos;
- Seguem letras de músicas que criticam o capitalismo;
- Textos sobre trabalho em grupo;
- Sobre o analfabeto político;
- Discute o sentido da política e seu conceito amplo;
- Começa a discutir as mudanças no mundo do trabalho com a tecnologia;
- Os modelos que até então predominavam (TAYLORISMO – FORDISMO);
- Relação homem x máquina;
- Segue texto sobre o padrão atual de acumulação capitalista (ênfasis sempre a exploração da força de trabalho);
- Termina a apostila com um texto de Berthold Brecht, intitulado: Elogio ao aprendizado...(este texto enfatiza a importância e o poder do conhecimento, como é importante ler, ir à escola, apropriar-se do saber!).

3. Imagens:

- **Na capa:** círculos que se cruzam, talvez simbolizando a integração, a interdisciplinaridade, dentro destes as palavras FORMAÇÃO, CIDADANIA, TRABALHO...
- **No corpo:** figuras de rostos sorrindo (nos textos sobre auto-estima), pessoas conversando, mais círculos que fazem a intersecção, charges... Pessoas reunidas em assembléias... Agricultores (comunidades primitivas)... O trabalho braçal (texto sobre feudalismo)... Gravura sobre a indústria com o empresário de um lado versus alguns operários, simbolizando lados opostos ou interesses contrários, etc.; gravura sobre a coletividade, pessoas que se reúnem para trabalhar, estudar, etc.; as classes populares se reunindo em assembléia; gravura sobre a pirâmide social, imagens de passeatas.

ESTUDANDO A APOSTILA DA SUPLÊNCIA – uma proposta dos educadores para trabalhar o Ensino Fundamental

Um gráfico tenta esquematizar a metodologia: parte de questões geradoras (temas geradores) e da organização do conhecimento para o conteúdo universal e aprendizagem; segue para momentos pedagógicos, elaboração de conceitos e instrumentos para compreender e atuar.

Índice:

TRABALHO; um espaço em construção; MOVIMENTO SOCIAL; uma conquista; NÓSSOS VALORES, sabedoria popular;

- Inicia com uma música sobre o trabalho do Renato Russo seguido de reflexões... (trabalho de campo – entrevistas – produção de texto, questionários reflexivos)
- Outro texto – Música: Cidadão de Lúcio Barbosa seguido de discussão e opinião crítica. Neste espaço trabalha o sinônimo das palavras desconhecidas e interpretação do texto. Termina com a arte, solicitando desenhos em quadrinhos sobre a música.
- Apresenta recortes de jornais com entrevistas feitas aos próprios alunos do curso que falam um pouco do projeto e seus planos de emprego... Questionamentos seguem sugerindo uma reflexão sobre o trabalho solidário.
- O tema seguinte é: “conhecendo o trabalho na escola”. Reflexão sobre o trabalho (solicita que os alunos escrevam poemas, cartas ou relatos sobre o tema: TRABALHO).
- Discutindo o cotidiano – êxodo no campo e o inchaço das cidades (texto) – segue questionamento sobre o tema. Segue espaço para representação artística sobre a música CIDADÃO.
- O texto sobre a economia (o que é? Como se desenvolve na nossa sociedade?) – ressaltando o COOPERATIVISMO.
- Texto sobre indústria no Ceará – é basicamente informativo (tipos de indústria, pólo industrial, características e diversidades).
- Texto sobre as indústrias no Brasil e sua classificação.

- Texto sobre as formas e fontes de energia (texto informativo)
- Segue atividades que exploram os textos sobre a INDÚSTRIA.
- Texto sobre COMÉRCIO; compra e venda; ICM (imposto sobre circulação de mercadorias); O COMÉRCIO NO CEARÁ – textos informativos.
- Texto sobre a AGRICULTURA (discute a produção agrícola, o trabalho e termina abrindo a discussão sobre a reforma agrária e o MST rapidamente).
- Texto sobre a pecuária, extrativismo vegetal, transportes (texto informativo).
- Uma página – expondo um formulário do CURRICULUM VITAE.
- Texto gramatical sobre frases.
- Exercícios sobre dígrafos e encontros consonantais.
- Exercícios sobre as classes gramaticais.
- Texto de jornais (CLASSIFICADOS onde aparecem oportunidades de emprego).
- Exercício explorando esses anúncios.
- Começa a parte de Matemática solicitando a leitura dos problemas (estes problemas que seguem tem o nome dos alunos como personagem).

2ª Unidade

Tema: Movimento Social

- Inicia com a música “Ordem e Progresso” do MST.
- Sugestão de ver o filme do MST (500 anos de resistência e luta)
- Segue questionamentos que sugerem uma reflexão sobre o tema Movimentos Sociais e pede a produção de um texto sobre este tema.
- Texto: artigo de revista que fala da marcha dos sem-terra.
- Segue texto sobre como caracterizar um sem-terra segundo o MST e inclui dados quantitativos do INCRA sobre o nº dos sem-terra.
- Atividade sugerindo pesquisa sobre o assunto.
- Trabalhando com a linha do tempo.

TEMAS TRABALHADOS

- A morte no paraíso – Colonização e escravidão – 1500 a 1800.
- Carta de Pero Vaz de Caminha.
- Linha do tempo dos movimentos sociais no Brasil.

- Música CONSTRUÇÃO – Chico Buarque, 1971.
- Música PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES de Geraldo Vandré.
- Texto sobre a SAÚDE (nutrição, higiene, saúde física e mental).
- A fome.
- Saneamento básico.
- VAMOS RELEMBRAR: o homem transforma a natureza, eletricidade, calor, efeitos do calor, variação de temperatura, magnetismo.
- Música sobre Santo Dias da Silva, mártir que deu início a luta operária.
- Trabalhando Matemática com a conta de telefone, luz e água.
- Lendo as contas e entendendo.
- Trabalhando com listas de compras.

3ª Unidade.

Tema: Sabedoria Popular

Textos:

- Chuvas de maio (poema).
- Doses de exagero – sobre o comércio farmacêutico.
- Trabalhando com bula e embalagem de remédios.
- A grande farmácia de Deus.
- Ervas medicinais e receitas caseiras.
- Ciência e arte.
- Danças populares: quadrilhas e projetos.
- O Povo faz cultura (poema de Patativa do Assaré).
- Improviso (poema do membro do P.O.)
- Como se formou a Sociedade Brasileira?
- A mão da limpeza (música de Gilberto Gil sobre o negro)
- Inicia uma seqüência de exercícios de Matemática e finaliza.